



PAPELARIA DA  
CASA VALLELE

Carmo, 45 e 55

RIO DE JANEIRO

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









Reservada a todos os direitos

# JOB

TRADUZIDO EM VERSO

POR

9074

*Jose Eloy Ottoni*

DEDICADO

AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

**D. Manoel Joaquim da Silveira**

**Bispo do Maranhão**

E PRECEDIDO

PRIMEIRO — D'UM DISCURSO SOBRE A POESIA EM GERAL  
E EM PARTICULAR NO BRASIL

PELO CONEGO J. C. FERNANDES PINHEIRO

SEGUNDO — D'UMA NOTICIA SOBRE A VIDA E BOESIAS DO TRADUCTOR  
PELO SENHOR THEOPHILO BENEDICTO OTTONI

TERCEIRO — D'UM PREFACIO EXTRAHIDO DA VERSÃO DA BIBLIA  
POR DE GENOUDE.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE F. MANOEL FERREIRA

Rua do Sabão n. 111

1852



AO EX.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SENHOR

**D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA**

Bispo da Diocese de S. Luiz do Maranhão,  
do Conselho de S. M. o Imperador,  
Commendador da Ordem de Christo, etc., etc.

**O. D. C.**

em testemunho de profundo respeito e eterna gratidão,  
que lhe tributa

O mais humilde dos seus discipulos

Conego *Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.*





# DISCURSO

SOBRE

## A POESIA RELIGIOSA EM GERAL

E EM PARTICULAR

### NO BRASIL.



No dia em que o homem sublimou o seu pensamento até o seu Creador nesse dia nasceu a Poesia Religiosa. É a primogenita d'entre suas irmãs: pois primeiro o homem extrahiu de seu peito, como d'uma harpa colia, um hymno d'agradecimento ao Senhor do Universo, que lhe dera por berço as delicias do Eden, do que cantou as façanhas dos heroes, celebrou a formosura das virgens, ou pranteou a morte de seus parentes e amigos. Abel, offerecendo ao seu Deus as primicias dos fructos da terra, fazia-as acompanhar d'orações tão puras como as suas offerendas, e que como as chammas do seu sacrificio incruento remontavam-se ao throno de Jehovah. Era a mais bella a sublime poesia: partia do coração, não da cabeça, filha do sentimento e não do calculo. Não eram uns poemas frios d'idéas, ardentes de palavras, que povoam nossas bibliothecas, dictados pela adulação, e inspirados pelo interesse. Os canticos sagrados dos primeiros Patriarchas eram cheios d'uncção, do nobre enthusiasmo. Dista tanto a Biblia das epopéas d'Homero quanto a Poesia Religiosa é superior da Poesia Profana.

A Poesia, que nascera da contemplação das maravilhas do Creador, degenerou entre os povos idolatras. Elles que tinham alterado a Revelação primitiva, corromperam tambem a Poesia, que sahindo pura das mãos do Eterno não podia senão degenerar nas mãos dos homens.

Os Gregos, eminentemente amigos da gloria e da liberdade fizeram servir a Poesia para o seu engrandecimento. O estabelecimento dos jogos olympicos, em que a Grecia inteira assistia ao certame dos poetas, dos oradores, dos athletas, em que deferia aos vencedores a corôa, que haviam ganhado, não podia deixar de ser um poderoso incentivo para o desenvolvimento do genio poetico, sob a influencia do benefico céo d'essa abençoada região; d'ahi a apparição do Pindaro, fundador da poesia lyrica, e d'Euripides e Sophocles, creadores da tragedia grega. A rivalidade entre os povos, em que estava dividida a Grecia, trazia a emulação entre os poetas, com notavel vantagem das letras.

A Grecia viu a sua poesia fulgurar com a sua liberdade, e com ella extinguir-se, ao passo que Roma herdando uma perdia outra. Desgraçadamente para os Romanos a sua poesia lyrica nasceu immediatamente depois das guerras civis de Mario e Sylla; por isso trouxe sempre impressa em sua frente o sello da sua origem. Horacio, em sua brilhante e rapida poesia, modula o seu canto segundo todos os tons: thurifica a Augusto e a Mecenas, e vai depois celebrar a dedicação de Regulo, e a grande alma de Catão. E' impossivel alliar tanta baixeza com tão grande elevação d'espírito. Seu estylo encantador seduz o ouvido, em quanto a lisongea a todas as paixões a sua voluptuosa doutrina.

Tal era no mundo antigo a poesia d'Occidente, ao passo que n'Oriente existia um povo ignorado,

escarnecido, ludibriado por seus vizinhos, mas que ha muitos seculos possuia uma poesia original, cheia d'inspiração e de sentimentos filha das instituições e dos costumes. A Poesia Religiosa entre os Hebreus foi sempre augusta interprete da Religião; e em quanto Homero divinisava as paixões, favorecendo a todos os vicios, a harpa sagrada dos Prophetas exprobrava ao povo os seus crimes, os seus desvarios, e ameaçava-o com a colera do Senhor. Isaias faz ouvir os accentos da sua profunda indignação, e Jeremias pranteia as ruinas de Sião no meio do seu luxo, e das suas galas.

As instituições dos Hebreus eram mui proprias para inspirar os seus poetas. Os povos da Judéa corriam em tropel todos os annos a cidade santa, que só em todo o reino possuia o templo do Deus vivo, do Deus, que creara o universo, e que conduzira seus pais atravez do deserto e do Mar-Vermelho. — Prostravam-se diante d'Arca onde estavam guardadas as taboas da Lei: e esses monumentos da sua crença conservados pela veneração publica eram um testemunho subsistente d'alliança que Deus jurára a seus pais. Essas santas solemnidades, que a Divindade parecia assistir enchia os corações d'admiração e d'amor: e taes são os sentimentos que animam os canticos de Moysés, os hymnos de David, e as prophecias d'Isaias.

Uma qualidade essencial á poesia é o ser ella a arte de tocar os corações: é interprete da natureza, cujos accentos, exprimidos em linguagem cadente, penetram infallivelmente as nossas almas, maxime quando escolhe para assumpto dos seus canticos objectos alegres, ou tristes: porque pela organização da nossa natureza estamos sempre dispostos a partilhar as dôres, ou as alegrias dos nossos semelhantes, uma vez que saibam despertar taes sentimentos em nossos corações. Assim a poesia foi a

cadeia de que se serviu Deus para ligar os homens entre si, associa-los para que se prestassem mutuos auxilios. A engenhosa Grecia figurára Orpheu domesticando as indomitas feras, os leões bravos, e erguendo os muros de Thebas ao som da sua lyra: era uma poetica ficção para symbolizar o poderoso influxo, que exerce a poesia sobre a civilisação dos povos.

Na infancia das sociedades encontramos sempre a Poesia Religiosa sentada junto ao berço das nações: nas margens do Jordão, e nas do Nilo, na Grecia bem como nas Galias são os sacerdotes e os druidas os que instruem os povos com seus canticos sagrados. O verso grava-se melhor na memoria do que a prosa; e d'aqui procede que os primeiros legisladores, como Lycurgo e Solou, escreveram as suas leis em verso, e que os Israelitas sabiam a Biblia de cór em razão da sua linguagem cadenciosa e harmonica. Observando que os mais antigos monumentos da litteratura se acham em verso um sabio professor d'Edimburgo, Mr. Blair, não duvidou affirmar que a poesia era mais antiga do que a prosa. Nem parecerá estranha esta opinião se notarmos que os povos barbaros, e semi-barbaros usam mais da linguagem tropologica e figurada do que os povos civilizados, e que mesmo entre os selvagens d'America e da Oceania acharam os viajantes hymnos sagrados e guerreiros, assim como canticos funereos: —

Oiçamos por um pouco ao illustre poeta, o Sr. de Lamartine, e vejamos como elle define a poesia: « A poesia, como tudo o que é divino não póde  
« ser definida por uma palavra, nem por nil. E'  
« a incarnação do que o homem tem de mais inti-  
« mo no coração, de mais divino no pensamento,  
« do que a natureza divina tem de mais magnifico  
« nas imagens, de mais melodioso nos sons. E' ci-

« multaneamente sentimento e sensação, espirito  
« e materia, eis porque é a linguagem completa,  
« a linguagem por excellencia, que apossa-se do  
« homem pela sua humanidade, idéa pelo espirito,  
« sentimento pela alma, imagem pela imaginação,  
« e musica pelo ouvido. Eis porque essa lingua-  
« gem quando é bem fallada fulmina ao homem  
« como o raio, aniquila-o pela convicção interna  
« e evidencia irreflectida, ou encanta-o com um  
« philtro, embala-o como um menino adormecido  
« em seu berço ás magas cauções de sua mãe ! Eis  
« porque o homem não póde produzir, nem sup-  
« portar muita poesia : é porque apoderando-se  
« d'alma pelos sentidos, e exaltando as suas fa-  
« culdades ; o pensamento pelo pensamento, os  
« sentidos pelas sensações, exhaure-a, opprime-a,  
« como todo o prazer demasiado, d'uma voluptuo-  
« sa fadiga, e fa-la exhalar em poucos versos, em  
« poucos iustantes tudo o que existe de vida inti-  
« ma, de força de sentimento em sua dupla orga-  
« nisação. A prosa não se dirige senão a idéa, e o  
« verso falla á idéa, e a sensação ao mesmo tem-  
« po. Essa linguagem mysteriosa e instinctiva,  
« por isso mesmo que o é jamais poderá perecer.  
« Não é unicamente a liugagem da infancia dos  
« povos, o balbuciar da intelligencia humana ; é  
« a linguagem de todas as idades do genero hu-  
« mano, caudida e simples no berço das nações,  
« narradora e maravilhosa como a ama na cabe-  
« ceira do menino ; amorosa e pastoril entre os  
« povos jovens e pastores ; guerreira e epica entre  
« as hordas guerreiras e conquistadoras, mystica,  
« lyrica, prophetica ou sentenciosa nas theocracias  
« do Egypto ou da Judéa, grave, philosophica e  
« corruptora nas civilisações avançadas de Roma,  
« de Florença, ou de Luiz XIV, desgrenhada e  
« ululante nas epochas de convulsões e de ruinas

« como 1793 ; nova melancolica e incerta, timida  
 « e audaciosa ao mesmo tempo nos dias de nasci-  
 « mento, e reconstrucção social como hoje. Mais  
 « tarde na velhice dos povos, triste, sombria, ge-  
 « mebunda e desanimada como elles, e respirando  
 « em suas estrophes os presentimentos lugubres,  
 « os sonhos phantasticos, e as firmes e divinas es-  
 « peranças d'uma resurreição da humanidade : eis  
 « a poesia. E' o mesmo homem, é o instincto de  
 « todas as suas epochas ; é o echo interno de todas  
 « as suas impressões ; é a voz da humanidade pen-  
 « sante e sensiente, resumida e modelada por cer-  
 « tos homens, mais homens do que o vulgo, *mens*  
 « *divinior*, e que paira acima d'esse ruído tumul-  
 « tuoso das gerações, e dura mais do que ellas ; e  
 « que testemunha a posteridade os seus gemidos,  
 « on as suas alegrias, seus feitos, ou as suas idéas.  
 « Essa voz não se extinguirá no mundo, porque  
 « não foi inventada pelo homem : foi Deus quem  
 « lh'a deu, foi o primeiro hymno de reconheci-  
 « mento que remontou ao Céu, será tambem o ul-  
 « timo que o Creador ouvirá no dia, em que por  
 « sua ordem o derradeiro sol allumiar o mundo. »

Pelo que acabamos de ler vê-se que a Poesia é uma flor do céu transplantada para os jardins do mundo : os homens não a inventaram, assim como tambem não descobriram a languageu, como muito bem observa o senhor Guilherme d'Humbolt, á frente da nova escola ethnographica. Deus, diz o illustre sabio allemão, deu ao homem uma languageu, perdida depois da confusão de Babel, e da dispersão dos povos ; mas de cujos fragmentos se compozeram todas as linguas e dialectos, que existiram, ou ainda existem. Ora se a Poesia sahio da intelligencia divina, como Minerva armada da cabeça de Jupiter, é claro que a Poesia Religiosa, que traz sempre comsigo o sello inde-

level de sua origem, é infinitamente superior a sua irmã a Poesia Profana.

Son front est couronné de palmes et d'étoiles,  
 Son regard immortel, que rien ne peut tenir,  
 Traversant tous les temps, soulevant tous les voiles,  
 Reveille le passé, plonge dans l'avenir !  
 Du monde sous ses yeux les fortes se déroulent.  
 Les siècles à ses pieds comme un torrent s'écoulent ;  
 A son gré descendant, ou remontant leur cours,  
 Elle sonne aux tombeaux l'heure fatale,  
 Ou sur la lyre virginalle.  
 Chante au monde vieillie ce jour père des jours.  
 (LAMARTINE 30.º *Meditation*).

Estabelecendo o paralelo entre a Biblia e Homero, o immortal visconde de Chateaubriand, diz no seu livro d'ouro, o genio do Christianismo :

« A simplicidade da Escripura é a d'um antigo  
 « sacerdote, que cheio das sciencias divinas, e  
 « humanas, dicta no fundo do sauctuario oracu-  
 « los ungidos pela sabedoria :

« A simplicidade do Poeta de Chio é a d'um  
 « velho viajante, que conta no lar do seu hospede-  
 « de o que aprendera no curso d'uma vida longa  
 « e agitada. »

A Poesia Religiosa, debullhada em pranto jazia sentada á sombra das palmeiras, que sombreiam a fonte de Siloé, quando o sol do Evangelho dis-pontou sobre o horisonte do mundo dissipando as trevas da idolatria. Platão queria banir os poetas da sua republica ; a religião Christã fez delles seus interpretes, e abriu-lhes os seus templos. Ella veio reconciliar no homem a imaginação com a razão o que não tiuham podido fazer os philo-sophos pagãos.

A Poesia expressão do que ha de mais divino no homem não podia passar sem crenças. Nada ha mais raro, diz de Genoud, de que ver um

Poeta incredulo. Voltaire é o unico que offerece esse exemplo ; e cousa admiravel descombrem-se dois homens no mesmo Voltaire ; o poeta e o philosopho, Voltaire philosopho, é incredulo ; Voltaire poeta, é christão. Era impossivel render a Religião mais bella homenagem.

O Christianismo porém não necessitava d'esse testemunho para fazer crer na sublimidade de seus dogmas, das suas tradicções e da sua moral : já a França lhe devia a *Athalia*, *Esther*, e *Polyeutha* ; a Allemanha a *Messiada* ; a Inglaterra o *Paraiso perdido* ; a Italia a *Jerusalem libertada*, e a *Divina Comedia* ; e todas as linguas da Europa os primores da sua litteratura.

« Quando á voz dos Padres da Igreja tudo se  
 « transformava sobre a terra, diz o Abbade de-  
 « Genoude, leis, costumes, linguagem, e nova  
 « poesia nasceram á sombra do sanctuario, não  
 « era mais essa musa frivola, que outr'ora can-  
 « tava debaixo dos loureiros da Grecia as desa-  
 « venças dos deuses, e os amores dos heroes ;  
 « que se aprasia no meio dos festins, e que cele-  
 « brava na mesma lyra a razão e a loucura, a  
 « virtude e o vicio, a sabedoria e o prazer.  
 « Filha do Christianismo a nova Poesia canta na  
 « harpa dos anjos a gloria de Deus, que enche o  
 « Ceo e a terra. Em lugar de convidar ao homem  
 « a gosar de bens frageis e caducos lhe recorda a  
 « sua celeste origem, e os seus immortaes des-  
 « tinos ; conta-lhe a queda do nosso primeiro  
 « pai, e a historia dos primeiros martyres. »

Entre os antigos povos eram os Poetas, que tinham creado a Religião, e entre os modernos é a Religião que engenha os Poetas, eis o typo carecteristico da nova escola de Poesia, escola, que deve a sua origem aos cantos dos trovadores, á cavallaria, e esse culto pela mulher, que fazia

o brazão dos Bayard, dos Cid, e dos Nun'Alvares. Existe para nós mais belleza, mais sublimidade nesses menestreis, que iam de castello em castello, cantando as legendas dos sanctos, ou as proesas dos cavalleiros, e que morriam debaixo dos muros da cidade sancta, nessa terra regada pelo sangue do Redemptor, do que nas epopeas d'Homero, ou Virgilio, do que o nas odes de Pindaro, ou d'Horacio. Porque, como sabiamente observa, o senhor Carlos Nodier, o ceo deserto dos atheus diz mais cousas ao pensamento do que Saturno e Jupiter. Não ha uma onda, vindo quebrar-se sobre os rochedos escarpados, que não traga mais inspirações do que a fabula de Neptuno com o seu eterno cortejo.

Observa-se até os fins do seculo passado na litteratura dos povos da raça latina uma imitação, quasi servil, dos grandes modelos, que nos legou a antiguidade grega e romana. Ninguem podia aspirar aos foros de poeta sem que soubesse de cór todas essas absurdas e chimericas ficções, que constituia a mythologia grega. Tinham travado na cabeça dos poetas uma lucta de morte as tradições da infancia com as do collegio, as ideias christans com as reminiscencias pagães: e d'ahi nascia esse synchronismo, que observamos em Dante, em Tasso, e no nosso Camões; esse amalgame repugnante, que fazia figurar a impudica deusa de Cythera ao lado da mais immaculada de todas as creaturas, do Tabernaculo Deus vivo, da Rainha dos Anjos, n'uma palavra de Maria.

Os povos da raça saxonica, ou germanica, conservavam uma litteratura a parte: o poema dos Nibelungem, o livro dos heroes (*Heldenbuch*) e os fragmentos dos *minnesonger*, seus cantores d'amor, resumem toda a poesia cavalleirosa da idade media: o grande dramaturgo inglez Shaks-

peare ignorava as regras poeticas d'Aristoteles e d'Horacio, não indo beber as suas inspirações na fonte da Castalia, talvez que nunca compulsasse as tragedias de Euripides e de Seneca.

« A idade-media, diz Mr. Victor Cousin na sua  
 « Historia da Philosophia, como todas as grandes  
 « epochas da humanidade, tinha tido a sua ex-  
 « pressão nas artes e na litteratura. Desd'o 12.º  
 « até 15.º seculo, vemos sahir do estado social da  
 « Europa do Christianismo, que é o seu funda-  
 « mento, artes e litteraturas proprias da Europa ;  
 « apparecem os trovadores da Provence, os me-  
 « nestreis d'Allemanha, e os romanceiros hespa-  
 « nhoes : Dante e Shakspeare são poetas origi-  
 « naes. A tomada de Constantinopla pelos Turcos  
 « no 15.º seculo trouxe uma revolução : os Gre-  
 « gos de Constantinopla importaram na Europa  
 « as artes, a litteratura e a Philosophia antigas.  
 « Então se viu que umas nações se lançaram com  
 « ardor na litteratura classica, taes como a Fran-  
 « ça, a Italia, a Hespanha e Portugal, e que as na-  
 « ções germanicas continuaram na sua antiga lit-  
 « teratura, ligeiramente modificada. »

Tal era o estado da litteratura até o fim do seculo 18.º, quando a Revolução Franceza, semelhante as aguas que se despenham com terrivel fragor na cataracta de Niagara, veio renovar a face da Europa.

Os miseraveis triumphos da impiedade, proclamando como hypothese a Providencia, a ordem e a immortalidade, não tinham deixado ao homem senão o orgulho d'um falso saber, a convicção da incerteza geral, sem lhe permittir essa estabilidade, que nasce da harmonia da crença humana com a religiosa. Alguns se arrastavam ainda após do carro vasio de Voltaire, outros se preparavam para lisongear o novo heroe, que lhes conferia empre-

gos, e ricas pensões em troca dos seus louvores officiaes. Mas enquanto Napoleão restaurava o antigo culto como symbolo d'ordem e de disciplina, Chateaubriand quiz fazer apparecer a sua belleza. O materialismo communicado pela sciencia reduzira a Poesia a uma fria contemplação : e os encyclopedistas, renegando a natureza e á Deus, tinham escripto com o compasso, e o calculo e jamais com o coração. Chateaubriand, no *Genio do Christianismo*, descobriu as harmonias mysteriosas que prendem o Céu a terra : deu por defesa a Religião abalada pelo sarcasmo de Voltaire, pelo espirito de Diderot, pelo fogo de Rousseau, pelos desvarios de Raynal, os encantos da imaginação, a vida das affeições, e as bellezas do culto. Essa effusão d'harmonias esquecidas fez ler com avidez o seu livro : a sociedade, cansada de scepticismo, tinha sede de crenças ; não podia permanecer no estado de duvida ; si a não tornassem catholica perder-se-hia nos tenebrosos labyrinthos da mais grosseira superstição. O *Genio do Christianismo* não foi um livro, e sim um grande acontecimento.

Ao lado de Chateaubriand erguia-se uma figura tão grande como elle em intelligencia, e talvez maior que elle em coragem ; pois era uma mulher, a baroneza de Staël, amazona intellectual, na energica expressão de Cesar Cantu, que desviando os seus olhos d'essa França mofadora e incredula, para fixa-los n'Allemanha grave, estudiosa, crente, e idealista, fez conhecer os seus poetas e philosophos, abatendo assim as barreiras que separavam a litteratura alleman da franceza : esses dois genios foram os fundadores da nova escola, conhecida pela denominação de Romantica, inspirando-se nos mysterios sublimes do Calvario, nas crenças dos povos christãos, e que em tão grande reputação não grangeado n'Allemanha Goete e Schiller ;

na Inglaterra Byron, e Scott ; na França Lamar-tine, e Victor Hugo, na Italia Manzoni e Pellico ; na Hespanha Donoso Cortez e Martinez de la Roza ; e em Portugal Garret e Herculano.

Seguimos a historia da Poesia até o ponto da sua conversão ao Catholicismo, lancemos agora uma vista retrospectiva sobre os poemas que se occuparam mais exclusivamente d'assumptos reli-giosos.

O primeiro poeta inspirado pela Musa Christan é Dante, illustre Florentino, que nasceu no meio das commoções, das guerras civis, que ensanguen-taram a Italia, durante o 13. e 14.º seculos : na *Divina Comedia*, observa-se uma singular mistu-ra d'antiguidade, sciencias theologicas e imagina-ção. Adorador de Virgilio, Dante não concebe nada de melhor do que tomar esse pagão por guia no mundo sobrenatural dos christãos ; porém abai-xo de Virgilio, e acima da Poesia, colloca a Theo-logia, a sciencia sagrada. A *Divina Comedia* é um poema politico-religioso, é a genuina expressão da sua epocha ; o primeiro passo para a emancipa-ção da poesia.

O *Rolando Furioso* d'Ariosto, que seguiu-se na ordem chronologica, não é mais do que um poe-ma romanesco, não tendo nem a gravidade, nem a extensão da epopéa ; e alternativamente serio e jo-coso, grotesco, e sublime. O vate de Ferrara não tivera outro objecto senão celebrar as aventuras cavalheirescas d'esses illustres Paladinos, que no tempo de Carlos-Magno renovavam as façanhas dos Hercules e Theseus. Colheu as tradições popu-lares, e ennobreceu-as com pomposos e sonoros versos.

A *Jerusalem libertada* de Torquato Tasso é in-contestavelmente a primeira epopéa moderna : se-guiu os passos de Homero e algumas vezes exce-

deu ao seu illustre modelo. Na escolha do assumpto revelou Tasso o seu grande genio ; pois que nos fastos modernos não existia objecto algum tão heroico como das Cruzadas, essa lucta de gigantes, esse duello de morte entre a Cruz e o Crescente, entre a civilisação e a barbarie. A scena da *Jerusalem libertada*, tão rica de recordações, tão brilhante por sua associação com as nossas ideias religiosas, é ainda aquella em que a natureza ostenta as suas mais ricas galas, e em que os mais risinhos e austeros quadros estão successivamente preparados para a Poesia. Os jardins deliciosos do Eden e as areias do deserto acham-se á par. Todos os povos christãos forneceram seus guerreiros ao exercito da Cruz: aqui o mundo inteiro é patrimonio do poeta: a Irlanda, separada do resto do mundo, se acha ao lado da Grecia, pelos seus guerreiros. A marcha do poema é verdadeiramente epica: é uma, simples, grande, terminando nobremente como começara. Tasso principia a narração o mais proximo possivel do desfecho: a acção do poema não passa de quarenta dias: e as regras da Poetica são por elle escrupulosamente observadas nesse ponto, si alguns defeitos se lhe podem notar no curso do seu poema não passam de pequenas manchas, que não podem obscurecer o brilhante disco do sol. Si não tem o fogo da imaginação de Daute, e mais correcto do que elle; ambos são illustres: d'ambos com razão se ufana a Italia.

Menos fecunda do que a Italia em poemas epicos a Inglaterra, em epocha mais recente, produziu um, que rivalisa com as creações dos bellos genios. « Milton, diz Blair, abriu em poesia uma nova estrada: compulsando as paginas do seu *Paraiso perdido*, acham-nas transportadas em um mundo invisivel, cercados d'entes celestiaes e

d'espíritos do arcano. O anjos e os demonios não são ahi empregados como machinas para o maravilhoso : são as principaes personagens do poema, e o que em qualquer outra obra seria uma ficção, é nelle o effeito da ordem natural das coisas » Causa admiração como com tão pequeno numero de materiaes, fornecidos pela Historia Sagrada, formasse elle um edificio tão completo, tão regular, tão cheio de bellezas. Adão e Eva no Paraíso terrestre, nos recordam das doces e suaves occupações d'uma vida pacifica ; as emprezas de Satanaz, a guerra entre os anjos rebeldes e as celestes legiões, apresentam-nos scenas vivas e tumultuarias. A innocencia, a pureza, a amabilidade de nossos primeiros pais, formam em todo o poema um feliz contraste com o ambicioso orgulho do principe dos demonios. Só o desfecho é que demasiadamente tragico para uma epopéa.

O Messias, esse nome sanctificado por virtudes infindas, deveu ao allemão Klopstock nova glorificação. O Salvador foi o heroe, que se propoz acompanhar, atraves das humilhações e dos sofrimentos da terra até os sublimes triumphos do ceo. O poeta desenvolveu tudo o que havia de divino, d'angelico em sua alma juvenil, educado com a leitura da Biblia, nutrido com sua seiva ; viveu com os Patriarchas, com os Prophetas, e os percursores, como se elles fossem seus contemporaneos. O que torna Klopstock superior a todo o elogio, diz Mme. de Staël, é o de ter concebido a ideia de um hymno religioso, sob a forma da epopéa, que dominou a *Messiada*, e a qual consagrou vinte annos da sua vida ; ninguem mais do que elle conservou ao sentimento christão toda a sua pureza. Os Padres da Igreja inspiraram á Dante, a Biblia á Milton, e á Klopstock inspirou o Novo Testamento, em cuja fonte foi beber as

suas maiores bellezas: soube fazer sobresahir as flores da poesia no meio da nobre simplicidade do Evangelho. Começando a leitura d'este poema julgamos-nos transportados á uma grande basilica, no meio da qual reboa o orgão sagrado, e a devoção, o recolhimento religioso, que nos inspiraram os templos do Senhor, se apossam da nossa alma ao lermos a *Messiada*.

Depois da epopéa de Klopstock, segue-se a dos *Martyres*, de Chateaubriand; a primeira canta as dores do Homem Deus, e a segunda celebra a heroica constancia dos primeiros heroes da fé.

Chateaubriand asseverava que o Christianismo era mais favoravel á poesia epica do que o polytheismo cumpria demonstra-lo, importava andar diante d'aquelles, que negavam o movimento. *Justificar aos homens as vias humanas*, segundo a bella expressão de Milton, tornar visivel a acção da Providencia em um factó bastante universal, e bastante vasto para justificar a sua invenção especial, tal é a missão do poeta epico depois que o Christianismo substituiu a humanidade á nacionalidade, as leis geraes da especie humana as tradições das raças. A vocação dos gentios pelo sacrificio d'uma sacerdotisa das Musas, d'uma virgem do sangue d'Homero, foi o factó theologico sobre o qual se fixou o poeta e que buscou ornar com todo o esplendor do seu inimitavel estylo.

No rapido esboço que fizemos das epopeas christians pozemos de parte todas as que não tinham tomado para assumpto um objecto exclusivamente religioso: por isso a *Araucana de D. Alonzo d'Er-cilla*, a *Henriade* de Voltaire, e as *Lusiadas* de Camões assim como alguns outros poemas epicos de que temos conhecimento, não podiam figurar no nosso plano; com quanto os seus auctores recorressem á Religião Christau para a confecção das

suas obras, e a esta devessem a mór parte das suas bellezas.

Semilhante ao nauta, que após uma longa e perigosa navegação avista com prazer o *Pão d'Assucar* gigante de pedra, posto d'atalaia na entrada da formosa Guanabara, experimentamos nós uma doce emoção tendo de tratar da poesia religiosa no Brasil, de volta d'uma ligeira peregrinação pelos dominios da poesia asiatica, e européa:

« A historia da litteratura, disse um distincto  
 « litterato nosso, o Sr. Norberto de Souza e Silva,  
 « é a historia da humanidade. Sahida da mesma  
 « origem, nascente immensa e fecunda, que pro-  
 « duz torrentes, rios e regatos, divide-se, sub-  
 « divide-se, modifica-se, altera-se, toma a côr  
 « céo por onde passa, e depois une-se ao in-  
 « finito para depois de novo dividir-se: a lit-  
 « teratura como a humanidade é um circulo im-  
 « menso, que sempre engrandece, e cujo eixo  
 « unico, ou ponto d'intercessão é Deus. O Bra-  
 « sil, cclonia immensa de Portugal, debaixo do  
 « seu dominio, recebe a lingua, os costumes; os  
 « conhecimentos, e emfim a litteratura dos coloni-  
 « sadores portuguezes, que pouco a pouco se mo-  
 « difica, a principio pela differença do clima, de-  
 « pois pelos inventos politicos, pela alteração do  
 « character, pela influencia das litteraturas e todas  
 « as outras nações, trazida pela liberdade do com-  
 « mercio, e principalmente dos livros. » (1)

O seculo 16.<sup>o</sup> ou da descoberta, foi todo occupa-  
 do em trabalhos de colonisação e de conquista: era necessario disputar palmo a palmo a posse do paiz, vencer essas hordas guerreiras, que não queriam, como os inertes habitantes do Ganges e do Indo, curvar suas frentes ao jugo lusitano. Os Tu-

---

(1) Vide Mosayco Poetico.

pinambás, valentes e esforçados, os Tamoyos, fortes e robustos, os Caéthés indomáveis e valerosos, cujo Deus era Tupa, cujos templos eram as magestosas florestas, oppunham uma resistencia tenaz aos conquistadores, e com quanto estes tivessem a immensa superioridade da tactica e armas europeas não teriam certamente subjugado o Brasil sem o auxílio da Religião, uma vez que não quizessem imperar sobre cadaveres.

Qual será o Brasileiro, que compulsando as paginas da historia de sua patria deixe de tributar a homenagem do seu profundo reconhecimento para com os heroicos filhos de S. Ignacio de Loyola, que deixando o repouso dos seus collegios vinham arrastar a morte, arrancando das mãos dos antropophagos. Tupinambás os cadaveres ainda palpitantes das suas victimas, que prezavam a paz no meio dos terrores da guerra, que supportavam a fome e a sede para ganhar almas para Jesus Christo, que se interpunham entre o vencedor e o vencido, a todos aconselhando o perdão, o esquecimento das injurias, e que suspendiam a lampada das letras sobre as aras da Religião.

Talvez que nos averbem de suspeito, de defender os Jesuitas por espirito de classe, deixemos portanto fallar ao Sr. Dr. Pereira da Silva que não é Padre, nem Jesuita : « Abrio-se com a es-  
« pada o caminho das brenhas, diz esse illustre  
« litterato na sua introdução ao Parnaso Brasi-  
« leiro, atravessavam-se com a lança as alcantila-  
« das montanhas venciam-se á força as torrentes  
« e caudalosos rios, e ahi, onde se plantava as  
« cinco chagas de Christo, um religioso, um Je-  
« suita se achava, e a victoria da persuasão, o  
« triumpho da palavra por elles empregada não  
« eram inferiores ás victorias e triumphos alcan-  
« çados manobrando o gladio, e dardejando a  
« morte. »

« Uma e outra eram precisas. A pericia das  
 « armas, a audacia dos invasores, a tactica dos  
 « Europeus ganhavam terras, edificavam povoa-  
 « ções, estabeleciam o dominio do seu soberano,  
 « a brandura e a eloquencia dos Religiosos, a  
 « sanctidade de vida, que professavam, que sa-  
 « biam dar, chamavam ao gremio os selvagens,  
 « conciliavam-nos com os Portuguezes faziam-nos  
 « desamparar a adoração do sol, dos rios, e das  
 « florestas para abraçarem e Christianismo. In-  
 « digenas e Portuguezes, todos deviam favores  
 « aos Jesuitas, todos os adoravam. »

As primeiras aulas que se abriram no Brasil foram nos collegios dos Jesuitas, foram elles os primeiros mestres que o Brasil colonial viu em seu seio, e foi tambem um Jesuita, quem primeiro pulsou a harpa sagrada na terra de Cabral. O Padre José d'Anchieta foi o mais rico presente que o Céu propicio podia fazer-lhe : a uma rara virtude juntava immenso saber, e ardente desejo de ser util aos povos, cuja rapida conversão operava o seu Instituto. O seu poema da *Virgem*, escripto em versos latinos, revela nelle grande erudição dos classicos, profundo conhecimento da litteratura hebraica e dos Padres da Igreja, e se não tem a sublimidade de Klopstock, e a imaginação de Milton, é o seu canto um hymno harmonioso, a doce expressão do culto, que professa pela Rainha dos Anjos. E' pena que o venerando Missionario escolhesse o latim para compor nelle o seu poema, desprezando o idioma de Camões, que apesar de não ser o do seu paiz, manejava-o com muita elegancia. Era o gosto da epocha escrever em lingua estranha desprezando a propria: gosto de que se resente a litteratura portugueza d'esse tempo.

A corôa epica juntava Anchieta a de drama-

turgo: compoz um auto em verso denominado *A Pregação Universal* era destinado a correccão dos costumes dos vencidos e vencedores, e por isso escripto nas linguas indigena e portugueza para que podesse ser comprehendido por ambas as raças.

« Tinha este drama, diz o Sr. Dr. Magalhães, « todos os caracteres da prisca comedia, e ainda « mais, os actores do drama, que não eram co- « micos de profissão mas sim particulares, a quem « damos o titulo d'amadores, fallavam em seu « proprio nome, e se accusavam de seus proprios « erros. »

D'est'arte moralisavam os Jesuitas ao povo, inspirando-lhe o gosto pela poesia, e fazendo d'ella um instrumento de perfeição religiosa, e não um philtro corruptor como em nossos dias.

O seculo 16.º antes de submergir-se no acaso viu ainda representar o auto intitulado — *O Rico Avarento e Lazaro Pobre* composição dos Jesuitas, e que operou em Pernambuco muitas esmolas e conversões. Oxalá que os nossos dramas modernos podessem produzir outro tanto !!

O primeiro seculo litterario do Brasil foi o 17.º e admira como em um paiz tão novo, onde os interesses materiaes tanto predominam, avultasse tão grande numero de poetas e prosadores. O nosso fito não é fazer a historia litteraria do paiz, e sim seguir os vestigios da poesia religiosa através do labyrintho, em que se perdem os nossos poetas.

Salvador de Mesquita, nascido no Rio de Janeiro em 1646 foi auctor d'um drama-sacro a que deu o nome de *Sacrificium Jephthæ*, no qual descobrem os criticos algumas bellezas originaes, que á par da novidade do assumpto, o tornam digno de particular apreço. E' para lamentar que nunca visse a luz da imprensa, e que se ache submergido

na Torre do Tombo em Lisboa, com privilegio de *palimpsesto*. João Mendes da Silva tambem nascido no Rio de Janeiro em 1648 compoz um poema igualmente inedito, que tinha por objecto a Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo, e seguindo a sorte de quasi todos os seus contemporaneos, que se consagravam á poesia, aquem do Atlantico morresse pobre e ignorado, quando talvez fosse credor de grande nomeada : talvez que como o pai de Tasso merecesse figurar o seu nome ao lado do de seu filho Antonio José, e *Plauto Brasilio*. De todos os poetas sagrados, que apparecem n'esse seculo aquelle que no nosso humilde entender tem a preeminencia é Fr. Eusebio de Mattos, çujas poesias por muito tempo litigiosas com as de seu irmão Gregorio de Mattos, o famoso satyrico d'essa epocha, parecem hoje caber-lhe exclusivamente, até pela unção religiosa de que o Juvenal Brasileiro não era certamente capaz. Lemos no *Flo-rilegio* do Sr. Varnhagem alguns excerptos das suas Poesias Sacras, principalmente o *Ecce Homo* e a *Soledade da Virgem*, que nos pareceram de muito merecimento poetico. E' por sem duvida uma tarefa bem difficil procurar os escriptos dos filhos das palmeiras, que consagravam os seus lazeres a poesia, em uma epocha em que não havia na nossa terra o maravilhoso invento de Guttemberg, em que as producções das musas sepultavam-se no pó das livrarias monachaes, nas quaes ainda se achariam si os vandalos modernos as não destruissem.

A poesia brasileira, que durante os dois primeiros seculos, que se seguiram a descoberta, não fôra mais do que o vagido do infante ainda no berço, no 18. já era a voz estridente do menino bulçoso e travesso. Mas os ferros coloniaes roxeavam os pulsos do gigante dos tropicos ; não conten-

te a metropole de retardar os seus progressos materiaes, como que limitava o horisonte da sua intelligencia. Que importa que em 1724 se fundasse na Bahia uma sociedade com o nome d'*Academia Brasilica dos Esquecidos*, sob a protecção do Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, e que em 1752 se abrisse no Rio de Janeiro a *Academia dos Selectos* sob os auspicios do Marquez de Lavradio, Vice-Rei do Estado, e que cinco annos antes estabelecesse Antonio da Fonseca uma typographia no Rio de Janeiro; os successores d'esses illustres Vice-Reis, melhor instruidos na politica da Côrte, a que os primeiros talvez contrariassem, mandaram fechar as sociedades que por si definhariam á falta d'alento, a typographia emudeceu tendo apenas impresso uma pequena relação composta por Luiz Antonio Rosado, e o *Exame dos Artilheiros*, do lente da Escola Militar José Fernandes Pinto Alpoim. « Esta typographia, diz o Sr. Varuhagen, na introdução ao seu *Florilegio*, emudeceu, ou porque o fizeram calculadas medidas d'uma politica desconfiada, ou porque não poderia por si mesma sustentar-se, o que não era para crêr, quando tantas outras havia já em varias cidades muito inferiores d'America Hespanhola. »

A litteratura brasileira não era mais do que um pallido reflexo da portugueza, apenas relampadijando aqui e acolá algumas excepções. Nos seculos 16.º e 17.º seguira a escola de Gongora e Marini, que cuja influencia lavrara no meio dia da Europa: a *Musica do Parnaso* de Manuel Botelho d'Oliveira, e os sermões do Padre Antonio Vieira, são uma prova da nossa asserção. Dominava a escola italiana, e esta lingua estava tão vulgarisada, ao menos entre os homens de letras, que o Cantor dos Lusíadas introduziu entre as suas estancias um verso italiano, sem necessitar traduzi-lo. No

seculo 18. a escola franceza tinha substituido a italiana: o philosopho de Ferney jungia ao seu carro triumphal todas as intelligencias: do fundo do seu castello fazia e desfazia reputaçõs, e os reis, como Frederico aspiravam a honra de ser contados no numero dos seus amigos. Escrevia sobre todos os ramos de conhecimentos humanos com o seu estylo faceto e leviano, e das decisões do seu tribunal não havia appellação. Portugal se entregará com ardor á leitura dos livros francezes, esquecendo a lição dos seus classicos, e quiçá a sua lingua: e o Brasil, satellite da metropole, seguia a rotaçãõ d'este astro.

Nem era possivel que acontecesse d'outra sorte: no nosso paiz não haviam senão aulas preparatorias, essas mesmas desorganizadas depois da fatal supressão dos Jesuitas, e os que desejavam completar a sua educação litteraria, obter um grão academico, que é como o complemento dos sonhos d'um mancebo votado ás letras, e além d'isto dispunham de meios iam para a Universidade de Coimbra, d'onde voltavam impregnados das idéas dominantes. D'ahi a falta de patriotismo, de côr local, que se notam nos escriptos dos nossos litteratos: d'ahi esse completo esquecimento das nossas bellezas, da magestade do nosso Céu recamado d'estrellas, da nossa virgem natureza americana, dos nossos gigantescos rios, do Amazouas, do Tocantins, do Madeira e do Paraná, para cantar o Tejo, o Douro, o Mondego, e o Guadiana, esquecendo as nossas florestas d'ipés, de cangerenas, e giquitibás

Onde não cala o sol, não entra a lua,

para celebrar falhados bosques de carvalhos, faias, e pinheiros.

Perdoem os nossos leitores esta digressão, per-

mittam que juntemos a nossa debil voz a dos illustres brasileiros que hão lamentado esse quasi geral desprezo da patria, que se nota na mór parte dos nossos autores, esse preconceito de que a nossa terra não se prestava á poesia, e que os obrigava a porem de parte a purpura nacional para mendigarem estranhos andrajos: e vamos examinar quaes são os poetas religiosos desse seculo.

A' frente dos poetas, que nessa época, consagraram o seu estro á Musa de Sião, figura o *Anonymo Itaparicano*, que o Sr. Varnhagen affirma ser o Padre Fr. Manoel de S. Maria Itaparica, da Ordem Seraphica, que escreveu um poema em oitava-rima em honra de S. Eustachio, e que por isso denominou *Eustachidos*. A descripção do inferno faz honra ao beuemerito bahiano: existem nella bellezas, que podem correr parelhas com as do illustre Florentino, autor da *Divina Comedia*, e para que os nossos leitores possam avaliar por si mesmos dellas, citaremos aqui algumas estancias:

« Revolvando-se em chammas crepitanτες  
 « Ali está Judas n'uma cama ardente,  
 « No coração tem viboras flamantes,  
 « Na lingua um aspide feio e pestilente,  
 « Geme e suspira todos os instantes,  
 « Blasphema irado, ruge impaciente,  
 « Tendo a seu lado Herodes e Pilatos  
 « Anás, Calphás, e outros mentecaptos.

« Jaz em um lago graviolente e immundo  
 « O Archisectario arabigo e agareno  
 « Que perdição quiz ser de quasi um mundo,  
 « Patrocinando o vicio vil terreno:  
 « De uma parte submerso no profundo  
 « De si mesmo furor, peste e veneno,  
 « Está Calviuo e d'outra agonisando,  
 « Luthero em fogo e agua ardendo e elando.

« Preso em um calabouço tenebroso  
 « Está Alexandre em um nevado rio,  
 « Que ainda agora por muito cubiçoso  
 « Temem queira do inferno o senhorio :  
 « Em um volcão de chammas horroroso  
 « Estão Bello, Xerxes, Scevola e Dario  
 « Aurelio, Cesar e Domiciano  
 « Augusto, e Nero, Tito e Juliano.

.

« Em o mais alto d'este solio infando  
 « Em um throno de chammas sempre ardentes,  
 « Jaz Lucifer a quem estão tragando  
 « Aspides negros, serpes pestilentes :  
 « Elle com ira e com furor bramando  
 « Se despedaça com agudos dentes  
 « Sendo para seu damno e eterno fado  
 « De si proprio fiscal e algoz irado. »

« Viboras por cabellos cento a cento  
 « Por olhos tem dous Etnas denegridos,  
 « Por boca um crocodilho truculento,  
 « Por mãos dous basiliscos retorcidos,  
 « Por cerebro a soberba e o tormento,  
 « Por coração, por membros os latidos,  
 « Por pernas duas cobras sibilantes,  
 « Por pés dous Mongibellos tem flamantes.

« Aquillo mesmo crê do que duvida,  
 « Tem fastio do mesmo que apetece,  
 « O que não quer para isso se convida,  
 « E affecta aquillo tudo que aborrece ;  
 « Quando quer repousar cutão mais lida ;  
 « Quando abrandar-se muito se enfurece ;  
 « Ancias são gosto, penas desafogo,  
 « Por fogo a neve tem, por neve o fogo. »

Na pintura que faz da destruição de Jerusalem  
 por Tito sobresaem estas duas magnificas es-  
 tancias :

« Onze vezes cem mil n'este conflicto  
 « Do consocio dos vivos se apartaram,  
 « Noventa e sete mil ao grande Tito  
 « Por captivos humildes s'entregaram.  
 « Assim se destruiu do antigo rito  
 « A Cidade Princeza e só ficaram  
 « As pedras onde teve sepultura  
 « O Filho de Maria Virgem pura.

« Aquelle Templo, que exaltou a fama  
 « Casa de Deos primeira n'este mundo,  
 « Maravilha maior que hoje se acclama  
 « Houve por todo o circulo rotundo,  
 « Destruído com ferro e pela chamma  
 « Abrazado ficou, desfeito e immundo,  
 « Exemplo aos homens dando d'esta sorte  
 « Que os marmores tambem padecem morte. »

Depois de ter lido esta transcripção o leitor lamentará comnosco que tal poema seja tão pouco conhecido, e que apenas tivesse uma unica edição, sendo hoje summamente raro !

O Rio de Janeiro, patria de tão illustres varões, a quem tanto devem as brasílias letras, teve ainda a gloria que n'elle vissem a luz do dia os dous maiores poetas sagrados d'esse seculo, o Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, e Fr. Francisco de S. Carlos.

O Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, nascido aos 24 de Novembro de 1762, era um homem de vasta erudição, poeta sublime, que inaugurou com seus canticos, verdadeiramente inspirados pela Religião da Cruz, uma nova escola na litteratura portugueza e brasileira, foi elle o primeiro, que soltou o brado da emancipação da escola classica, d'essa servil imitação dos auctores gregos e romanos, d'essas absurdas chimeras, conhecidas pelo nome de Mithologia: é elle o verdadeiro fundador da *escola romantica* entre nós. « Ainda  
 « não tinha apparecido Lamartine, diz o senhor

« Doutor Pereira da Silva, com seus canticos de  
 « dôr, seus suspiros d'enthusiasmo religioso, seu  
 « arrobo celeste, e já Caldas tangia essa corda da  
 « lyra moderna. Sua alma grande como o univer-  
 « so, sua imaginação vasta como o pensamento  
 « de Deos, e melancholica como o som da harpa  
 « no meio da escuridão das trevas, lhe haviam  
 « aberto a verdadeira estrada da poesia, d'essa  
 « poesia sublime, inspirada pelo Céu, e que hoje  
 « se tem appellidado *Romantismo*. Caldas é um  
 « dos maiores poetas que conhece a lingua portu-  
 « gueza : os proprios Portuguezes como Garrett,  
 « no seu Prefacio ao Parnaso Portuguez, e Stock-  
 « ler em varios escriptos, são os primeiros a con-  
 « fessal-o, e que mesmo talvez maiores incensos  
 « queimem á gloria d'esse genio tão raro, e tão  
 « grandioso. »

Quem não tem lido e admirado a bella versão dos Psalmos de David, em que o Vate Fluminense iguala, senão excede muitas das bellezas da Vulgata, d'onde vertera para o nosso idioma ? Em que lingua existe uma traducção do Psalterio, que possa ser comparada com a sua ? Caldas já teria grangeado immenso renome se limitasse ao papel de traductor, quanto mais sendo poeta original. O bello volume publicado em Paris em 1821, sob o titulo de Poesias-Sacras e Profanas, veio engastar mais uma pedra no seu brilhante diadema. A sua Ode ao *Homem Selvagem*, em que o nosso poeta se mostra tão apaixonado pelos seductores paradoxos de J. J. Rousseau, é um primor de poesia : e que profunda convicção não devera estar plantada em sua alma, quando exclama no começo da sua *Ode á Religião Christan* :

« Desembainha, Mahomet, a espada,  
 « Veni ferir-me e provar-me

« Que é sancta a tua lei ensanguentada.  
 « Mas onde está a voz nobre e sagrada  
     « Que o Céu para avisar-me  
 « De tua vinda, despediu a terra,  
 « Que impio devastas com tyranna guerra ?

« Que inflamado Propheta do futuro  
     « O véo descortinando.  
 « Fez ralar aos meus olhos seu prejuro,  
 « Cruento nome ? Dize oh homem duro ?  
     « Em que dia soando :  
 « A tua voz cedeu a natureza,  
 « Para mostrar divina a tua empreza ?

    « Não queiras aurea lyra  
 « Manchar as tuas cordas sonoras,  
 « Tu, a quem só virtude afina e inspira  
     « Com gesto e mãos mimosas :  
 « Não resoes o nome, e a fama indina  
 « Do monarcha impostor da vil Medina. »

Na Ode á *Existencia de Deus* o poeta paraphra-  
 sea o *Fiat lux* ; e se não póde attingir ao sublime  
 biblico, paira ao menos pelas regiões do bello :

« A luz se faça e subito creada  
     « A luz resplandecendo  
 « A voz ouvia, que avienta ao nada :  
 « D'entre as trevas se foi desenvolvendo  
     « O cahos, que estendendo  
 « A horrenda face tudo confundia  
 « A terra e o mar, e os Céos, e a noite, e o dia. »

Longe iriamos se quizessemos citar todas as bel-  
 lezas e sublimidades, que avultam no suaviloquo  
 Caldas, suas obras correm pelas mãos de todos,  
 posto que não sejam geralmente apreciadas.

Nove mezes mais tarde, em 13 d'agosto de 1763,  
 nascia na muito leal e heroica cidade de S. Sebas-  
 tião do Rio de Janeiro Fr. Francisco de S. Carlos,  
 nobilissimo filho da Ordem de S. Francisco, e au-

ctor da mais perfeita epopea sagrada, que possuímos, a *Assumpção da Virgem*.

Ninguém ignora o culto, que os Americanos em geral, e em particular os Brasileiros prestam a Mãe Sanctissima; e os viandantes, que tem atravessado os campos das nossas fazendas, allumiados pelo astro das noites, ouvem o som longinquo das vozes, que entoam o *Terço*. Podemos talvez asseverar, sem erro, que essa tão poetica devoção, que graças ao indifferentismo moderno vai pouco a pouco se apagando, é devida aos Jesuitas, a quem tambem devemos tudo o que ha de bello e grandioso em nossa terra. Era impossivel que um culto tão nacional deixasse de se inanimar nos canticos dos nossos poetas: e assim aconteceu; pois além do poema d'Anchieta consagrado á *Virgem*, de que já fallamos, consta-nos tambem existir outro, dedicado a *Conceição de N. Senhora*, e publicado em 1757 por José Pires de Carvalho e Albuquerque, natural da Bahia; e de que faz honrosa menção o Sr. Dr. Pereira da Silva, no seu *Plutarcho Brasileiro*, aos quaes se juntou mais tarde a *Assumpção da Virgem* do nosso distincto patricio, Fr. Francisco de S. Carlos.

O assumpto escolhido para a sua epopéa sacra parecia á primeira vista um pouco arido, e como que esgotado, por terem differentes vates nelle ensaiado o seu estro: mas não ha difficuldades, que não supere o genio, e até lhe servem estas d'estimulo. S. Carlos voou pelos campos da imaginação, conduzido pelo Anjo da Poesia Religiosa, em seus arroubos divinaes jamais s'esqueceu do rigor theologico: não sacrificou o dogma aos devaneos poeticos. A sua epopéa é, na elegante phrase d'um escriptor moderno, um jardim matizado das mais encantadoras flores, e dos fructos os mais saborosos: nella tudo é bello, grande, diremos mesmo origi-

nal: vemos esquecer-se muitas vezes da bussola e sextante, e correr, qual outro Colombo, em busca de regiões desconhecidas. Onde o illustre Franciscano se torna verdadeiramente credor dos maiores encomios, é nos episodios, que habilmente introduziu no seu poema, e que semelhantes aos *oasis* espalhados nos desertos d'Arabia, como uma ilha de verdura, recream a imaginação do leitor, extasiado das maravilhas de Jerusalém Celeste, onde entra, com um brilhante cortejo d'Anjos, a Rainha das Virgens. Nesses episodios instaurava elle a escola da poesia americana, ao tempo, em que o seu illustre rival, Caldas, libertava a Poesia Brasileira do jugo mythologico: ambos cooperavam poderosamente para a reforma litteraria, d'onde devera sahir, pulchra e radiante, a nova escola *brasilicoromantica*. José Basilio da Gama, no episodio de *Lindoia*, que tanto embelece o seu poema d'*Uruguay* e em alguns outros; Fr. José de S. Rita Durão, no da morte de *Moema*, e no d'*Aldeidos Selvagens*, que esmaltam o poema do *Caramuru*, deixam apparecer a natureza americana com todas as suas galas, com todos os seus originaes primores: mas como que á medo, como que receiosos d'abracar e desenvolver idéas ainda não conhecidas, e que expo-las-hia ao ridiculo: e assim os melhores episodios dos seus poemas, aquelles, em que se deixaram inspirar pelo céo da patria, pelo grato murmurio das nossas cachoeiras, despenhando-se no centro das mattas virgens, e na borda das estradas; foram ahi collocados máo grado sen: talvez por uma força superior á sua. Não aconteceu o mesmo com S. Carlos, com mão ousada, quiçá temeraria, abriu elle novos caminhos: teve a feliz e a original idéa de collocar os fructos do Paraiso n'America, nesse verdadeiro jardim da terra. O nosso poeta era verdadeiramente patriota; não s'esqueceu de fazer

no seu poema a descripção d'America, das Provin-  
cias do Brasil, e do Rio de Janeiro, porque aqui  
nascera

« Nas ribeiras do placido Janeiro  
« Presado berço meu, que fez a sorte  
« Do aurifero Brasil o centro e a côrte. »

e cuja grandeza e civilização, cujo futuro radiante e  
bello, assim canta :

« E tu, fausto lugar, que inda algum dia  
« Nobre assento serás da monarchia ;  
« Tu, que já fôras inclyto e florente  
« Nas artes, na riqueza e illustre gente ;  
« Escuta agora os dons esclarecidos,  
« Que a ti do céu estão apercebidos.  
« Verás soberbas filhas do oceano,  
« Prenhes de rico peso, que cada anno  
« Feudos te pagarão das ricas têas  
« Das plagas orientaes, das europêas  
« Verás do reino physico aclarados  
« Seus segredos té-li não revelados,  
« Madeiros de fabrico primorosos  
« Cascas de tinctas, oleos preciosos,  
« Tantas resinas, massas e perfumes  
« Qui ora desprezam barbaros costumes ;  
« E outras mil raridades descobertas  
« Reduzidas á classes e a regras certas.  
« Thesoiros á meu vêr mais importantes  
« Do que teu oiro, do que teus brilhantes.  
« Verás brilhar as artes, florescendo  
« Novos inventos : machinas nascendo :  
« O premio honrado do talento e zelo  
« E este o premio honrar com o merece-lo.  
« Respeitado o cinzel dos Praxitelles  
« Com letras de nobreza a arte d'Apelles.  
« Verás das santas leis ao doce abrigo  
« Da donzella o thesoiro sem perigo.  
« A orphan lacrymosa consolada,  
« A viuva d'insultos resguardada,  
« Do avido tutor e desvalido  
« Innocente pupillo protegido,  
« Verás, verás, então com grande lustre,

« Renascer de teu seio prole illustre,  
 « Novas raças d'heroes, bravos guerreiros,  
 « Dos heroes da nação filhos e herdeiros.  
 « Rivaes de Magalhães, rivaes dos Gamas.  
 « Que farão renascer as lusas famas,  
 « Que farão respeitar a patria cara  
 « Tornando-a por seus feitos grande e clara,  
 « Levando, a ser preciso, o fogo e a guerra  
 « A ilha mais longinqua, aos fins da terra.  
 « Verás do sancto culto a lei sagrada  
 « No ultimo esplendor depositada.  
 « Ao Céu subir sagrado puro incenso  
 « Por mãos mais puras dado ao Deos immenso.  
 « O sancto sacerdocio irreprehensivel,  
 « O templo venerando o altar terrivel.  
 « Que todos esses bens emfim s'esperam  
 « Quando as virtudes n'um lugar imperam.  
 « Verás.... mas ah ! não quer o Céu que a humanos  
 « Eu revele ainda mais os seus arcanos. »

Este bello poema, em que notam os criticos um só defeito, o da monotonia, causada pelas rimas pareadas ; mas que é sufficientemente compensado por infinitas bellezas de todo o genero, é quasi que completamente desconhecido no paiz, foge-se delle como d'uma obra mystica ; e nem é para admirar que tal aconteça quando o seu illustre autor viveu pobre e esquecido, e a sua lapida sepulchral, sobre a qual se senta uma geração indifferente, jaz no convento de S. Antonio desta côrte : e quasi que poderíamos dizer d'este benemerito fluminense, o que o Sr. Garrett disse do immortal cantor dos Lusíadas.

« Onde jaz, Portuguezes o moimento  
 « Que do immortal canta as cinzas guarda ?  
 « Homenagem tardia lhe pagastes  
 « No sepulchro si quer... Raça d'ingratos !...  
 (CAM. Cant. 10.º)

Em quanto erguia a sua patria o obelisco litterario da sua gloria, os magnates, os grandes da

terra olhavam talvez com desdem para o burel do pobre Franciscano. « Quanta reputação, e quanta « gloria, diz o Sr. Varnhagem, não podera ter « adquirido um dos poderosos d'então, si houvesse « querido, e sabido proteger um pobre frade, que « em seus versos implora a benevolencia da pos- « teridade. — Sem aguardar para mais longe, já « os que nascemos depois, quasi que condemna- « mos todos, os que então figuraram no Rio, e « com quanto prazer, com quanta gloria para elle, « não citaríamos aqui Mecenas, si alguém tivesse « querido então se-lo. »

Depois de Fr. Francisco de S. Carlos occupa distincto lugar o Sr. José Eloy Ottoni, nascido na Villa do Principe (hoje cidade do Serro), da provincia de Minas Geraes, no dia 1.º de dezembro de 1764. A primeira phase da sua preciosa existencia consagrou-a o eximio poeta mineiro a poesia profana; suas intimas relações com Bressani e Bocage, como que não lhe permittiam outra cousa. O sol da mocidade descambando sobre os montes da vida, e á fugitiva luz do crepusculo que precede ás trevas, occupou-se o Sr. Ottoni com o estudo e paraphrase dos Livros Sanctos: nós, lhe devemos a elegante traducção do *Stabat Mater*, do *Miserere*, e de mais algumas outras poesias ligeiras, que tem sido publicadas e continuarão a se-lo, na *Tribuna Catholica*, em quanto ella existir na arena do jornalismo, e á medida que taes poesias nos cheguem ás mãos. O que porém constitue a sua maior gloria, o seu maior merecimento poetico, é a bella traducção dos Proverbios de Salomão, que viu a luz em 1815, e onde á par da maior fidelidade como traductor, revelando o perfeito conhecimento da lingua latina, que com grande applauso leccionara na sua provincia, descobre-se grande talento poetico, e a uncção religiosa, que respira

em todos os seus escriptos. Animado pela geral acceitação, que a sua obra encontrou entregou-se o nosso poeta a versão, ou antes a paraphrase do livro de *Job*, cuja linguagem candida e sublime, cujas maximas da mais sancta resignação, são conhecidas pelos nossos leitores. Tendo terminado o seu importantissimo trabalho, e merecendo os gabos de pessoas de reconhecida intelligencia, a quem mostrou, recusou-se todavia de publica-lo durante a sua vida, talvez por ser em demasia observador do preceito horaciano *nonumque prematur in annum*.—Esta honra nos estava reservada, graças a bondade do Illm. Sr. Theophilo Benedicto Ottoni, sobrinho do illustre poeta, que sabendo que desejavamos colher todas as poesias de tão distincto brasileiro, na persuasão d'assim prestarmos um pequeno serviço ao nosso paiz, apressou-se em confiar-nos o manuscripto da traducção do *Livro Job*, que ora damos ao prelo. Si o nosso humilde voto podesse inscrever-se no catalogo das capacidades, que tem julgado esta versão, diriamos que é esta a mais bella joia, que estava occulta no thesouro litterario do illustre finado. Os magoados queixumes do Patriarcha da Iduméa tem mais doçura, mais expressão, vertidos para o idioma de Gonzaga pelo preclaro bardo mineiro. Os nossos leitores terão por si mesmo occasião d'avaluar das suas bellezas; não nos animamos a fazer a menor alteração em obra tão bem acabada, até ás suas repetições e variantes deixamos illesas: porque não queriamos que se dissesse, que um pigmeu mutilara a obra do gigante. Fazemos preceder ao *Livro de Job*, uma noticia sobre a vida e escriptos do nosso poeta devida á penna do seu nobre sobrinho o Sr. Theophilo Ottoni, e já publicada no *Jornal do Commercio*; para ella remettemos os que desejarem ter noticias mais minuciosas.

Caldas e S. Carlos tinham soltado o grito da independencia litteraria, muito antes da nossa emancipação politica; uma surda agitação reinava no campo das Musas, um ardente desejo de reformas, leiam-se as poesias d'Americo Elysio (José Bonifacio) e nos convenceremos d'esta verdade; necessitava-se porém d'um piloto, que dirigisse o baixel da poesia

« Por mares nunca d'antes navegados »

e a Providencia tinha designado o Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães para esta sublime missão. Os seus *Suspiros Poeticos* e *Saudades*, que viram a luz em Paris em 1836, foi o modelo, que estudaram, os nossos jovens cultores do novo Parnaso. Quem não tem lido e admirado essas paginas brilhantes de poesia, perfumadas com odor religioso, onde o sentimentalismo de Lamartine se casa com a doce melancolia de Chateaubriand. Não nos cabe aqui fazer uma analyse das suas obras poeticas, sómente apontaremos algumas d'aquellas, que mais particularmente consagrou a Religião. *A Biblia em um dia de tristeza*, deixa n'alma gravado um profundo sentimento religioso, como que nos causa *nostalgia celeste*, na poetica expressão de Lamartine, no seu cantico *As Ruínas de Roma*, choramos com o bardo fluminense sobre a cidade dos Cesares, que, como uma rainha destronada, repousa á sombra da thiara: mas a nossa alma s'eleva acima de sua orbita, como que deseja romper os laços corporeos, e voar ás regiões d'onde partira em exilio para este globo, ao lermos o seu bellissimo hymno ao *Christianismo na Cathedral de Milão*.

Em quasi todos os poetas da escola *brasilico-romantica*, encontram-se excellentes producções con-

sagradas á Religião Christan : suas obras ahí estão ; correm pelas mãos de todos, o que nos dispensa d'emittir um juizo sempre perigoso, quando se tracta de contemporaneos, a muitos dos quaes consagramos particular estima. Lamentamos porém que não haja em nossos dias apparecido uma obra poetica só e exclusivamente religiosa ; e fazemos os mais ardentes votos para que os Caldas, os S. Carlos, e os Ottonis, tenham imitadores, e que os nossos poetas, cujo brilhante genio admiramos, arrastados talvez pela demasiada imitação da escola franceza, se possam preservar dos funestos desvarios, em que tem cahido os illustres bardos, que pulsam a lyra nas margens do Sena e do Loire, que buscando o original, sedentos de novidade, submergiram-se no monstruoso. Essa bella escola, que como muito bem observa Mr. Menche de Loisne, (na sua obra sobre a influencia da litteratura franceza de 1830 a 1850, e publicada este anno) começara sob tão bellos auspicios, que havia inspirado as *Meditações* de Lamartine, as *Orientaes* do Victor Hugo ; abysmou-se no *Rolla* d'Alfredo de Musset, e no *Ahasverus* d'Edgar — Quinet : Deus preserve a Poesia Brasileira de semelhantes excessos, e prospere galerno enfune as velas da náó, em que s'embarcaram os novos Argonautas. São estes os nossos humildes votos.

Rio de Janeiro 5 de junho de 1852.

CONEGO JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.





## NOTICIA HISTORICA

SOBRE

# A VIDA E POESIAS

DE

## JOSÉ ELOY OTTONI.



Nasceu José Eloy Ottoni no 1.º de dezembro de 1764 na villa do Príncipe (hoje cidade do Serro) da provincia de Minas Geraes.

Filho legitimo de Manoel Vieira Ottoni e D. Anna Felizarda Paes Leme, José Eloy Ottoni descendia pelo lado paterno de Jorge Benedicto Ottoni e de seu pai Manoel Antão Ottoni, que em principio do seculo passado, foragido de Genova, se asylára em Portugal, e que depois de 15 annos de residencia em Lisboa obtivera honrosa carta de naturalisação com data de 7 de dezembro de 1723, registada em 12 de julho de 1727 no senado da camara da cidade de S. Paulo, para onde se transportara a familia Ottoni.

Pelo lado materno descendia de João Gomes de Abreu Rego, natural de Braga, e de sua mulher D. Rita de Godoy Moreira, natural de S. Paulo.

O pai de José Eloy Ottoni, fiel ás tradições que seus antepassados trouxerão da Italia, desvelou-se em dar a seus filhos uma educação liberal. Tinha numerosa familia, e apenas 400\$ de ordenado, como fundidor que era na intendencia do ouro da villa do Príncipe; mas, inspirado pelo amor paterno, soubera multiplicar os seus recursos trabalhando incansavel n'uma officina de ouri-

ves, enquanto os filhos cultivavão sua intelligencia, applicando-se ás bellas-lettras.

Depois que completarem os seus estudos, dizia em familia o velho Manoel Vieira Ottoni fallando dos filhos, um será ferreiro, outro alfaiate, se de outro modo não puderem ganhar honradamente a vida; mas o filho de Manoel Vieira, ferreiro ou alfaiate, ha de obter no mundo mais alguma consideração do que o commum dos ferreiros e alfaiates.

Cedo o velho ourives principiou a colher o fructo da sua ternura e desvellos paternaes. O joven José Eloy, tendo cursado com louvor a aula de latinidade no Arraial do Tejuco, hoje cidade Diamantina, e sendo dado por prompto pelo professor, reclamou perante o pai contra a approvação do mestre, e obteve ser enviado ao collegio de Catas-Altas, então muito afamado, dizendo que desejava familiarisar-se com todos os segredos e bellezas da lingua latina e encetar o aprendizado de outras humanidades. Tal era, porém, o adiantamento do estudante do Tejuco, que o director do collegio de Catas-Altas, ouvindo a sua primeira lição, o tomou por collega no magisterio da grammatica latina, e a seu pai escreveu, não só agradecendo o auxilio que lhe dera em um tal discipulo, como, demais, franqueando gratuitamente o internato do collegio a todos os seus outros filhos, enquanto ali estudasse e ensinasse o primogenito.

Facilitada assim a educação de seus filhos, e lisongeado em seu amor proprio de pai com as glórias que José Eloy Ottoni conquistára no collegio de Catas-Altas, o velho ourives, multiplicando as economias e o trabalho, conseguiu surtir um peculio com que o filho, ainda adolescente, pudesse viajar e instruir-se na patria das letras e berço de seus antepassados.

Foi sob o sol risonho da Italia que desabrocharão os talentos e genio poetico do joven Ottoni. E quem, se lhe arder n'alma uma scentelha só do estro divino, aspirando as auras deliciosas da Ausonia, não revelará em versos eloquentes essas sensações indefiniveis que M.<sup>me</sup> de Stael empresta a Corinna no seu improviso do Capitolio ?

José Eloy Ottoni, profundo conhecedor da latinidade, quiz pois ensaiar-se na metrificacão, estudando nos proprios lugares as bellas descripções de Virgilio, e vertendo as Georgicas em verso portuguez : infelizmente deste, como de muitos trabalhos seus, não restão vestigios.

Entregue simultaneamente aos ensaios poeticos, aos estudos, e á contemplacão das maravillas de Roma; afferrado ás idéas religiosas em que fôra educado, e a que se conservou sempre fiel ; enlevado nas abstracções contemplativas de um espirito entusiasta, o joven Ottoni esteve por vezes resolvido a tomar o estado ecclesiastico ; não chegou, porém, a fixar-se nesta resolução, e voltando por Lisboa para a sua terra natal, aceitou, ua falta de outro meio de vida, a cadeira de latim da villa do Bom Successo, hoje cidade de Minas Novas.

No anno de 1791 ou 1792 encetou o exercicio deste emprego, e pouco depois desposou-se com a Sra. D. Maria Rosa do Nascimento Ottoni, filha do coronel Manoel José Esteves. Teve dous filhos, o Sr. Honorio Esteves Ottoni, e D. Eduviges Esteves Ottoni, que ainda existem em Minas Novas em companhia de sua veneravel mãe.

O tempo da residencia de José Eloy Ottoni em Minas Novas foi justamente a época do terror jacobino em França, e do terror realista em Minas. Minas tinha tido a gloria de comprehender que o Brasil podia dispensar a tutela portugueza, e que estava em circumstancias de seguir e imitar o exemplo grandioso que, já então, esta-

vão dando ao universo maravilhado os Estados- Unidos da America ; porém infelizmente o Arnold, denunciante e espião da metropole, appareceu no Brasil antes que os patriotas se houvessem organizado, e quando não estavam ainda preparados para uma leva de broqueis. Assim o glorioso projecto da independencia da patria, aceito já por uma legião de grandes cidadãos, que da America do Sul terião dignamente respondido ao brado heroico dos Washington e dos Jefferson, teve de ser abafado antes de ver a luz.

O cadafalso em que o chefe da conspiração de Minas, o denodado Joaquim Xavier da Silva (Tira-Dentes), expiou o crime de amar ao seu paiz ; o padrão de (supposta) infamia que uma sentença iniqua mandou erguer em Villa Rica, hoje Ouro Preto, sobre o assento da casa arrasada do patriota mineiro ; o martyrio dos que sobreviverão, e que estavam soffrendo um assassinato mais lento e mais doloroso nas arêas inhospitas da Africa ; tudo isto dá bem clara idéa do estado de Minas nos annos que se seguirão á terrivel catastrophe, chrismada, segundo a ordenação do livro 5.º, — a inconfidencia.

E n'uma crise tão nefasta, quando fôra crime ainda o carpir os infortunios da patria, José Eloy Ottoni achou-se naturalmente confinado entre as paredes de sua aula de latim, e os cuidados do lar domestico. Assim decorrerão annos ; mas rico de sciencia, com uma imaginação poetica vivissima, conscio do proprio merito, o professor de latinidade de Minas Novas não podia deixar de aspirar a um theatro mais condigno dos seus talentos. Regressou pois a Lisboa, não só para melhorar de posição, como para cobrar seus ordeuados, cujo atrazo de alguns annos o obrigava, apezar seu, e com sacrificio de sua nativa dignidade, a viver com sua familia ás sôpas de seu sogro.

Em Lisboa viveu José Eloy Ottoni vida de poeta e de pretendente. Entre ás inspirações das musas, foi muito tempo companheiro inseparavel de Bressani e Bocage. Na sua velhice commemorava elle com saudade as noites de uma certa Arcadia poetica, em que o primeiro lugar era disputado pelos tres vates amigos, e contava anedoctas muito curiosas de suas excursões com Bocage aos arrabaldes de Lisboa. Conquistou nesse tempo a amisade do conde dos Arcos, de Francisco Villela Barbosa, depois marquez do Paranaguá, e de outros litteratos e poetas de nomeada, entre os quaes mencionava com enthúsiastico a fallecida marqueza de Alorna, então condessa de Oyenhausen. O talento poetico desta senhora era tido em grande apreço por José Eloy Ottoni, que manifestou a sua admiração em muitas poesias a ella dedicadas: d'entre estas uma epistola conservo eu, escripta de seu proprio punho, em a qual, saudando com vivos applausos a traducção que a condessa fizera dos quatro primeiros cantos do celebre poema—Oberon—. empenhava José Eloy seu valimento de poeta para que a filha das musas enriquecesse tambem o idioma vernaculo com a traducção do 5.º canto. Darei uma amostra da epistola (a Lilia):

Sobre um Vesuvio de Apolineo fogo,  
 Na quinta estancia de Oberon te'espero.  
 Vóa sobre os herões, Aguia do Pindo,  
 Os seres immortaes te acenão, vóa.  
 Não suspendas o canto, ó vate, ó vate,  
 Cheio do Deos... o Deos por ti me inspira...  
 As cordas d'oure me resoão n'alma...  
 Lilia Lilia! eu te invoco, attende,  
 Meus votos ouve, meu delirio acolhe.

E depois de analysar os cantos traduzidos, insiste o poeta pelo 5º que faltava.

Chega o termo fatal, o heróe que assoma  
 Nutrindo a frágua d'um suspiro ardente,  
 A esperança de Resia, occulto, envolve.  
 Do ameno harem á scena deleitosa,  
 Tu me elevas, me encantas, me arrebatas.  
 Dá-me, oh Lilia, o heróe, a acção o exige,  
 Entregue ao somno ainda Hugon repousa.

Tu reforças o vôo, a chamma acendes...  
 Ah! não tardes, afouta o plectro empunha,  
 Do festim nupcial desprende a lyra;  
 Teu estro encantador meu estro fôra!  
 Sobre o bifido monte eu me inflammára,  
 Mystérios de Oberon só te pedira.

Quanto pôde Oberon teus versos podem

Tu não deves negar á patria os louros;  
 Eia, Lilia, Oberon... prosegue, acaba.

Ignoro se a condessa de Oyenhausen accedeu ás supplicas do seu admirador, e completou a traducção, que á vista do exposto, deveria rivalisar com a bella versão que temos do nosso mestre Philinto Elysio.

Da epistola mencionada supponho coéva, até por estarem ambas escriptas no mesmo papel, uma outra, que, vou aqui estampar, e que no meu humilde parecer justifica o juizo de um illustrado critico, o espirituoso e suave traductor de Ernani, o qual, escrevendo uma noticia fugitiva sobre a vida e talentos de José Eloy Ottoni, entendeu que « em pocsias de amor nunca houve poeta mais terno, e que soubesse convencer com mais philosophia e ternura que os sexos nascerão para se amarem.»

E, seja dito de passagem, essas flores com que o illustre poeta fluminense amenizou recentemente a loísa do poeta mineiro, são condigna retribuição de bellos versinhos em latim e portuguez com que José Eloy honrara

outr'ora as cinzas do nosso padre Antonio Pereira de Sousa Caldas.

## EPISTOLA.

Soprando a chamma do aquecido engenho,  
Batendo as azas da razão liberta,  
Desprende o vate a suppressida penna  
Da força occulta que lhe tolhe o rasgo.  
Não teme o vento rugidor, não teme  
A nuvem grossa que trovão despeja ;  
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,  
Navega afouto sobre o livre espaço.  
Não cuides, Lilia, que eu avance ousado  
Além da meta circumscripta aos vates ;  
Da patria amigo, o cidadão respeito,  
Respeito as leis, a religião, o Estado ;  
Quando cheio de Appollo ás nuveus mando  
Meu pobres versos, da desgraça filhos,  
O mesmo Numca, que os inspira e move.  
Bafeja, e manda que inspirados devão  
Partir de um ponto, que no centro é fixo.  
Salvando o golfão que as paixões exhala,  
Sem mancha, livre d'infeccção, seguro  
Do bafo crestador, que a mente empola,  
Não sirvo ao premio da lisonja escravo ;  
Arrasto os ferros que os mortaes arrastão.  
Eu amo, ó Lilia, e se amor é culpa,  
De ser culpado não s'exclue quem ama.  
Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,  
Escute o sabio a voz da natureza.  
As plantas vivem porque as plantas amão ;  
Ao tronco unidas, quando os olmos brotão,  
Brotão as verdes trepadeiras heras.  
Não curva os braços verdejantes, ergue  
Soberba o collo, e demandando as nuvens,  
A palmeira recebe, acolhe, afaga  
Suspiros ternos que a saudade envia  
No bafo meigo do amator distante.  
Se o fido esposo que de longe exhala  
O succo ethereo, que vegeta e nutre,  
Cedendo a força malfazeja expira ;  
A esposa, logo que a exhalar começa

Do fluido exausto o deprimido alento,  
 Sequiosa pergunta, affavel pede  
 Noticia ao vento, que lhe nega e foge ;  
 Não vive a esposa quando o esposo acaba,  
 Perdendo a força nutritiva perde  
 O vigor da união que enlaça e prende :  
 E do esposo chorando a perda infausta,  
 Convulsa treme, solitaria morre.  
 Reflecte, ó Lilia, nos purpureos gommos,  
 Fecunda prole do virgineo fogo,  
 Que acende o pejo da engraçada Flora,  
 Vê, como a força vegetal rebenta.  
 Da florifera Venus, do engraçado,  
 Formoso Adonis, que em consorcio unidos  
 Prestavão firmes os solemnes votos  
 Qu'exige a prole de brincões amores.  
 Depois que a tocha nupcial acende,  
 O purpureo Hymeneo dá vida ás flôres,  
 Acode aos gomos, e rebenta o germen.  
 Não pára o fluido, os filamentos inchão,  
 Rebenta o calix, e os anantes soltão  
 Do peito o aroma que perfuma os ares.  
 Oh santa, oh justa, oh sabia natureza !  
 Como é possivel desligar-se um ente,  
 Que á mesma especie de outro ente e unido :  
 Os volateis no céo, no mar os peixes,  
 O pequeno reptil, o insecto informe,  
 Os entes do universo... ou nada existe,  
 Ou cada especie á sua especie é unida.  
 E se um ente mais nobre existe, o homem,  
 Se uma hydraulica mais sublime o nutre,  
 Qu'efficaz attracção, que força activa  
 Dispõe de um ente, que o autor dos entes  
 Manda que impere aos entes do universo,  
 Não por orgulho, sim por excellencia  
 De um principio, que move, anima e nutre !

As reminiscencias do seu paiz, e as saudades de sua familia, a que aliás não se resolvia a vir reunir-se em quanto não melhorava de fortuna, preocupavão o espirito do poeta, e os dous seguintes sonetos, que dirigio

de Lisboa a sua senhora e a seus dous filhinhos, são o espelho de sua alma. O primeiro é uma bella imitação do soneto de Bocage — *Sonhei que nos meus braços reclinada*, — e está de mais assasonado com a deliciosa suavidade da ternura paterna com que Bocage não podia embellecer as suas poesias. O segundo é também imitação da prosopopeia de Nasão, no seu livro dos *Tristes*.

Parve (nec invideo) sine me liber ibis in Urbem

Longa via est, propera, nobis habitabitur orbis  
Ultimus, a terra terra remota mea.

É certo que o *Ponto-Euxino* do nosso poeta era Lisboa, e o seu desterro até certo ponto voluntario; mas a melodia dos queixumes, a esperança de que a sua Marilia se condoesse do ausente, semelhão bem os sentimentos de Ouidio:

Invenies aliquem, qui me suspiret ademptum  
Carmina nec siccis per legat ista genis.

Eis os dois sonetos:

1.º

Sonhei, Marilia, que contigo estava,  
Que o tenro Honório alegre me dizia:  
Meu pai! apenas este nome ouvia,  
Suspenso nos meus braços o apertava.

Que a pequena Eduviges reparava  
No meu semblante; como que sorria:  
Que os braços amorosa me estendia,  
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes, Marilia, o sonho eu não tivera!  
Nos braços da saudade despertára,  
Porém dôr tão pungente não soffrêra:

Sonhei, Marília, o que antes não sonhára,  
 Pois passando de um gozo ao que não era,  
 Sem filhos, sem Marília não me achára.

## 2.º

Marília! mal formados caracteres  
 Apenas eu te envio; aos patrios lares  
 Uma cópia darás de meus pezares.  
 Um retrato de meus fieis deveres.

Vai, oh! carta feliz, não consideres  
 Que tens de atravessar soberbos mares!  
 E quando o paço de Marília entrares,  
 Beija-lhe a mão formosa se poderes.

De mim talvez Marília se condôa...  
 Dize-lhe?! eu venho do formoso Tejo,  
 Dize-lhe... oh dôr!... eu venho de Lisboa!

Quanto, oh carta feliz, quanto te invejo!...  
 Vai... arranca-lhe um ai magoado... Voa  
 Nas brancas azas de um feliz desejo.

Occupado com as musas, pedia o poeta, sua subsistencia ás bellas letras; e a um curso de rhetorica que abrio em Lisboa concorrião, não só numerosos discipulos como tambem constantemente um auditorio escolhido de litteratos, amigos e admiradores que vinhão recrear o espirito ouvindo as suas lições de eloquencia.

E dest' arte procurava José Eloy Ottoni esquecer-se do mallogro perenne de todas as suas aspirações de pretendente. Presenciara de Lisboa os portentosos acontecimentos com que se encerrou o seculo XVIII, e os não menos importantes com que o actual foi inaugurado. Apezar de que as circumstancias precarias de sua fortuna, e a posição de pretendente por longos annos, o ar-

redassem dos perigos da politica, foi sómente a sua orthodoxia religiosa que o livrou de ir visitar os carcereiros da inquisição. É sabido que os governos de D. Maria I, e do príncipe regente, quando queria descartar-se de algum subdito importuno, e não tinham coragem para fazel-o abertamente, recorrião ao Santo Officio, que lhes servia de algóz.

Foi assim que no anno de 1799, apparecendo em Lisboa Joaquim José Vieira Couto, como procurador dos povos do paiz diamantino, para requerer contra os despotismos que praticavão no Serro do Frio os intendentes dos diamantes, porque fallasse com mais alguma affouteza, queixando-se da oppressão que pesava sobre seus miseros compatriotas, lá foi ter ás prisões do Santo Officio, conjunctamente com o celebre Hypolito, que fugindo milagrosamente aos Torquemadas portuguezes, foi para Londres escrever o *Correio Brasiliense*, que tanto servio e honrou a nossa patria. O companheiro de Hypolito era, além de comprovinciano, primo irmão de José Eloy Ottoni, que ousando solicitar em favor do seu parente, teve insinuação de um dos inquisidores para esconder o parentesco que o ligava ao proscripto, revelando-se-lhe estas palavras que forão attribuidas ao príncipe: « O Couto e o Hypolito são capazes de revolucionar o reino, e o que ó mister é conhecer-lhe os amigos. » Por amor á verdade, cumpre declarar que José Eloy Ottoni não se comprometteu com os perseguidores do seu parente e compatriota, o qual jazeu nos calabouços do Santo Officio até 1807, quando, fugindo para o Brasil o príncipe regente e a familia real, foi solto por Junot a pedido da maçoneria portugueza.

No acto da invasão franceza era José Eloi Ottoni secretario da embaixada portugueza em Madrid, e presen-

tindo que o conde da Ega, enviado extraordinario, cedía a suggestões anti-nacionaes, cortou por todas as considerações que naquelle momento o prendião junto do conde, e retirou-se para o Brasil. Veio viver de novo a triste vida de pretendente sem nada poder obter, porque apesar de ter abandonado a embaixada portugueza logo que lhe ella pareceu connivente com o estrangeiro; apesar do eloquente protesto que fez contra os Francezes na glosa da celebre oitava de Camões—*Deu signal a trombeta castelhana*—publicada em 1808, e colligida em 1828 no *Parnaso Brasileiro* pelo fallecido conego Januario da Cunha Barbosa, teve o sentimento de ver posta em duvida a sua fidelidade de subdito portuguez. Em varios outros documentos mostrou José Eloy repellir toda a idéa de connivencia com os invasores da Peninsula; notadamente em uma ode aos annos de Jorge IV. da Inglaterra offerecida, a lord Strangford, e n'uma serie de dialogos com o titulo—*Os amigos da virtude*,—de que tenho os originaes em meu poder.

Acolhido com frieza pelo principe regente, saudoso da bella sociedade que deixára além do Atlantico, José Eloy Ottoni entregou-se ao estudo da Escriptura Santa, traduzio e paraphraseou muitos psalmos da Igreja, e compoz cantigas e versos devotos que alguns jornaes, e especialmente a *Tribuna Catholica*, tem procurado vulgarisar. O *Stabat mater* foi traduzido por esse tempo e o *Miserere*: a glosa seguinte d'um dos versetos desta traducção parece conter um voto, a que o traductor em maxima parte cingio-se dahi em diante, de não mais se occupar com objectos profanos. O verseto é o seguinte: « *Domine labia mea aperies et os meum numtiabit laudem tuam.* » Eis a traducção:

*Unge meus labios, Senhor!  
Voarei á Divindade,  
Será o Eterno meu canço,  
Meu instrumento a Verdade.*

## GLOSA.

## I.

A lyra, que á flôr dos annos  
Cousagrei, cantando objectos  
Tão futeis, como indiscretos,  
Hoje é só prestigio e damnos.  
Encontra só desenganos  
Quem busca em trevas amor:  
Mas eu presinto o calor  
De nova luz que me inspira;  
Agora dá-me outra lyra!  
*Unge meus labios, Senhor!*

## II.

Manda a luz que aponte a lei,  
Dá-me o tom que o pelctro afaga,  
Os caracteres apaga,  
Que eu por delirio gravei.  
Tambem quantos entoei  
Hymnos de amor ou vaidade:  
Seguindo a luz da verdade,  
Que brilha de quando em quando,  
Ao pó da terra escapando,  
*Voarei á Divindade.*

## III.

Herões, fortuna, grandeza  
Que o tempo leva e consome,  
Graças que morrem sem nome,  
Attractivos da belleza,  
Tudo é pó, tudo é fraqueza,  
E' tudo miseria e pranto;  
Ou desdobre a noite o manto,  
Ou desponte a luz do dia,  
Desenvolvendo a harmonia,  
*Será o Eterno meu cunto.*

## IV.

Do que a terra e os céos m'inspirão,  
Os pregoeiros são estes,  
Todos os corpos celestes,  
Que em curvas orbitas girão,  
Que inumeros sóes se virão  
No centro da immensidade,  
Na extensão da Eternidade,  
Se eu abrangessc a harmonia,  
A luz meu écho seria,  
*Meu instrumento a Verdade.*

A despeito deste protesto significativo não se quebrou a lyra dos amores, nem esgotou-se a veia do epigramma. Neste ultimo genero, sobretudo, achou José Eloy Ottoni campo vasto em que exercer os seus talentos; mas no fim da vida, pouco antes de ser necessario que o juiz dos orphãos da côrte lhe nomeasse curador, fez o poeta medonho auto de fé de todas as poesias que lhe aprouve chamar profanas, e as reduzio a cinzas. Restão pois apenas na memoria de algumas pessoas da intimidade os fragmentos de innumeradas composições amorosas e satyricas, cujos originaes forão pela mão do autor entregues ás chammas. Bem que na occasião deste incendio as

faculdades intellectuaes do autor já estivessem em completo desarranjo, deu-se a singular circumstancia de que tendo elle nos mesmos bahús com os seus hymnos de *Amor ou Vaidade*, poesias licenciosas e lascivas, composição de Bocage e de Bressani e escriptas pelo proprio punho de ambos, respeitou o genio de seus amigos, e deixou-as illesas.

Tenho de cór parte dos versinhos em que foi retratada uma bella. O autor vira um retrato a pincel, e quiz provar ao pintor que era uma temeridade a sua empreza.

Não debalde a natureza  
Reproduzindo viçosa,  
Creou nos vales o lyrio,  
Creou nos jardins a rosa.

Não debalde desentranha  
Da terra Pluto a riqueza,  
Quando os artistas procurão  
Imitar a natureza.

Não debalde a linda Estrella  
Que é precursora do dia,  
Descobre a face risonha  
Quando o sol nos annuncia.

Não debalde.... Céos! aonde  
Me arrebatá o pensamento?  
Irei perder-me no abysmo  
De vozes soltas ao vento?

Céos! mandai-me as finas côres.  
De que Phebo se enamora,  
Ou no matiz do Horizonte,  
Ou nas lagrimas da Aurora.

Eu teço um quadro divino,  
Eu quero Julia pintar;  
Não acho côres na terra  
Com que a possa retratar.

Apenas pôde imitar-lhe  
A linda cór pudibunda  
Por entre jasmins nevados  
A papoila rubicunda.

Os puros labios pintar-lhe  
Não pôde a cór de rubim,  
E á vista dos alvos dentes  
Não é tão alvo o marfim.

.  
. :  
. :  
. :

O quadro é digno de Jove,  
Não é de engenho, nem d'arte.

Dos seus numerosos epigrammas resta um ou outro, como — *O Machiavel desdentado, o Alcazofar do Prégador*, — e poucos outros. No entanto a córte de 1810 deu que fazer á musa de José Eloy Ottoni. A J. P. de Castro dirigira elle umas quadrinhas um tanto sarcasticas, em que vinhão allusões ao Real Erario. Castro quiz vingar-se, e para interessar na sua vingança o

thesoureiro geral, que era, como se sabe, o *totum continens* do Erario, leu-lhe as quadrinhas; Targini, homem de letras e distincto poeta, em vez de prestar-se á pequenina vingança, applaudio o epigramma, e recommendou á admiração do seu interlocutor um soneto que tirou da sua gaveta, e de que se póde ajuizar pelo seguinte quarteto :

Colbert, Sully, Pombal ; tudo isso é historia.  
Do aurifero Brazil pomposo Erario,  
Quer na etiqueta, quer no formulario,  
De um genio mais sublime aponta a gloria.

Cumpre porém confessar que a lyra dos amores e a veia do epigramma erão passatempos fugitivos, e que desde o seu regresso de Lisboa não teve o nosso poeta, outra occupação seguida senão o estudo dos livros sagrados, de que a cada passo tirava edificantes lições dirigidas em versinhos d'arte menor a seus filhos em Minas Novas.

Em nota a uma destas lições em verso vem a seguinte declaração do autor: « Que de todas as accusações que se lhe fazião só não despresava de impiedade, porque a essa respondia no presente a sua vida, e no futuro o fructo que o seu engenho tirasse dos livros sagrados »

Em 1811 passou-se á Bahia, onde, por alguns annos, residio em casa do conde dos Arcos; lá, fiel ao compromisso que acabo de referir, publicou em 1815 a traducção dos proverbios de Salomão, obra que logo se vulgarisou nas escolas de primeiras letras da provincia de Minas. por que foi protegida e officialmente recommendada pelo ultimo capitão general o integerrimo D. Manoel de Portugal e Castro.

Na prefacção do seu interessante livro diz José Eloy : « Eu não conheço um codigo de moral tão puro como

os proverbios de Salomão; em ethica é tudo quanto os homens de todos os seculos puderão descobrir de mais justo, mais santo, e mais necessario. » Abra-se ao acaso um capitulo dos *Proverbios*, e ver-se-ha como o traductor soube exprimir em bella poesia os preceitos de Salomão. Tomarei por exemplo as *palavras do rei*, explicando ao filho os dotes de sua consorte.

## I.

Quem achará mulher forte?  
Seu valor e preço encerra  
Mais do que as perolas finas  
Da extremidade da terra.

## II.

O marido satisfeito  
Na esperança se mantém  
De que ella, em quanto fór viva,  
Lhe tornará sempre o bem.

## III.

Trabalhando a lã e o linho  
Sem se dar a objectos vãos,  
Mostra que é sabia e engenhosa  
No trabalho de suas mãos.

## IV.

Antes que o dia amanheça  
Se levanta do aposento,  
Para prover a familia  
Do necessario sustento.

## V.

Considerando as vantagens  
Do campo que ella comprou,  
Co'as próprias mãos sem cessar  
Cavando, a vinha plantou.

## VI.

Ama o trafego em que vive,  
Porque aos bons a industria affaga;  
A sua alampeda, ardendo  
Toda a noite não se apaga.

## VII.

Ella abre as mãos á indigencia,  
Estende os braços ao pobre:  
Socorrer aos desgraçados  
E' prenda d'uma alina nobre.

## VIII.

A incommodar-lhe a familia  
Debalde o tempo se atreve;  
Não entra em roupa forrada  
Rigor de frio ou de neve.

## IX.

Tapeçaria e brocados  
Nos seus moveis se conhecem;  
Em todos os seus vestidos  
Linho e purpura apparecem.

## X.

Abrindo a boca ella espalha  
O clarão da sapiencia;  
O pejo mora em seus labios,  
Na sua lingua a clemencia.

## XI.

Examinando a familia,  
Conservou sempre bondade;  
O pão do proprio sustento  
Não comeu na ociosidade.

## XII.

A mais feliz creatura,  
Oh! tu bemaventurada!  
Teus filhos assim te chamão,  
Por teu marido és louvada!

## XIII.

Muitas filhas ajuntarão  
Bellezas á formosura;  
Mas tu, excedendo a todas,  
Es mais formosa e mais pura.

## XIV.

A graça e belleza é um dote  
Que murcha assim como a flôr;  
Meu filho, louva, e procura  
Mulher que teme o Senhor.

E' n'um dos capitulos dos—*Proverbios*—que vem o tão fallado texto—*Per me reges regnant*,—o qual traduzido como o servilismo o traduzio—*o poder dos reis vem de Deos*,—foi a origem desse *devancio* que a Europa chama—*legitimidade*.

Sem se afastar um ápice do sentido rigoroso da *Escriptura*, a *Paraphrase dos proverbios* torna patente que para derivar de tal fonte a doutrina ultramontana de que—*o poder dos reis vem de Deos*, foi mister recorrer-se a mais de uma fraude piedosa. Porquanto não somente se destacarão aquellas palavras de um corpo geral de doutrina, que toda se resume assim— a sabedoria é a regra de bem proceder para todas as idades, estados e condições,—como além disso subentendeu-se que o—*me*—do fragmento subtrahido era ali pronome de—*Deo*,—quando sómente o é de *sapientia*.

Eu vou collocar o texto latino ao lado da paraphrase, e tenho assim boa occasião não só para demonstrar a minha asserção, como para facilitar meios e dados com que os entendedores possam reconhecer que com os seus profundos conhecimentos philologicos em latinidade e na lingua vernacula, com a elegancia de sua dicção, com a pureza de sua linguagem castiça, José Eloy Ottoni era verdadeiramente um traductor de genio.

## CAPITULO TERCEIRO DOS PROVERBIOS DE SALOMÃO.

12.

Ego sapientia habito in consilio,  
et eruditus intersum cogitationibus.

12.

Eu sou a sabedoria  
Que delibero em conselho ;  
Assisto aos judiciosos,  
Tanto ao moço como ao velho.

15.

Per me reges regnant, et legum  
conditores justa decernunt.

15.

É por mim que os reis imperão  
*Nos corações por amor ;*  
As minhas leis é que formão  
O sabio legislador.

18.

Mecum sunt divitiæ, et gloria,  
opes superbæ, et justitia.

18.

Os thesouros da abundancia  
Pelo meu braço se entornão,  
Riquezas, gloria, justiça,  
Magnificencia me adornão.

20 e 21.

In viis justitiæ ambulo, in me-  
dio semitarum judicii : Ut ditem  
diligentes me et thesauros eorum  
replcam.

20 e 21.

Nos caminhos da equidade,  
Nas veredas da prudencia,  
Com quem me ama eu reparto,  
Além de amor, opulencia.

22.

Dominus possedit me in initio  
viarum suarum, antequam quid-  
quam faceret à principio.

22.

Na mente eterna increada  
O Senhor me possuia :  
Antes de haver creatura  
Eu já coeterna existia.

26.

Adhuc terram non facerat et  
fulmina et cardines orbis terræ.

26.

No globo o cahos ainda  
Não mostrava o que elle encerra,  
Nem dos rios a corrente,  
Nem os dous polos da terra.

27.

Quando præparabat cœlos, ade-  
ram : quando certa lege et gyro  
vallabat abyssos :

27.

Quando o autor do firmamento  
Aos abysmos prescrevia  
Certas leis, a tudo estava  
Presente a sabedoria.

28 e 29.

Quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum:  
Quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat a quis, ne transirent fines suos:  
quando appendebat fundamenta terræ:

30.

Cum eo eram cuncta componens, et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore.

32.

Nunc ergo, filii, audite me: beati qui custodiunt vias meas.

28 e 29.

Ou no equilibrio das fontes.  
Sustendo as nuvens no ar,  
Regrando o peso da terra,  
Pondo limites ao mar:

30.

Eu fui o Grande Architecto  
De que o autor lançou mão;  
Diante d'elle eu fui sensível  
Ao prazer da criação.

32.

Portanto agora que eu fallo  
Escutai, ó filhos meus,  
Vós, ó bemaventurados  
Se abraçais a lei de Deos.

Feita esta transcripção, me limitarei, quanto ao merito do traductor, a pedir aos leitores que me honrem com a sua attenção, que confrontem acuradamente o texto latino com a traducção, e verificarão que nem uma só idéa, nem uma só palavra do original deixou de ser conveniente e elegantemente reproduzida na paraphrase.

E quanto ás observações politicas que me abalancei a fazer ácerca do *Per me reges regnant*, como origem da legitimidade, tambem cuido ficar manifesto:

Que a doutrina de Salomão neste capitulo reduz-se á declaração de que nada se póde fazer sem a sabedoria;

Que a sabedoria é coeterna com a Divindade, de quem foi o grande Architecto na criação;

Que só pela sabedoria se póde obter a abundancia, a gloria e a justiça;

Que é pela sabedoria que os legisladores (*conditores legum*) podem fazer leis sabias (*justa decernunt*);

E que, finalmente, é só pela sabedoria que os reis podem governar (*per me reges regnant*);

E que, por conseguinte, o tão fallado texto a que se arrima o devaneio da *Legitimidade* é a theoria das capacidades que Guizot explica no seu livro sobre o systema representativo; é a doutrina de Alexandre Magno quando legou o seu imperio *ao mais digno*; e é emfim a mesma theoria em virtude da qual forão elevados á presidencia dos Estados-Unidos os Washington, Jefferson e os Adams. É uma regra de deveres, e não uma declaração de direitos.

No tempo da publicação da paraphrase dos proverbios já José Eloy Ottoni se occupava seriamente com a traducção do livro de Job. E desejando castigar e aperfeiçoar esta obra, guardou largo espaço de tempo, seguindo o preceito de Horacio—*nonumque prematur in annum*.—Bem sabia o poeta que em quanto os materiaes da sua composição estivessem encerrados no gabinete, erão susceptiveis de todas as transformações que o seu genio lhe suggerisse, mas que uma vez divulgados pelas mil tubas da imprensa, terião de correr o mundo com as imperfeições que houvessem escapado ás primeiras revisões, visto que não ha possibilidade de fazer voltar atrás a voz que uma vez soltou-se ao vento.

Membranis interpositis delere licebit  
Quod non edideris; nescit vox missa reverti.

E não se limitou o poeta a empregar os recursos da propria intelligencia no exame e aperfeiçoamento do seu trabalho. Fiel sempre aos preceitos do mestre Horacio:

Et metui descendat iudicis aures.  
Et patris et nostras.

appellou para o criterio de varões esclarecidos em humanidades, e nas sagradas letras, entre os quaes parece-me que posso contar o Exm. e Rvm. Metropolitano do Brasil. O certo é que S. Ex. Revm., ha dez annos, em conversação particular, que tomo a liberdade de commemorar em razão do assumpto, mencionou honrosamente a traducção do livro de Job, e pareceu acolher com satisfação a segurança que dei de que esse trabalho do meu parente teria de ser dado aos prelos.

Já então o original fora promettido por José Eloy a seu irmão predilecto Jorge Benedito Ottoni, meu pai, e effectivamente foi-lhe depois entregue por intermedio do Dr. Manoel Esteves Ottoni neto do traductor. Tenho em poder a traducção completa, dividida em trinta e quatro capitulos, com mais de tres mil versos, toda escripta do proprio punho do traductor, e brevemente será ella offerecida ao publico. Alguns capitulos estão escriptos em duplicata, e mesmo com diversas variantes :

*Multa dies et multa litura cœruit, atque  
Perfectum decies.... castigavit ad unguem.*

Darei ao benevolo leitor uma amostra da traducção do livro de Job. É o quadro das desgraças que Satan amontoou sobre a cabeça do varão justo, e o da piedade e resignação com que elle soube nesse mesmo trance abençoar a mão da Providencia.

#### EXTRAHIDO DO CAPITULO I.

... Risonho e circumspecto  
Dos filhos o mais velho á mesa estava,  
Unido a seus irmãos em doce affecto,  
Mensageiro que subito chegava :  
« Cessou, eis disse a Job, o amanho á terra  
Que o rude camponex c'os bois lavrava.

Nem jumenta, nem touro orneja e berra.  
 Absorve o roubo o que escapou da espada,  
 De repente os Sabeos nos fazem guerra.  
 Tudo a ruina envolveu, tornou-se em nada  
 A lavoura, e domesticos ; apenas  
 Eu, que á morte' escapei, fugindo á estrada,  
 Venho dar-te esta nova. Ob dôr ! E ordenas  
 Que o teu raio, senhor, no céu ribombe....  
 (Inda aquelle fallava, eis outro grita :)  
 « Que funesta, que lugubre hecatombe !  
 Nuvem negra rasgou sulfurea fita,  
 Que ovelhas consumiu, tragou pastores.  
 Foi sentença do céu, com fogo escripta. »  
 Inda não acabava. Eis salteadores.

Lá vão camellos!... Lá se escuta horrendo,  
 Triplice estrondo, que no chão resôa....  
 Quadrupedantes esquadões batendo.  
 Rapina e morte os corações magôa,  
 Da espada, o fio vai cortando a eito....  
 Mas que novo desastre o campo atrôa !  
 Rebrama o noto, que traspasa o peito  
 Da banda do deserto (eis outro clama)  
 Que abala os troncos no seu proprio leito.

Que doloroso

Espectaculo, triste e miserando,  
 Offerece o Justo em lance perigoso !  
 Apenas se ergue Job, no chão tombando  
 Cede ao peso d'angustia que o devora ;  
 Os vestidos n'um extase rasgando,  
 Tosqueada a cabeça inclina, e chora....  
 Mas o céu, que não tarda, acode ao Justo,  
 Os olhos para o céu volvendo, o adora.  
 « Do seio maternal se a dôr e o susto  
 (Clama Job) me arrojou despido e pobre,  
 Em mágoa e pranto, que eu herdei sem custo ;  
 A' madre terra, que os meus orgãos cobre,  
 Nú pretendo baixar. Bemdito o nome  
 Que abate o rico, o poderoso, e nobre !

Tu me dêste, senhor, fartura e fome,  
 O que eu tinha, era teu, serás bemdito.  
 Pobreza, injuria, se te apraz que assome. »  
 Em tudo quanto Job nos deixa escripto,  
 O Justo, que em seus labios foi discreto,  
 Não commetteu sequer um só delicto.

À fé religiosa, quando sincera, andão inseparavelmente unidos os sentimentos da humanidade. José Eloy tinha verdadeiro amor ao proximo, e não cessava de o manifestar em suas poesias. Citarei para exemplo uma Ode em que, tomando por epigraphe os versos de Virgilio

Quid non mortalia pectora cogis  
 Auri sacra fames!

estigmatiza os costumes dos senhores de escravos, lamentando que sacrificuem

A' sacrilega fome do dinheiro  
 O resto desgraçado  
 Da trahida, venal humanidade,  
 O misero Africano.

E depois de descrever os penosos trabalhos do escravo na mineração, quando,

Sob alçapões de ruina  
 Metallico vapor, sulfureo bafo  
 Os bronchios lhe dilata;

exprime nos seguintes eloquentes versos o seu horror á escravidão:

Em vão se esforça a natureza e grita,  
 Em vão repugna e brama.  
 As leis communs da humanidade, os santos  
 Inviolaveis direitos  
 Que prescreve aos mortaes a liberdade,  
 Em vão, em vão repugnão;

A crua mão da força, o fraudulento  
 Espectro da maldade  
 Embaça a luz, e prostitue os entes  
 Do livre raciocínio.

O dia 26 de fevereiro de 1821 achou o nosso poeta occupado em lucubrações como aquellas de que acabei de dar noticia. No justo enthusiasmo de que se achou possuido por tão transcendente acontecimento, foi José Eloy ao theatro, e em presença do Sr. D. João VI e da corte, repetio este bello

## SONETO.

Portuguezes! A nuvem tenebrosa  
 Qu'offuscava a razão desaparece,  
 Desfez-se o cahos que a discordia tece:  
 Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progenie maculosa  
 Baqueando em soluços estremece,  
 A justiça dos céos ao throno desce,  
 Marcando os faustos á nação briosa.

Lysia, berço de herões, oh Lysia, áperta!  
 Cumpre que os ferros o Brazil arroje,  
 Seguindo o impulso que a razão desperta.

A expressão de terror desmaia e foge,  
 Graças á invicta mão que nos liberta;  
*Escravos hontem, sois Romanos hoje!*

É facil avaliar a sensação que no dia 26 de fevereiro de 1821 produzirão em o auditorio do theatro de S. João tão patrioticos versos. El-rei sentindo-se offendido com o fecho do soneto, não se pôde conter, e bradou: « Escravos não! vassallos. » Peior, peior!... replicou o auditorio. Assim o soneto de José Eloy Ottoni, contra a intenção do seu autor, foi occasião de serio conflicto entre o rei velho do seu camarim, e da platéa o povo

verdadeiro soberano, que naquelle dia recobrava seus inauferiveis direitos.

Alternativas do mundo! O pretendente, que até então tinha debalde apparecido supplicante em milhares de audiencias, de cuja lealdade se havia duvidado em face, apenas fallou mais alto, e apresentou-se advogando a causa sagrada da regeneração da patria, como que para se lhe amortecer o fogo patriotico que inflammara a sua musa, obteve immediatamente um bom despacho para a Bahia; porém o governo provisorio daquella provincia, já reconhecia sómente a autoridade das côrtes geraes constituintes da nação portugueza, e José Eloy, tendo-se lhe negado posse do seu emprego, seguiu para Lisboa.

Teve lugar nesse anno a eleição dos 20 deputados por Minas para as côrtes, e José Eloy Ottoni foi um dos nomeados pelo grande collegio eleitoral da provincia, que, reunido em Villa Rica na forma da lei, ali installou o primeiro governo provisorio de Minas. O soneto de 26 de fevereiro foi a profissão de fé que fez triumphar a candidatura de José Eloy, aliás tambem recõmmendada pelo calor das opiniões liberaes, que patenteou no collegio seu irmão Jorge Benedicto Ottoni propondo e conseguindo que effectivamente se demolisse o padrão de supposta infamia levantado em 1791 sobre as ruinas da casa arrasada do patriota Tira-Dentes.

O diploma de José Eloy Ottoni não chegou a tempo de que elle tomasse assento nas côrtes, e em cartas de 1822, escriptas ao dito seu irmão Jorge Benedicto Ottoni, lamentando o deputado eleito essa falta, pois que, dizia couhecendo a *intriga do Rio de Janeiro*, poderia ter sido de alguma utilidade que a sua voz se levantasse nas côrtes. A historia explicará um dia o que significa essa *intriga do Rio de Janeiro* a que alludia José Eloy, e

saberão os vindouros que, se o principe da Beira (o Sr. D. Pedro I) fez a principio opposição aos decretos das côrtes de Lisboa, foi isto em maxima parte filho de suggestões dos homens do velho regimen, que pretendião derribar as novas instituições portuguezas e nada mais, e que, se depois S. A. R. se achou em rebelião aberta contra o seu paiz natal, e assim veio a ser naturalmente o protagonista da independencia do Brasil, a isso foi arrastado antes pela torrente dos acontecimentos do que por impulso da propria vontade.

Foi por falta de meios pecuniarios que José Eloy Ottoni demorou até 1825 o seu regresso ao Brasil; mas saudou de Lisboa a independencia em lindas poesias, e notadamente em uma serie de quadrinhas glosando o motte — *Viva a bella Brasileira* — com referencia á bandeira auri-verde que tremulara quasi nas aguas do Tejo, içada a bordo da fragata *Nitherohy*, commandada pelo distincto e valoroso Taylor. Quando José Eloy aportou ao Rio de Janeiro vindo de Lisboa, Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, o qual tinha voltado em 1823 para o Brasil, depositario, conforme então se disse, de instrucções secretas d'el-rei, e que poudo-se á frente de uma cabala contra o ministerio Andrada, fôra um dos principaes fautores da ominosa dissolução da assembléa constituinte, era ainda ministro poderoso, não omnipotente, porque não os teve o Sr. D. Pedro I. Villela quiz despachar immediatamente official de secretaria da marinha o seu velho amigo, mas objecções apparecerão *ab alto* e estas objecções erão todas tiradas do soneto de 25 de fevereiro de 1821, repetido no theatro em presença d'el-rei.

Como amigo do poeta, Villela lhe fez sentir que era mister destruir as desagradaveis impressões que havião a seu respeito.

Foi mister que o poeta estudasse as diversas combinações de idéas que se poderiam obter com as phrases do seu soneto, e que fosse bem feliz em deparar no penultimo verso com os agradecimentos dados á— *Invicta Mão* — (a da Providencia que libertava o povo portuguez.) Recordou-se de que em 1821 não faltára quem attribuisse ao principe consideravel interferencia no movimento de 26 de fevereiro. Recorreu ao mestre Horacio, e na *Arte Poetica* encontrou a regra do

— *Pictoribus atque poetis*  
*Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.*

Usando, pois, dessa liberdade, mediante os dados expostos, substituiu a Providencia pelo principe, e assim facil lhe foi ageitar um memorial justificativo do seu fatal soneto. Levou pessoalmente ao lugar donde havião partido objecções contra o despacho. O expediente sortio o desejado effeito, porquanto o memorial baixou á secretaria com a nota escripta por letra mui conhecida— **JUSTIFICADISSIMO.**

E com o memorial assim annotado baixou igualmente o decreto que nomeava a José Eloy official de secretaria da marinha.

Mais de vinte annos de vida de pretendente tinham-se passado antes de obter o nosso poeta um meio honesto de subsistencia fixo; e no entanto estava elle ausente de sua familia, a quem nunca quizera privar de um ceutil sequer da modesta herança paterna que a ella coubera; estava oberado de dividas para com alguns amigos, e com a perspectiva da velhice que batia á porta.

Em taes circumstancias aceitou a posição que se lhe offerecia, resolvido a ser unicamente official de secretaria, e a exercer o emprego como se na mesa do seu tra-

balho estivessem escriptos os versos que Carlos V, quando abdicou a corôa, mandou gravar á porta da humilde cella a que se acolhera :

*Inveni portum : spes et fortuna valet ;  
Sat me ludistis, ludite nunc alios.*

Era então a secretaria da marinha uma das que mais emolumentos percebia, e José Eloy Ottoni pôde cedo desempenhar-se, retribuir generosamente a todos os amigos que precisavão, e que lhe tinham valido na desgraça, e repartir com sua familia, bem que ella não necessitasse, o producto do suor de seu rosto. Por vezes então, supplicou a sua senhora para lhe vir fazer companhia o resto da vida, e a virtuosa senhora, bem<sup>q</sup>ue já maior de sessenta annos, abalançou-se a sahir de Minas Novas com destino ao Rio de Janeiro; mas a fractura de uma perna, no primeiro dia de jornada, pareceu-lhe um aviso da Providencia, e ella ficou preenchendo outros deveres, igualmente sagrados, junto de seus filhos e netos. Logo que lh'o permittirão os recursos da sua bolsa, José Eloy Ottoni estabeleceu diversas pensões mensaes a familias pobres, e no dia primeiro de cada mez era exactissimo no pagamento dessa divida.

Occupava-se em exercicios quotidianos de devoção, e no estudo e paraphrase da Escriptura Sagrada.

Monarchista quanto á fórma, era José Eloy Ottoni republicano pelas suas virtudes e simplicidade de costumes. O seu desapego de todas as distincções que traz comsigo a monarchia era tal, que cabendo-lhe o habito de Christo, como official de secretaria, renunciou a graça em seu filho.

E não obstante não foi menos grato do que Virgilio á

mão que lhe dera arrimo para a velhice, nem deixou de exclamar muitas vezes na linguagem das Musas :

Oh! Melibæe, Deus nobis hæc otia fecit.

Depois do seu despacho para a secretaria, algumas vezes apparecia nas audiencias imperiaes, nunca mais para solicitar, senão para mostrar a sua gratidão ; conquistou a estima do Sr. D. Pedro I, que por vezes lhe fez a honra de escrever do proprio punho, dando o assumpto de poesias que lhe encommendava, e que ião sempre a seu gosto. Tal foi o pedido do distico latino commemorado ha dias n'um jornal desta côrte, ácerca do qual se deu o seguinte. O fallecido senador Gomide offerecera para um retrato do imperador este distico :

B ra ziliæ saluator adest hic maximus heros ;  
Eterno Petrus nomine notus erit,

« Sr. José Eloy (*escreveu o Senhor D. Pedro*), Gomide deu-me esses versos para inscrever n'um meu retrato, mas acho-lhes muitos palavrões, e quero um distico seu. » A resposta forão estes dous versinhos :

Effigies vera loquitur, cum facta loquantur :  
Consule Braziliam, Petrus ubique sonat.

E os entendedores decidirão entre as duas composições.

Nas festas do casamento imperial, em 1829, mandou S. M. pedir ao seu poeta favorito versos sobre a tão fallada rosa, que originou a *Ordem da Rosa*, e especificou igualmente a exigencia de um versinho portuguez para cada quadro que figurava nas diversas faces de uma columna elevada no Rocio, rodeada pela parte superior de um listão com as estrellas das armas nacionaes. É

escusado dizer que o poeta condescendeu com o desejo imperial em todas as suas partes. Um dos quadros da columna do Rocio representava a cidade de Olinda, e tinha esta inscripção dada por José Eloy :

Com as estrellas do cruzeiro  
Quando assim te identificas,  
Tu ganhas novo esplendor,  
*Olinda mais linda ficas.*

A monotona existencia dos ultimos vinte e seis annos da vida do nosso poeta dão pouco assumpto ao seu historiador para entrar em maiores desenvolvimentos. E demais, ousou lisongear-me de ter escripto quanto é sufficiente para demonstrar que o Brasil perdeu, no dia 3 do presente mez de outubro, um filho que honrou a sua patria. Tenho concluido.

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1851.





## PREFACIO.



O Livro de Job é o mais antigo dos livros poeticos, e que apresenta o cunho dos costumes patriarchaes. As maximas (1) dos antigos dadas pelas leis; os versos, que encerram a doutrina dos sabios; esses sonhos, esses oraculos: esse holocausto offerecido por Job, em prol da sua familia; as funcções de juiz e de pontifice reunidas em sua pessoa (2); sua idade avançada, tudo prova, que o tempo, em que viveu era mui visinho do dos patriarchas. Não se descobre ahi nenhuma relação com os costumes dos Judeos, não se faz nenhuma menção da passagem do Mar Vermelho, dos prodigios aperados no deserto, e da lei promulgada sobre o monte Sinai. A

---

(1) O culto do Sol é a unica idolatria mencionada no livro de Job.

(2) A passagem seguinte de S. Agostinho pareceu-nos mui importante, e cotejando-a com a de Bossuet, que citámos, ter-se-ha a verdadeira doutrina da Igreja hoje tão desconhecida.

« Não creio que os Judeos ousem sustentar que só elles conhecem o verdadeiro Deos, desde a eleição de Jacob e a reprovação de Esaú. Não houve, na realidade outro povo denominado povo de Deos, mas não podem negar que houvessem algumas pessoas, entre as outras nações, que fossem verdadeiras Israelitas, como cidadãos da celeste patria. Não duvido que seja um effeito da providencia de Deos, o temos sabido, pelo exemplo de Job, a possibilidade da existencia d'homens, entre outros povos, pertencentes a Jerusalem espiritual.

scena se passa na Iduméa, e tudo traz a lembrança os objectos familiares aos Arabes. Os desertos, a palmeira solitaria, os ventos calmosos, as chuvas são raras e tão ardentemente esperadas, um sol abrasador, regatos que secam e illudem as esperanças dos viandantes, taes são as imagens do poema de Job, tal é ainda a Arabia. Os costumes ficaram os mesmos (3). A simplicidade, a hospitalidade, a independencia das primeiras idades conservaram-se debaixo das tendas d'esse povo nomado. Entretanto o livro de Job suppõe grandes conhecimentos dos usos do mundo antigo; nelle veem-se a astronomia e a musica já cultivadas; a architectura empregada em edificar palacios; a arte de explorar as minas. Falla-se no Egypto, no commercio das Indias, em vasos preciosos, armas e cadeiras. Mas o que constitue uma obra á parte, o mais precioso monumento da antiguidade; são as bellezas de todo o genero que nella estão espargidas. Que obra com effeito mais notavel do que um livro, o primeiro dos livros, que apresenta na poesia a mais elevada, idéas tão altas, tão puras das relações do homem para com Deos, e que offerece o cumprimento do que o mais bello genio da Grecia, Platão, (4) prescrevia para a poesia! Nunca mais sublime lição

---

(3) Os usos dos Arabes remontam-se ás primeiras idades do mundo. Julga-se ver ainda Abraham olvidando o peso dos annos para correr ao encontro do viandante desconhecido: e conjura-lo a não desprezar a sua habitação; ou esse pio Israelita, que adoçava ao captivo suavisando as dores dos seus irinãos. Nos lugares em que debucha tão ao vivo a imagem d'esses costumes antigos, o viandante abrigado, soccorrido abençoa a fidelidade d'esses povos aos pias usanças de seus maiores (M. DE CHOISEUL—GOUFFIER).

(4) Elle queria que esse genero divino fosse empregado em celebrar os louvores de Deos e dos homens virtuosos, á inspirar o horror ao vicio, e amar a virtude.

foi dada aos homens ; e o que Seneca olhara como um espectáculo digno das vistas do proprio Deos, o que Homero quizera apresentar na sua Odysséa, o homem virtuoso lutando com o infortunio, é o alvo do poema. Nunca foi melhor resolvida esta questão, cuja sublimidade algumas vezes revolta á nossa fraqueza : Como, sob um Deos justo e bom, o máo vive na prosperidade em quanto o homem virtuoso geme na miseria ? O que ha de mais proprio do que o exemplo de Job para destruir essa ideia, que abafaria a piedade no coração do homem, que nada soffre senão pelos seus crimes ? Emfim o dogma do fatalismo, que invadio o Oriente e sobre o qual baseava-se o paganismo ; a existencia de dois principios, o do bom e o do mal ; esses erros originados pelo nosso orgulho e pela nossa ignorancia desaparecem perante a simplicidade da narração que precede os discursos de Job. Existe um inimigo da raça humana, soberba creatura fixada no mal pela mesma superioridade, que recebera, e de que abusou para a sua eterna ruina. O Ceo é testemunha dos seus ataques (5), e quando o justo triumpho, não é somente das suas proprias paixões, não é somente aos olhos dos homens entre os quaes vive, é dos esforços do genio do mal, é á vista d'essas innumeraveis legiões d'entes invisiveis espalhados por esse universo, que não tem limites nas essencias espirituaes, que encerra e que o espirito humano não pode conceber nos mundos materiaes, que nos cercam : Job conheceu a criação do mundo e

---

(5) Tertuliano em seu estylo cheio d'imaginação diz que ergueu um tumulo a Satanaz na paciencia de Job, e que alçou esse estandarte á sua gloria : *Quale in illo feretrum Deus diabolo extruxit ! Quale vexillum de inimicis gloria sua extulit.*

o diluvio, esses milagres de poder e de justiça de Deos, a degeneração da raça humana; facto incompreensivel, mas que uma vez admittido, derrama viva luz sobre os nossos destinos. Si esse mysterio da justiça divina acha-se no poema de Job, ahi vê-se tambem o mysterio do amor, esse mysterio que o coração revela ao espirito, e que manifestou a bondade de Deos como o universo creado revelava o seo poder. Debalde pretendeu-se roubar a este livro essa immortal passagem em que é tão vivamente exprimido o dogma consolador e terrivel da redempção: está provado hoje que a promessa d'um redemptor, d'um mediador entre Deos e o homem, estava unida no espirito de Job ao dogma da permanencia das almas e da resurreição dos corpos. Como já foi muito bem observado, ha na melancolia de Job alguma cousa de tão sobrenatural como as suas desgraças; e isto deixará de surprehender-nos si reflectirmos que todos os justos da idade dos patriarchas representaram dois passos da vida de Christo; suas perseguições é a sua paciencia, typo imperfeito sem duvida; mas essa imperfeição era facil o engano de tomar a figura pelo modelo.

Entremos na analyse do divino poema.

Depois d'uma pintura viva e simples da ventura de Job, das suas riquezas, da sua alta hierarchia entre os Orientaes, da sua piedade, sua ternura para com os seus filhos; depois de ter-nos o autor do livro mostrado em sua linguagem allegorica, Satanaz no meio dos Anjos reunidos na presença do Senhor, para denotar o poder de Deos, que s'estende sobre os demonios e os cherubins, sobre a vida e sobre a morte, sobre as trevas, e a luz; depois de nos ter pintado, como o permite a fraqueza da humana linguagem, a communicação in-

comprehensivel dos espiritos, entrega-nos enfim Job nas garras do infortunio. Os Sabeos roubam os seus rebanhos, o fogo do Ceo mata seus servos, violento furacão do deserto sepulta seus filhos debaixo das suas ruínas. Não, basta: coberto d'uma horrivel ulcera da cabeça aos pés, esse heróe da paciencia, privado de seus filhos, de suas riquezas, opprimido pela lepra, é insultado por sua mulher, e adora a Mão de Deos que o fez. Os dois extremos da vida humana, a prosperidade e o infortunio, esses dois grandes escolhos da virtude, são supportados com inaudita coragem. Satanaz é vencido; mas a virtude de Job tem ainda uma prova a soffrer. Seus amigos correm para consolal-o; avistam-no de longe e não o reconhecem, elevam a voz, derramam lagrimas, rasgam os seus vestidos, e cobrem a cabeça de pó: por sete dias e sete noites guardam o silencio: enfim Job queixa-se dos males que o opprimem: aqui começa o drama. Conheceu Job que os seus amigos duvidavam da sua innocencia; succumbe a fraqueza humana; queixa-se amargamente que Deos deixa em paz os máos e afflige os bons: e é este o objecto do dialogo entre Job e os seus amigos. Deos experimenta o justo pela necessidade, ou é Job justamente punido pelos crimes secretos? Job sustenta o primeiro quesito, e seus amigos o segundo. Descobre-se nos murmurios de Job talvez algum orgulho pela sua virtude; e notam-se nas exprobações (6) dos seus amigos a injustiça e a amargura. Eliu, o sabio Eliu,

---

(6) Ha muitas verdades em seus discursos; mas, como disse S. Francisco de Sales, a verdade que não é caridosa procede d'uma caridade, que não é verdadeira. S. Paulo louvou algumas partes d'esses discursos, e segundo S. Gregorio, as maximas approvadas pelo grande Apostolo recebem a sua autoridade, não d'Eliphaz, que as disse; porém de S. Paulo, que as approvou.

depois d'ouvir á Job e aos seus amigos põe tudo no seu devido lugar. Censura a Job por ter dito que a virtude não era nenhuma utilidade: e faz sentir á seus amigos que elles tinham faltado á indulgencia e a piedade para com a desgraça do justo, e que só tinham exacerbado as suas dores em vez d'adoçar as suas amarguras. Então Deos intervém: responde a Job pela enumeração das maravilhas da natureza, e aquillo que á primeira vista parece estranho á questão, que occupa os actores desse drama, liga-se á elle maravilhosamente. Homem, tu que não podes comprehender os mysterios da natureza queres aprofundar os da graça! Resposta verdadeiramente divina, que humilhando a curiosidade e o orgulho do homem (7) abre o seu coração ás virtudes proprias á sua fraqueza, humildade, e fé. A penitencia, que faz Job, repara a sua culpa, e restitue-lhe á nossos olhos a perfeição de que é capaz o homem, e na qual entra necessariamente muito d'arrependimento. Pede pelos seus amigos, e Deus lhe concede mais do que perdera. Uma grande lição está ainda enumerada no livro de Job: « Com receio de que os Hebreus não se ensoberbeces-  
« sem attribuindo á si sós a graça de Deos; bom era  
« fazer-lhes comprehender que esse grande Deos tivera  
« os seus eleitos até na raça d'Esau. Que mais impor-  
« tante doutrina! (8) » Vê-se pois quão necessaria é a historia de Job na economia da Religião, e quão temerarios foram esses criticos que não quizeram ver nella senão uma ficção, não obstante a tradição de todos os seculos, e dos testemunhos da mesma Escriptura.

---

(7) Os mysterios longe d'humilhar o espirito humano, tornam-o superior a si mesmo, ensinando-lhe o que não pode saber.

(8) Bossuet.

*Bacon.*

Não entraremos na discussão suscitada para saber-se si o poema de Job é um verdadeiro drama, não procuraremos nelle nem os actos, as scenas, o maravilhoso e o desfecho da tragedia. Confessamos que ha algumas passagens obscuras para nós, e por consequencia uma falta de nexos, que não permite algumas vezes seguir a ordem das idéas; mas cremos, que as sombras espargidas sobre esta obra deixam brilhar bastante luz para que se possam distinguir todas as suas partes. É evidente que não existe acção, e tambem por isso não lh'o chamaremos de drama; mas sem ousarmos comparar o profano com o sagrado, uma tragedia d'Eschylo com o livro de Job, parece-nos que d'ahi poder-se-hia tirar uma demonstração moral da inspiração da Escripura.

Em Job e nos livros sagrados acha-se em toda a sua simplicidade essas altas idéas moraes, emanadas d'essa idéa capital, que á todas as outras fecunda; a existencia d'um Deos unico. Em Eschylo e em todas as obras dos antigos, revolta a contemplar-se todo o instante a mais monstruosa alliança da verdade e do erro. A tragedia de Prometheu, de que vamos fallar, compõe-se tambem de dialogos sobre a desgraça de Prometheu preso a um rochedo pelos ministros do Deos dos Gregos, que o poeta chama a *Força* e a *Violencia*. As filhas do Oceano; e elle proprio vem trazer consolações a Prometheu; mas este, punido por não ter dado aos deuses a esperança, blasphema contra Jupiter, e prediz, que será precipitado do throno dos Ceos. Mercurio enviado por Jupiter, ordena a Prometheu de lhe descobrir o futuro, e pune a sua resistencia fazendo cahir a raiz sobre o rochedo, a que está elle preso. É verdade, que nessa informe composição do poeta grego brilham algumas vezes bellezas d'um genio varonil. Falla Prometheu em

certos lugares como o Satanaz de Milton, e pode-se reconhecer tanto em sua elevação, como em sua desgraça, traducções alteradas da queda do Anjo Rebelde. Mas como ousar comparar Eschyto com Job, não digo sómente pela pureza, pela sublimidade das idéas; mas pela poesia das imagens, pelos movimentos e figuras. A magestade, e a sublimidade d'esse livro tornam-no digno de Moysés. A situação, em que se achavam os Hebreus quando refugiou-se Moysés na terra de Madiam; fornecia-lhe uma occasião natural para escrever. O povo fiel, reduzido a mais aspera escravidão, necessitava de ser consolado por um tão tocante exemplo, e os Madianitas, que podiam-se revoltar contra os inexcrutaveis decretos da Providencia, aprendiam assim a respeitar as razões occultas que tem o *Senhor* para affligir os homens virtuosos; instruindo-se ao mesmo tempo em reconhecer o nada do homem, e o supremo poder de quem o formára. Moysés, que apenas vivia cem annos depois de Job, colheo, durante a sua habitação na Arabia todos os discursos de Job e dos seus amigos, conservado pela traducção popular; e eis a razão de se encontrarem neste livro muitas locuções arabes (9), e porque foi collocado entre os livros dos Hebreus. A differença

---

(9) Maracci, em sua traducção do Koran, pretende que S. Jeronymo fizera a sua versão sobre um texto arabe; mas engana-se S. Jeronymo sómente diz que o estylo de Job tem muita analogia com o arabe e o syriaco, e que muitas palavras, e até frases devem ser explicadas segundo esse dialecto. Abreu—Ezra, pretende que o livro de Job é uma versão feita sobre outro dialecto: Mas, si o texto hebreu fosse versão d'um original arabe dever-se-hia logo reconhecê-lo pelo estylo; sendo o estylo d'uma versão sempre diverso do original. Todavia os mais habéis criticos não descobrem nenhum vestigio de traducção no texto hebreu. A maneira pela qual um dos mais celebres orientalistas d'Allemanha, M. Mechaeles, refuta a opinião de Thomas Heath, que pretendia, que o livro de Job fóra

d'estylo que pretendeu-se encherger entre o Pentateuco e o livro de Job, provém da differença dos objectos, e da idade, em que Moysés escrevera estas duas obras. O livro de Job foi escripto no ardor da mocidade, e nada iguala a energia, a audacia, a riqueza das suas expressões. Nunca houve mais ousadia no emprego das metaphoras, nobresa, pompa, sublimidade nas discripções. A falta de precisão, de justiça, que se quiz ahí notar provem do genio da lingua e da poesia hebraica.

escripto no tempo do captiveiro, explica ainda a razão das locuções arabes, chaldaicas, syriacas, que ahí s'encotram. Todos esses idiomas não eram mais do que dialectos d'uma lingua geral e commum a todos os paizes, e a que se póde chamar *lingua oriental*: de modo que quanto mais antigos forem os monumentos, que consultamos, maior será a semelhança entre elles; e para esclarecer por um exemplo o que acabamos d'expender; servir-nos-bemos aqui das palavras de M. Michaelis: a lingua franceza, que é derivada da latina, e a lingua ingleza, são dois idiomas distinctos; e si examinarmos os livros inglezes, observaremos, que quanto mais antigos forem elles, menos termos francezes offerecerão, sobretudo si nos remontar-mos alem da época de Guilherme o Conquistador. Acontecerá porém o contrario si cotejarmos o allemão com o inglez; porque quanto maior for a antiguidade dos escriptos, que examinarmos, maiores analogias se descobrião com o allemão. Existem algumas locuções chaldaicas, que são desconhecidas nos antigos escriptores, e cujos exemplos assaz frequentemente repetidos nos livros biblicos, assignam a sua composição em uma época mais recente, e n'uma idade menos pura. Mas nada disso se encontra no livro de Job, e será elle melhor comprehendido pela sua interpretação no arabe do que no chaldaico, ou syriaco.

Disse-se ainda que o nome de Jehovah empregado nesse livro prova que é elle mais recente do que Moysés; mas parece-nos que a passagem do Exodo não prova que este nome sagrado fosse desconhecido antes de Moysés; porém unicamente que Deus não o tinha escolhido como o nome proprio sob o qual queria para o futuro ser adorado e invocado.

O nome de *Satanax*, que suppoz-se chaldaico, encontra-se não sómente no propheta Jeremias como até nos Numeros.

Havia poucas modificações nas palavras hebraicas: a forma geral da sua versificação consiste, como é geralmente sabido, em dividir cada periodo em duas partes, ás mais das vezes iguaes, que devem corresponder uma exacta correspondencia tanto no sentido como no som. Comprehende-se facilmente como essas phrases cortadas e informes, despojadas das suas vogaes, e da sua pronunciação, que debalde se tem querido restabelecer, são algumas vezes monotonas. Vede a que se reduziriam os mais bellos versos de Racine, se lhe tirassem a rima e a cesura! As bellezas porém do livro de Job sobrepujam á essas ligeiras desvantagens.

As imagens, os sentimentos, que nelle superabundam foram empregados por todos os escriptores; mas por maior que seja a elegancia com que os ornassem, quem não admirará a grandeza primitiva que se ostenta no original, cuja amplicidade é tão sublime! Poz-se em parallelo Job, Homero, e Ossian; mas para os verdadeiros poetas como Racine e Rousseau, o triumpho não era duvidoso. Seu gosto tão puro achava, como a razão do philosopho uma prova da divindade da Escriptura na sublimidade da sua poesia. Sim, descobre-se ahi alguma coisa de sobrehumano que não pode ser senão a iuspiração. Nunca mais bellas elegias foram escriptas sobre os infortunios humanos; porque, como o disse S. Gregorio, quando Job parecia não fallar senão do que soffre, exprime nossos males e as nossas dores. A igreja consagrou esses canticos de dor em seus dias de lucto, em que deplora as desditas da raça humana, e pode-se dizer de Job o que se disse de Jeremias, que tinha nivelado as lamentações com as calamidades. Ah! sem a missão d'Aquelle, que veio arrancar-nos ás trevas e á noite, quem não acharia a vida um bem amargo presente! quem não exclamaria com Job:

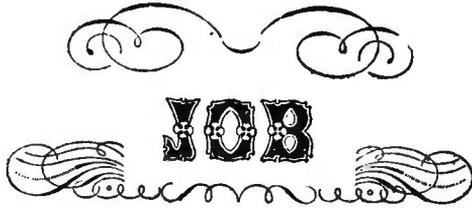
« Pereça o dia, que me vio nascer, e a noite, em que  
« se disse um homem foi concebido. Seja esse dia mu-  
« dado em trevas; Deos o mergulhe em olvido, onde  
« jámais o esclareça a luz: envolvam-no as sombras da  
« morte; seja devorado pela amargura!... » Jámais fallou semelhante linguagem, nem mais verdadeira Ficamos cheios d'horror lendo a narrativa que fez Eliphaz d'uma visão: « Uma voz chegou até a mim no silencio, e tremiam minhas carnes. No meio das visões dos sonhos nocturnos, quando um sonho profundo se apodera dos mortaes, o horror entra em minha alma, e agita todos os meus membros. Um espirito passava e os meus cabellos s'erriçaram d'horror. Uma imagem desconhecida parou diante de mim e eu senti um sopro ligeiro no meio do silencio. » Encontram-se á passo os mais magestosos quadros do poder divino. Em parte alguma o supremo poder de Deos foi mais vivamente pintado. « Á seu aspecto tremem as sombras dos mortos, revolve-se o oceano com os seus habitadores. O enfermo está despido diante dos seus olhos; não tem para elle veos o abysmo: sobre o vacuo estende a abobada dos ceos; suspende a terra sobre o nada. As columnas do ceo se abalam, estremezem á uma ameaça sua. Agita pelo seu poder as ondas do mar; e applaca o furor pelo sua sabedoria. O espirito do *Senhor* adornou os Ceos, a sua sabedoria formou os aneis da serpente. Eis uma fraca parte das suas obras: aquillo que elle nos faz ouvir não é mais do que um ligeiro murmurio. Quem poderia encarar os deslumbrantes raios do seu poder, e da sua magestade! » Jámais foi melhor demonstrado a curta prosperidade do impio, e não conhecemos nada, tanto pelo atrevimento das figuras como pela sua energia, que se

possa comparar com o capítulo vigesimo. É preciso que haja bastante eloquencia na lingua original da Escrip-tura, como diz Rollin, para que nos restem ainda mais nas suas copias do que em todo latim d'antiga Roma e o Grego d'Athenas. Ella é concisa, despida d'ornatos estranhos, que não suavizam senão para refrear a sua impetuosidade: inimiga de longos circuitos dirige-se a sua meta pelo caminho mais curto: gosta d'encerrar muitos pensamentos em poucas palavras, para vibrar-as como settas, tornando os mais remotos objectos sensíveis por meio d'imagens vivas e naturaes. N'uma palavra, tem grandeza, força, energia, com magestosa simplicidade, que colloca-a acima de toda a eloquencia pagã. Não provém essa belleza e esse brilhantismo d'uma linguagem affectada; mas da propria essencia dos objectos de que se occupa, que por si são grandes, e são elevados, que trazem necessariamente apoz si a magnificencia do estylo. O discurso, que Deos pronunciou é o modelo do genero sublime. Nada é comparavel a magestade de sua linguagem, que não tem modelo, e que só parece digno de quem o emprega. Depois desse discurso vem a conclusão, que bem como o exordio é distincta do poema e escripta em prosa. Os que attribuem este livro a Job dizem que essas duas partes foram adicionadas pelo autor, que o traduzira em hebraico, Job teve a sorte d'Homero: disputa-se sobre o tempo em que viveu, sobre a composição da obra, que traz o seu nome; jámais porém foi posta em duvida a perfeição e a sublimidade d'essa poesia primitiva, dessa grandeza original que ha mais de tres mil annos faz a admiração de todas as idades.









## CAPITULO I.

Um varão, que na terra d'Hus havia  
Por nome Job, do mal se retirava,  
Simplez, e recto, porque a Deos temia.  
A prole erão dez filhos, que elle amava: (\*)  
De ovelhas sete mil, tres mil camelos  
Quinhentas junlas só de bois contava.  
De jumentos em numero singellos  
Igual somma, contando as mãis sómente,  
Como qu' enchia os paternaes disvelos.  
Era o varão mais rico do Oriente  
Em gados, e em familia. Ao pai compete  
Regular de seos filhos o presente.  
Em reciproco amor os varões sets,  
Cada qual em seo dia convidava  
A suas tres irmãas a um só banquete;  
Porém Job por seo turno madrugava,  
Oblações, e holocaustos offerecendo,  
Depois que os filhos seos purificava.  
Assim, por cada um d'elles discorrendo  
Dentro em seos corações talvez, dizia :

---

(\*) Para escusar a repetição, basta que lidos os dez versos seguintes se conheça, que os filhos de Job forão sete moços, e tres meninas.

Ante Deos serão réos de crime horrendo.  
 Esta oração jamais se interrompia.  
 Velavão junto do Immortal Cordeiro,  
 Os anjos, eis Satan assoma um dia.  
 D'onde vens? Perguntou-lhe o verdadeiro  
 Deos, e Senhor. Diz elle: Em gyro a terra  
 Volteando passei o mundo inteiro.  
 — Viste o meo servo Job? Varão, qu' encerra  
 Em si temor de Deos? Responde, falla;  
 Que as sementes do mal de si desterra,  
 Tão recto, e simples, que ninguem o iguala?  
 Torna Satan: Debalde o temor santo  
 Desprende a força, que o teo servo abala?  
 Não o abençoas, e difundes tanto  
 As obras, que elle faz, os bens, a casa,  
 Que tudo cresce com geral espanto?  
 Estende um pouco a mão, reprime, atraza  
 Os bens, que elle possui, verás ao menos  
 Como em blasfemias o teo Job se abrasa.  
 Diz-lhe o Senhor: A um só de teos acenos  
 Tombe, quanto o meo Job possui, excepto  
 Do justo o coração, e o olhar serenos,  
 Partio Satan. Risonho, e circumspecto  
 Dos filhos o mais velho á mesa estava  
 Unido a seos irmãos em doce affecto.  
 Mensageiro, que subito chegava,  
 — Cessou, eis disse a Job, o amanhã á terra,  
 Que o rude camponez c'os bois lavrava.  
 Nem jumenta, nem toiro orneja, e berra,  
 Absorve o roubo, o que escapou da espada,  
 De repente os Sabeos nos fazem guerra.  
 Tudo a ruina envolveo, tornou-se em nada

A Lavoira, e Domesticos ; apcnas  
 Eu, que á morte escapei, fugindo á estrada,  
 Venho dar-te esta nova. — Oh ! dor ! E ordenas  
 Que o teo raio, Senhor, no Céo rebombe....  
 Que abraze, ou dobre do teo servo as penas ?  
 Mas antes que o terror das trevas tombe....  
 Inda aquelle fallava, (eis outro grita)  
 — Que funesta, que lúgubre hecatombe ! (\*)  
 Nuvem negra rasgou sulphurea fita,  
 Que ovelhas consumio, tragou pastores.  
 Foi sentença do Céo, com fogo escripta.  
 Inda não acabava. Ejs salteadores....  
 (Grita um criado, que os Caldeos temendo  
 Previne a morte, previnindo horrores)  
 Lá vão camelos !... Lá se escuta horrendo  
 Triplice estrondo, que no chão resoa....  
 Quadrupedantes esquadrões batendo.  
 Rapina, e morte os corações magôa,  
 Da espada o fio vai cortando a eito....  
 Mas que novo desastre o campo atrôa !  
 Rebrama o notto, que traspassa o peito  
 Da banda do deserto (eis outro clama)  
 Que abala os troncos no seo proprio leito.  
 Prestigio lauto de fraterna chama  
 Do mais velho na meza recendia,  
 Quando o prazer do vinho se derrania :  
 Da casa em torno o furacão bramia  
 Nos quatro cantos, que abalados tremem,  
 Fechando as portas, que o terror abria.

---

(\*) Assim como S. Jeronimo se servio da palavra — Coeito, —  
 do mesmo modo nos servimos tambem da palavra — Hecatombe.

Teos filhos chorão, porque a ruina temem!  
 Ao baque o écho retumbou ruidoso....  
 Parece ainda que esmagados gemem!  
 Eu sómente escapei. — Que doloroso  
 Espetaculo triste, e miserando  
 Offerece o Justo em lance perigoso!  
 Apenas se ergue Job, no chão tombando  
 Cede ao pezo d'angustia, que o devora;  
 Os vestidos n'um extase rasgando.  
 Tosqueada a cabeça inclina, e chora. ...  
 Mas o Céu, que não tarda, acode ao Justo,  
 Os olhos para o Céu. volvendo, o adora  
 —Do seio maternal se a dor, e o susto  
 (Clama Job) me arrojou despido, e pobre,  
 Em magoa, e pranto, que eu herdei sem custo;  
 A' madre terra, que os meos órgãos cobre,  
 Não pertendo baixar. Bemdicto o Nome,  
 Que abate o rico, o poderoso, e nobre!  
 Tu me deste, Senhor, fartura, e fome,  
 O que eu tinha, éra teo, serás bemdito,  
 Pobresa, injuria, se te apraz, que assome.—  
 Em tudo quanto Job nos deixa escripto,  
 O Justo, que em seos labios foi discreto,  
 Não commetteo se quer um só delicto.



## CAPITULO II.

Contra Deos, contra Job, de novo attenta  
 O inimigo da Luz, pseudo-profeta,  
 Que entre os córos dos Anjos se apresenta.

Pergunta-lhe o Senhor: Não foi completa (\*)  
 A victoria de Job? Consideraste,  
 Como é firme a innocencia, porque é recta?  
 —Em vão eu o affligi —: tu me incitaste.  
 As palavras de Deos Satan repelle,  
 Dizendo: Tu, Senhor, o exceptuaste,  
 A mão eu puz em tudo, excepto n'elle;  
 Bem vês, que os homens por salvar a vida  
 Darão tudo que tem, pelle por pelle.  
 Estende agora a mão, deixa que erguida  
 Toque-lhe a carne, aos ossos não perdoes,  
 Tu verás a innocencia então perdida  
 Inda espero, que Job te amaldiçoe  
 Face a face—Pois soffra, e não pereça;  
 Que o teo braço se estenda, e que magôe,  
 Eu t'ó permitto, vai.—Satan se apressa,  
 E a Job ferindo, o deixa aberto em chaga  
 Desd'os pés até o alto da cabeça.  
 Job no esterco raspando a immunda praga,  
 Depois que em podridão maligna escorre,  
 C'um pedaço de telha o corpo afaga.  
 Sua mulher, que o vê, mas não discorre,  
 —Perseveras, lhe diz, sem que te rales,  
 Louvando a mão de Deos? Pois Jouva, e morre.  
 Diz-lhe Job: Cumpre, ó louca, que te cales;  
 Se os bens da mão Deos tu recebeste,  
 Porque não deves receber os males?  
 Não peccou. Mal a colera Celeste  
 Ao longe se espalhou, não se demorão,  
 Unem-se, indagaão, que infortunio é este?

---

(\*) Omittte-se a repetição do que fica dito no Cap. 1.º por causa d'harmonia. É preciso não enfastiar, para se poder attrahir.

Os arcanos do Ceo de longe adorão  
 Eliphar de Theman, Beldad de Suhas,  
 Namathetes Sophar vem vê-lo, e chorão...  
 Leprosa escama sobre as carnes nuas...!  
 Será elle?—Os amigos exclamarão,  
 Concentrando no peito as magoas suas (\*)  
 Nenhum balsamo á dor lhe ministravão ;  
 O pó sobre a cabeça ao ar lançando,  
 Os vestidos, que horror ! despedaçavão,  
 Sem dar palavra tristes soluçando  
 (Deste mesmo recurso a dor nós priva)  
 Por terra junto a Job ficão chorando,  
 Que scena luctuosa, e sensitiva !  
 Sete dias chorarão, sete noites  
 Porque vião que a dor era excessiva.



### CAPITULO III.

Depois que o echo do desastre sóa,  
 Abrindo a boca Job, desesperado  
 Seo proprio nascimento amaldiçoa.  
 Pereça o dia (exclama), em que eu fui nádo,  
 Em negro olvido a noite emfim pereça,  
 Na qual se diz : Que um homem foi gerado.  
 Tambem trevas, e o dia se escureça ;  
 O Senhor do alto Ceo lhe volte o rosto,

---

(\*) Se o reciproco — suas — rimado com o nome proprio—Suhas  
 —no 5.º verso antecedente offende a delicadesa de escrupuloso metri-  
 ficante ;ahi vai para o satisfazer a variante seguinte :  
 —Concentrando o rigor de magoas cruas.

Nem permitta jámais que se esclareça  
 Sombras da morte sirvão-lhe d'encosto ;  
 De negra escuridão lhe reverbere  
 O pranto amargo, o funebre desgosto.  
 Um vortice da noite se apodere,  
 Entre os mezes do anno se confunda,  
 Nem se quer entre os dias se numere.  
 Noite de horror! Em solidão profunda,  
 Por quem maldiz a luz, maldita seja,  
 De nome indigna, como noite immunda!  
 Teu manto horrivel, que sem côr negreja,  
 Quem move a Leviathan, deteste, e caia ;  
 E quando espere a luz, a luz não veja.  
 Noite de tanto horror, que o Ceo desmaia!  
 Ah! tu não vejas por castigo, ou damno,  
 Se a Aurora aos tristes no horisonte raia ;  
 Pois tirando o meo ser do claustro humano,  
 Sem prevenir o mal, que ao mundo veio,  
 Tu me deste na luz horror, engano.  
 Oh! se eu dormira no materno seio!  
 Se eu não fora entre os joelhos recebido,  
 Sem luz, não receiava o que eu receio.  
 Do seio maternal sendo excluido,  
 Destes males o horror eu não soffrera,  
 No silencio do nada submergido!  
 Antes ao ver a luz eu perecera!  
 Junto aos Grandes, e aos Reis eu descançava,  
 No meo somno talvez inda jazera.  
 Com quem fabríca solidões me achara,  
 E aos thesoiros dos Principes do mundo  
 Minha debil pobreza se ajuntara ;  
 Ou no ventre, apezar de ser fecundo,

Os órgãos do meo ser se occultarião,  
 Dando-me á inercia, como aborto immundo,  
 A impiedade, e o tumulto cessarião,  
 No sepulchro a vaidade emmudecera,  
 E os cançados, e fracós dormirião,  
 Ali encarcerado não gera,  
 Nem a voz do Exactor ouvira, quando  
 Da materia, e do pó se desprendera.  
 Vassalo, ou Rei, a todos igualando,  
 Ali o escravo é livre, a sorte é terra ;  
 Em tudo é igual o rico ao miserando.  
 A luz opprime o animo, que encerra.  
 Amargura, e pobreza ; e então convida,  
 Attrahe o dissabor, e o bem desterra.  
 A um pobre, a um desgraçado concedida,  
 De que lhe serve a luz? Talvez de agoiro ;  
 Aos que esperão a morte é um peso a vida.  
 Como quem só procura a prata, o ouro,  
 Um infeliz a morte assim procura,  
 Cavando a terra, apoz algum thesouro :  
 Até que saciado de amargura,  
 N'um transportê de subita alegria ;  
 Se encontra o bem, é só na sepultura.  
 Ao viajor, que o rumo não sabia,  
 Porque Deos só de trevas o cercava,  
 De que lhe serve a luz, se a luz não via ?  
 Um suspiro o alimento me prepara,  
 Tenho em gemidos innundado o seio,  
 E o temor que eu sentia, se declara.  
 Combina, co'a desgraça o meo receio ;  
 Tranquillo me callei... soffri... Comtudo  
 O opprobrio, a indignação sobre mim veio.

## CAPITULO IV.

Eliphar de Theman, ouvindo extremos  
 De magoa, e dissabor, com voz sentida  
 Responde a Job: Talvez t'incommoedemos  
 Começando a fallar; se concebida  
 A voz aos labios vem, quem pode havel-a,  
 Ou suster a palavra proferida?  
 Deste a muitos rigor, lição, cautella,  
 As mãos cançadas do infortunio, ergueste,  
 Soffrendo o influxo de maligna estrella.  
 Aquem vacilla, e treme esforço deste,  
 Ensinando a soffrer, não vacillaste,  
 Os joelhos em tremor fortaleceste.  
 Soffrendo o influxo de maligna estrella.  
 As mãos cançadas do infortunio, ergueste.  
 Onde agora a paciencia, que ensinaste?  
 O açoite, que a teos males corresponde,  
 Ferio-te, e logo tu te perturbaste.  
 Fortaleza, vigor, justiça aonde?  
 De teos caminhos, se outro tempo ha sido  
 Modelo a perfeição, hoje se esconde.  
 Que innocente jámais tem perecido,  
 Que te lembres ao menos, eu te rogo?  
 Se houver um justo em seos planos submergido? (\*)  
 Antes aquelles, que ateando o fogo  
 Da impiedade, sem tino a dor semeião,  
 A um assopro de Deos definhão logo,

---

(\*) Estas duas ultimas preposições são relativas à vida eterna; porque neste mundo a virtude é quasi sempre perseguida.

De seu furor no espirito se ateião.  
 Morrem, sem preza, os tigres esfaimados,  
 Os leões o rugido, e a voz refreião :  
 Dos tenros cachorrinhos separados,  
 Tremem aquelles, que tremer fizerão,  
 E os dentes de seos filhos são quebrados.  
 Que horror as sensações me predisserão!  
 Uma voz, que em segredo retumbava,  
 Meos ouvidos á furto perceberão.  
 De nocturna visão, que amedrontava  
 Os sentidos, n'um sonho, a voz me atterra.  
 Que tremor os meos orgãos assaltava !  
 Do medo as suggestões me fazem guerra,  
 Os meos ossos de horror estremeção !...  
 Foge a paz, que a illusão do somno encerra,  
 Ou vapor, ou phantasma... Os pés se ouvião !  
 Passou diante de mim, ficou parado !  
 Meos cabellos, e a carne se arrepião !  
 Estranho o rosto, o vulto desmarcado,  
 Ante meos olhos como que se explica,  
 De branda viração favoneado !  
 — Que homem diante de Deos se justifica !  
 Como o seu Creador, ninguém tão puro,  
 Inda aquelle que o serve, instavel fica.  
 Tombão Anjos do Ceo no reino escuro ;  
 Quanto mais entre os filhos da desgraça  
 Os que habitão no chão de lodo impuro !  
 Hão de ser consummidos pela traça !  
 N'um só dia, sem luz d'intelligencia,  
 E como embriagados na opulencia,  
 Os que restarem, para sempre morrem,  
 Sem que avistem de longe a Sapiencia.

## CAPITULO V.

Chama, escuta.... não ha, quem te responda ;  
 Vê pois se algum dos Santos te retrata,  
 Sem que a mão, por fiel, de ti se esconda.  
 Esvaece a illusão, como insensata,  
 A ira ao louco, ao pequenino a inveja,  
 Pouco a pouco lavrando, esfria, e mata.  
 O louco eu vi tombar : maldito seja  
 De profunda raiz o luzimento,  
 Que, tombando o esplendor, por fim rasteja !  
 Sem dor, nem salvação, nem livramento  
 Seos filhos hão-de ser aos pés calcados,  
 Quando a porta lhes negue acolhimento.  
 Os bens, pue elle possue, serão roubados,  
 Um dia ao louco, as messes, e as devezas  
 Todos os bens ser-lhe-hão arrebatados.  
 O faminto co'as mãos em furia accesas  
 Hade as messes comer, e o sequioso  
 Hade beber-lhe o sangue das riquezas.  
 Não vem da terra o pranto doloroso,  
 É tudo effeito, que uma causa encerra ;  
 Mas o fim quasi sempre é duvidoso.  
 Batendo o vôo, o passaro não erra ;  
 A sorte humana foi, que descontente  
 Vá co' próprio suor cavando a terra.  
 Por isso é que eu recorro a Deos sómente,  
 Que elle faz de meos dias a esperança,  
 Porque é grande, insondavel, providente.  
 Sobre a face da terra as agoas lança,  
 Co' a chuva os campos rega, exalta o pobre,

A humilde, e a tristeza alliviq alcança ;  
 Amargura, a afflicção de benções cobre ;  
 Destroçando a maldade, as mãos lhe prende ;  
 E a crueza dos impios deslumbrando,  
 O projecto, e furor das mãos suspende.  
 Elle faz que as escuras tropeçando,  
 Andem, como de noite, ao meio dia,  
 Sem luz, nem tino, as trevas apalpando.  
 Mas aquelle, que pobre se avalia,  
 Sem soccorro, ha de ser livre da espada,  
 Que a lingua, por mordaz da boca envia ;  
 E sentindo a esperança recobrada,  
 O pobre ha de escapar da mão violenta ;  
 Em quanto o máo reprime a voz cançada.  
 Não desprezes a mão, que te alimenta,  
 Feliz! quem ama a correcção, que é pura !  
 A palavra de Deos tambem sustenta.  
 O castigo, que fere, as vezes cura,  
 A mão que o golpe dá, tambem dá vida.  
 Com seis tribulações teo mal se apura,  
 Quando a setima vem, sara a ferida.  
 Longe agora o desastre, a peste, a fome,  
 Longe o golpe da espada, ao colo erguida,  
 Nem o açoite da guerra te consome,  
 Nem a lingua feroz, que aguça a inveja,  
 No mór perigo te deslumbra o nome.  
 Verás risonho a fera, que esbraveja,  
 Penuria, estrago, horror verás de perto,  
 Como a nuvem, depois que o Ceo tropeja,  
 Até com as pedras tu farás concerto ;  
 Em paz com as feras, sem temor contente  
 Um dia hão de viver em campo aberto.

Quando toda a familia for presente,  
 Has de achal-a, máo grado os dissabores,  
 Virtuosa, pacifica, innocente.  
 E a prole de teos candidos amores,  
 Sem culpa, se fará tão numerosa,  
 Como estrellas no Ceo, no campo flores.  
 Teos netos tecerão festões de rosa,  
 Que entre os cedros do Libano frondoso  
 A entrada enfeitão de Siao formosa. (\*)  
 No sepulchro entrarás, quando abundoso  
 Teos bens te iguaem a um montão de trigo.  
 Toma tudo em sentido rigoroso ;  
 O que acabas de ouvir, guarda-o com tigo,  
 Depois revolve-o bem no entendimento,  
 Olha, que é tudo assim como te digo.



## CAPITULO VI.

Oxalá, disse Job que os meos peccados,  
 Objectos d'ira, e tudo o que eu padeço,  
 Fossem como em balança bem pezados !  
 Ver-se-hia então pender com mais excesso,

---

(\*) Se eu creio facilmente que a virtude ha de ser glorificada, que duvida posso eu ter, parafrascando este capitulo, em elevar-me á entrada da Celeste Jerusalém, aonde a Esposa dos Cantores ha de receber a Corôa que lhe compete ? Foi muitos seculos depois de Job, que aquellas expressões significavão o enthusiasmo Santo dos Prophetas, mas eu que parafraseo, agora, e que sou conforme com aquelles principios, nem incorro a taxa de anacronismo, nem excedo os limites da paraphrase.

Que as areias do mar, tormentos, dores,  
 Verdugo d'alma, da razão tropeço ;  
 Tem os males na voz os conductores.  
 O Senhor ergue o braço, e me assetea,  
 Combatem contra mim do Ceo terrores.  
 Devoro a indignação, devoro a idéa  
 De meos males. No monte orneja o bruto,  
 Muge o boi, quando o pasto lhe escacea.  
 Faltando o sal, é insipido o conducto ;  
 Quem bebe, ou come, o que desgosta, e mata ?  
 Eu fugia ao trovão, que agora escuto.  
 A amargura, se outr'ora me era ingrata,  
 Hoje a afflicção é todo o meo sustento :  
 Que ancioso desejo me arrebatá !  
 Quem me dera, Senhor, que o meo tormento,  
 Já que origem lhe deste, se acabasse,  
 Reduzindo-me ao pó, que espalha o vento !  
 Ou que a meos rogos de furor se armasse  
 A mão qu'imploro, a mão, de quem o espero,  
 Como pela raiz me decepasse !  
 Afflige-me, Senhor, sê mais severo,  
 Que eu sem oppor-me ao Santo por essencia,  
 Que me acabes de dôr, aspiro, e quero ;  
 Eis meos votos, Senhor. Que resistencia  
 Posso eu ter se não tenho fortaleza !  
 Nem descubro, a que fim tanta paciencia !  
 Se eu tivera das rochas a dureza,  
 Se a carne minha em bronze se tornara,  
 Meo ser não fora mais, do que fraqueza.  
 Minha propria razão me desampara :  
 Dos parentes, do proximo, ou do amigo  
 Ha muito que a illusão me abandonara,

Quem não teme ao Senhor, ama o perigo :  
 Eu vejo a meos irmãos, como a torrente,  
 Que innunda os valles, denegando abrigo :  
 Passão longe de mim tão velozmente,  
 Como as sombras. Si temes a geada,  
 Sobre ti cabe a neve de repente.  
 A vida é n'um assopro dissipada :  
 Quando vem o calor, desaparece,  
 Foge a luz da vereda emaranhada.  
 O que pisa no vacuo, ali perece :  
 As veredas de Thema avaliando,  
 De Sabá nos caminhos adormece.  
 Demorai-vos um pouco, meditando...  
 Só porque eu esperei, se confundirão,  
 Vierão, ficarão para o chão olhando...  
 Vendo o meo mal de pejo se cobrirão,  
 Temerão... Que ? Disse eu :—Trazei-me, ou dai-me  
 Dos vossos bens.—Acaso elles ouvirão ?  
 Do poder do inimigo libertai-me,  
 Das mãos do Poderoso—Se eu tropeço,  
 Proseguindo em meos erros, illustrai-me ;  
 Vereis, porque sou docil, que obedeco.  
 Porém vós das palavras da Verdade  
 Detrahis, murmuraes com tanto excesso,  
 Que me increpaes sómente por maldade,  
 Vãos discursos ao vento proferiudo,  
 Accusando, sem dor, minha humildade.  
 Contra um pupillo as armas esgrimindo,  
 Contra um amigo... oh dôr ! vos esforçastes ;  
 A obra é vossa. Se me estás ouvindo,  
 Dai-me agora a attenção, que me negastes,  
 Eu não mintó : este mal, que soffro, e choro,

Acabai, uma vez que o começastes.  
 Mas dizendo, o que é justo, por decoro,  
 Ou vergonha julgae, se isto é verdade?  
 Respondei sem reserva, eu vos imploro.  
 Sem mancha, nem labeo d'iniquidade.  
 Minha lingua achareis, illeza a boca  
 De loucura, ou resquicio d'impiedade.



## CAPITULO VII.

Soffrer o embate de continua guerra,  
 Passar os dias, como um jornaleiro,  
 Eis a vida do homem sobre a terra. •  
 O escravo aspira a sombra o dia inteiro  
 Quem súa, applica os meios trabalhosos  
 De obter um fim, que é justo e verdadeiro.  
 Assim eu conto mezes ociosos,  
 Tão vazios, quão cheios de amargura,  
 Conto noites, e dias dolorosos.  
 O meo somno.... será na sepultura?  
 Minhas dores crueis.... Bradei choraudo,  
 Crescem c'o a tarde, ou vem co' a noite escura?  
 Sinto na carne a podridão lavrando,  
 Arida cutis, escabrosa, e feia  
 Co' a immundice do pó se vai-murchando.  
 Os meos dias passarão, como a teia,  
 Mais depressa que a mão, quando é lançada  
 Por velós tecelão. Que triste idéa!  
 A esperança ou é nulla, ou foi baldada.  
 Eu sei que a vida foge, como o vento ;

Que os olhos não tornão a ver nada.  
 O prazer é a illusão de um só momento ;  
 Se me vês, já não sou de humana raça,  
 Os homens já não vem o meo tormento.  
 Bem como a nuvem, que ligeira passa,  
 Não sobe aquelle, que ao sepulchro desce ;  
 Na propria habitação ninguem o abraça ;  
 O mesmo sitio agora o desconhece ;  
 Nunca mais voltará !... Por isso agora  
 Que o meo animo quasi se entorpece,  
 Desata a lingoa a voz consoladora  
 Dos gemidos, dos ais, é na amargura  
 De minha alma que o pranto se evapora ;  
 Livre, ingenua expressão eo' a dor se apura.  
 Serei um monstro ? um mar, que em ponto estreito,  
 N'esta prisão, limites me procura ?  
 Se eu disser : — Tenho allivio no meo leito,  
 Fallando eu me consolo — Hei-de assustar-me....  
 Talvez n'um sonho, que me opprime o peito ;  
 Espantosas visões virão turbar-me.  
 Eu quero antes a morte do que a vida :  
 Já meos ossos procurão desatar-me  
 Das prisões. A esperanza é já perdida.  
 Perdôa-me, Senhor, quando appareças,  
 Meo ser caduco ao nada me convida.  
 Que sou eu ? Porque assim tu m'engrandezas ?  
 Teo coração do meo não separaste ?  
 Posso eu crer, que tão perto me ennobreças ?  
 Logo pela manhã me visitaste ;  
 E negas o perdão, que humilde imploro ?  
 De repente, Senhor, me expr'imentaste.  
 Até quando erguerás a mão que adoro ?

Nem se quer a saliva é meo sustento?  
 Os meos crimes, Senhor, confesso, e choro.  
 Que farei de meos males no aposento?  
 Oh Deos! Oh Redemptor! Oh Pai, e amigo!  
 O meo ser, o meo nada é sombra, ou vento.  
 Aonde encontrarei paterno abrigo?  
 Se o não busco na fonte da Verdade,  
 De Ti mesmo, e de mim sendo inimigo.  
 Porque soffres a minha iniquidade?  
 De meos erros a mascara não tiras?  
 Apaga emfim, Senhor, tanta maldade;  
 Ah! não soltes do teo furor as iras?  
 Eis que eu durmo no pó... Se me buscares  
 Amanhã, já não sou, bem que me firas.



## CAPITULO VIII.

Baldad, que a Job responde, assim se explica :  
 Até quando teo louco pensamento,  
 Como espirito vão, se multiplica ?  
 Não cessas d'espalhar vozes ao vento :  
 Deos inverte, o que tem determinado ?  
 No que é justo, vacilla um só momento ?  
 Teos filhos contra Deos terão peccado ;  
 Mas se tu o invocares muito cedo,  
 O mesmo Deos, que os tinha abandonado,  
 Vendo a limpesa, a rectidão, e o medo  
 De teos caminhos, despertando pode  
 Mandar allivio, e paz ao teo degredo :

A mão do Omnipotente alli te acode.  
 Da mechanica as leis impulso acharão  
 N'um ponto, ou eixo, aonde a força rodel  
 De teos fins os principios discordarão ;  
 Quando os nossos maiores consultamos,  
 Nós vemos gerações, que já passarão ;  
 O que hontem succedeo, hoje ignoramos ;  
 Entre nós ah! não queiras illudir-te,  
 São como a sombra os dias, que passamos.  
 Pergunta a nossos paes : se cumpre ouvir-te,  
 Não cumpre que a memoria te desherde,  
 A expressão de sua alma ha de instruir-te  
 Ondêa o canavial ? Não murcha, e perde  
 A pompa, se a humidade lhe é mesquinha?  
 E o junco pôde conservar-se verde?  
 Sem violencia, nem ferro em flôr definha.  
 Assim morre do hypocrita a esperança ;  
 Quem se esquece de Deos, assim caminha.  
 Murcho, e secco botão de si não lança  
 Tão arido vapor. De aranha a têa  
 Faz de hycocrita a baze, ou confiança  
 Nem se quer ao que é louco lisongea ;  
 Quando se firma sobre a propria casa,  
 Não poder existir. Mas quando a estea,  
 Nem assim se levanta. O Sol, que abraza  
 No zenith, a frescura ás plantas tolhe,  
 E o germen tenro, declinando, arraza ;  
 Mas quando nasce a luz, convém que abrolhe  
 A fresca planta, que a raiz condensa,  
 Por mais que a vesga inercia a encubra, ou olhe,  
 Rompe a casca o pimpolho sem detensa,  
 (Qual n'outro reino sahe faceta, ou edra,

Que abrilhante dos raios a presença)  
 Entre penhascos, e montões de pedra  
 Existe, e cresce ; mas se alguém o arranca,  
 Desconheceo depois porque não medra.  
 A alegria, que é pura, ingenua, e franca  
 Faz do germen, que é novo um puro esmero ;  
 A industria accolhe, o que a preguiça espanca.  
 O Senhor não regeita homem sincero,  
 Desvia a mão do ingrato, e fementido,  
 Até que o riso ameigue o rosto fero.  
 Quando o teu coração arrependido  
 Solte dos labios jubilo, e prudencia,  
 O braço, que te cobre d'impaciencia.  
 A illusão, e o poder dos impios tomba  
 Sem casa nem louvor nem subsistencia.



## CAPITULO IX.

Eis Job responde : Que respeito, e susto  
 Vem dos juizos de Deos! Confesso, e sinto,  
 Que a par de Ti, Senhor, ninguem é justo.  
 Comtigo disputar é um labyrintho  
 De objectos mil, dos quaes, um só que seja,  
 Ninguem conclue, que chegue a ser distincto.  
 Sabio de coração forte, em peleja,  
 No seu furor, a quem resiste, empece,  
 Tem os raios na mão, co'os pés troveja,  
 Transpõem os montes, quando lhe parece ;

Dos que gemem co'pesó sumergidos  
 Nenhum se quer o vio, nem o conhece.  
 Cobre a terra de pranto, e de gemidos,  
 Quando abalada, manda qu'estremeça  
 Nas columnas, nos eixos revolvidos.  
 Ordena ao Sol, que pare e s'escureça ;  
 Tem as estrellas como qu'encerradas  
 N'um ponto, e manda a Luz, que lhe obedeça.  
 Elle só na estensão do Ceo gravadas  
 Deixou as marcas de um poder seguro,  
 Na terra, e no Oceano respeitadas.  
 Das Hiades, do Orion, e do Arcturo,  
 As Estrellas creou do meio dia ;  
 É grande, e sabio, providente, e puro,  
 Sente-se, o que elle faz, não se avalia ;  
 Sem numero espalhou por toda a parte  
 Maravilhas que o Ceo não conhecia.  
 Creou a industria, natureza, e arte.  
 De seo gesto o esplendor de mim s'esconde,  
 Quer appareça, quer de mim se aparte.  
 Quando solta a expressão, quem lhe responde?  
 Do que Elle faz, que voz no mundo existe,  
 Que pergunte a razão, que as causas sonde ?  
 Jámais ao seo furor ninguem resiste :  
 Quando a terra homenagem vem render-lhe,  
 Curvão-se os hombros, por que a força insiste.  
 Quem sou eu ? Como posso responder-lhe ?  
 Bem que haja em mim vislumbre de justiça,  
 Nem se quer uma instancia hei-dê fazer-lhe.  
 E ousarei neste lodo de cubiça  
 Fallar ao meo Juiz, sem depreca-lo,  
 Que escute a voz da inercia, e da preguiça ?

E quando a escute, deverei tentá-lo?  
 Que homem ha, que inda mesmo deprecando,  
 Não possa Deos n'um vórtice esmagá-lo?  
 Da carne a podridão multiplicando  
 No meo corpo, talvez de mim se arrede,  
 Os meos lividos ossos esmagando.  
 Nem repouso, nem paz Elle concede.  
 Ao meo animo, cheio de amargura:  
 E quem se pode oppor, quando Elle impede?  
 Se n'Elle fortaleza alguém procura,  
 Robustissimo o encontra. Hei-de humilhar-me,  
 A seos pés que serei, se não brandura?  
 A equidade do Juizo ha-de atterrar-me;  
 Nem a voz do louvor suspende a pena  
 Quando eu ouse talvez justificar-me.  
 Se a innocencia co'a mão de longe acena,  
 Convencido por Elle de malvadó,  
 A minha propria lingua me condemna.  
 Por mais simples que eu seja, ou desgraçado,  
 Dentro em mim eu não sei, se sou sincero,  
 Sei que um pezo na vida me foi dado;  
 Que a aborreço; e que Deos sempre é severo;  
 Não pune ao impio só, mas o innocente.  
 De uma vez descarregue o rigor fero  
 D'angustia, e d'afflicção: Mas se é sómente  
 Para prova do Justo; eu perguntara:  
 Por que razão se ri do que elle sente?  
 Se a terra ás mãos do impio se entregara,  
 Quem, cegando a Justiça, a luz encobre?  
 Quem, se não Deos, co'a mão lhe torce a vara?  
 Foi mais veloz que a sombra escassa, e pobre  
 O vapor de meos dias escaparão,

Como escapa a illusão de uma alma dobre.  
 Nunca virão o bem, nem o encontrarão :  
 Foi mais veloz que as águias, quando ao pico  
 De um rochedo famintas remontarão,  
 Inda mais que um batel de pomos rico,  
 Que ao vento em popa as vellas vai largando .  
 Se eu disse — Nunca mais assim m'explico —  
 Ou irei do semblante a cor mudando,  
 Ou victima serei do meo tormento,  
 Sem saber, o que fiz, nem como, ou quando.  
 O meo temor não foi d'um só momento ;  
 Eu sabia, Senhor, que não perdoavas  
 Ao réo, comtudo se eu não vivo isento  
 D'impiedade, Senhor, tu m'enganavas ;  
 Por que em vão trabalhei ? Por que não deve  
 Ser limpo o coração, que ao Justo lavas ?  
 Se as minhas mãos brilhassem mais que a neve,  
 Tu, Senhor, me cobriras d'impureza ;  
 Sordido espaço a luz em mim descreve !  
 De mim mesmo serei sordida preza.  
 Não provoco um rival, um semelhante,  
 Nem o contesto, nem respondo. Illesa  
 Entre os dois a questão preponderante,  
 Nenhum arbitro alli d'ambos julgara,  
 Sem ficar indeciso, ou vacillante.  
 Sobre mim carregou ! Que tire a vara  
 Do terror, com que os impios amedronta ;  
 Livre então sem temor eu lhe fallara.  
 Inculca medo, o que a expressão desconta ;  
 Quem responde sem medo a luz descobre,  
 Que apague, ou risque do seu mal a affronta.

CAPITULO X.

Que tedio d'entro n'alma eu tenho á vida !  
 Soltarei contra mim vozes perennes  
 Na amargura de uma alma enternecida.  
 Direi a Deos : Senhor, não me condemnes ;  
 Sou réo, Senhor ; mas antes de julgar-me,  
 Primeiro mostra, porque assim o ordenes ?  
 E parece-te bem calumniar-me,  
 Dando aos impios favor ? Não foi desenho,  
 Obra de tuas mãos ? Queres pizar-me ?  
 Tens os olhos de carne, como eu tenho ?  
 Teos dias são os dias dos humanos ?  
 Tu provês o perigo, eu me disponho ;  
 Eu sou... e acabo ; são assim teos annos ?  
 Que assim julgues da minha iniquidade!  
 Transgredi teos Decretos Soberanos,  
 Como réo de perjurio, ou d'impiedade ?  
 Tu conheces as mãos, que me prenderão,  
 Que outra mão pode haver, que me degrade ?  
 As tuas mãos, Senhor, me compozerão,  
 E meo ser, obra prima, argamassarão,  
 Desfazes, o que as tuas mãos fizerão ?  
 Ah ! lembra-te, Senhor, que me formarão  
 De pó tuas mãos ; ao pó convenha  
 Que se torne o que as mãos organisarão.  
 Não fui eu como leite, que se ordenha ?  
 Ou queijo, que se coalha ? Que outro pelle,  
 Ou carne tu vestiste, que eu não tenha ? (\*)

---

(\*) Se Job neste lugar não falla da incarnação do Verbo, no Cap. 23, verso 3. diz assim: *Quis mihi tribuat, ut cognoscam*

A imagem do teo ser tu pões n'aquelle,  
 Que de ossos, e de nervos compozeste,  
 Quando a luz da razão refulge nelles (\*)  
 A vida, e compaixão me concedeste:  
 Tua presença e guarda em mim respira,  
 Como centelha de fulgor celeste.  
 Quando abafas a luz, ninguém retira,  
 O que escondes no peito; a luz creaste,  
 Em que parte do todo a luz não gira?  
 Se eu pequei, logo ali me perdoaste;  
 És a tudo presente... Oh Deos! permite,  
 Que eu seja puro, em fim tu me lavaste,  
 E não queres que puro eu me acredite?  
 Desgraçado de mim! Ou impio, ou justo,  
 A miseria, Senhor, não se remitte?  
 Farto de dores, de afflicção, de susto  
 Eu não ergo a cabeça, e tu me prendes.  
 É igual ao cedro o pequenino arbusto?  
 Como a Leôa, assim me surprehendes?  
 É por soberba, monstro, que detestas  
 De um modo horrivel, que de mim te offendes?  
 O meo mal contra mim, Senhor, contestas,  
 Renovas a oppressão, que começaste,  
 Enches d'ira, e de horror, a luz qu'emprestas.  
 Porque razão, Senhor, tu me tiraste  
 Do seio maternal? Penas, e dôres

---

*et inveniam illum, et veniam, usque ad solium ejus?* Por tanto não é fora de proposito que, o A. da paraphrase lance mão da profecia antes de lá chegar.

(\*) Convencido philosophicamente da immortalidade d'alma, quem é que pode duvidar, que os seos escriptos sejam o retrato de sua alma? Tal qual é o A. desta paraphrase, assim mesmo nem se afasta dos principios que tem, nem prega ao vento. *Quis potest capere, capiat.*

Ali mesmo, Senhor, multiplicaste.  
 Sem ter visto da luz os resplendores,  
 Oxalá qu'eu houvera perecido!  
 Não vira o mundo do meo mal as côres.  
 Fora, como senão houvera sido,  
 Trasladado do ventre á sepultura.  
 Para morrer não basta haver nascido?  
 Que outro espaço é mais breve? Por ventura  
 Quem acaba do teu perdão não goza?  
 Deixa qu'eu chore pois minha amargura,  
 Antes de ver a terra tenebrosa,  
 Onde reside horror, e escuridade,  
 Onde a morte domina, onde repousa  
 A miseria, o clamor, á atrocidade  
 Da desordem do medo sempiterno,  
 Onde eu fiquei esperando... a Eternidade.



## CAPITULO XI.

Nehamathiles Sophar a Job responde :  
 Não deve muito ouvir, quem muito falla ?  
 É justo aquelle que o seu crime esconde ?  
 Sómente por te ouvir tudo se cala ?  
 Fallando tu, dos mais escarneceste ;  
 Soffrão todos, que leves tudo á escala ?  
 Certamente, ó verboso, tu disseste :  
 Minhas palayras puras até agora,  
 Como eu sou, inda vem a Luz Celeste.  
 Oxalá que o Senhor contigo fora !

Que abrindo os labios seos te revelasse,  
 Aonde occulta a Sapiencia mora,  
 Que os arcanos da Lei descortinasse!  
 Talvez a teo máo grado conhecesses,  
 Que por mais que o Senhor te castigasse,  
 Fora inda menos, do que tu mereces.  
 Comprehendes o Norte duvidoso  
 Dos caminhos de Deos? Tu reconheces  
 Perfeitamente o Todopoderoso?  
 É mais alto que o Ceo, é mais profundo  
 Que o inferno, é insondavel, magestoso;  
 Que farás tu, que és fraco, humilde, immuudo?  
 Podes tu conhecer quanto elle encerra?  
 Em si mesmo Elle é só, não tem segundo,  
 Tem maior comprimento do que a terra,  
 Mais largura que o mar; se a immensidade  
 Se resume, ou destróe, quem lhe faz guerra?  
 Deos conhece dos homens a vaidade;  
 E por isso talvez as considera,  
 Ou avalia a sua iniquidade?  
 Homem soberbo, e vão, diz que nascera  
 Tão livre, como a féra inda pequena,  
 Cria d'asno montez, que a concebera.  
 Tu fizeste inda mais, sem dôr, nem pena  
 De ti mesmo, cruel, endureceste  
 O proprio coração, que te condemna:  
 Ao Ceo, e á luz as mãos ousado ergueste.  
 Lança fora de ti maldade tanta;  
 Se a injustiça em teo seio recolhiste,  
 É o teo o arbitrio agora, as Leis quebranta  
 D'infiel domicilio, então sem medo  
 Livre sem mancha o rosto ao Céu levanta.  
 Da miseria talvez te afronte o dedo;

Como da chea, que passou fugindo,  
 Assim te lembrarão de teo degredo.  
 A' tarde sobre ti verás abrindo  
 O claror de fulgor meridiano;  
 Nascerão, como a estrella nasce rindo  
 Ao romper da manhã, se o triste humano  
 Já no inverno da vida as forças perde,  
 Em melhor estação rebenta o anno.  
 A esperança remoça e sempre verde;  
 Se tu és firme, dormirás seguro,  
 Sem que a paz e o descanso te desherde  
 O semblante feróz, grosseiro, e duro  
 Do terror não verás: quantos erguendo  
 O teo nome, acharão defeza, e muro!  
 Os olhos do impio vão desfallecendo,  
 Ne horror, e execração d'alma se afoga,  
 Sem refugio a esperança... é um lago horrendo.



## CAPITULO XII.

Job conclue: Pois não ha nem luz do dia,  
 Nem homens se não vós? N'um só momento  
 Morrem com vosco luz, sabedoria?  
 Eu que sou vosso igual no entendimento  
 Ignoro aquillo, que ninguem ignora?  
 Sirvo á luz de vapor, de palha ao vento?  
 Dos amigos o escarneo me devora;  
 Se eu invocar a Deos, Elle hade ouvir-me;  
 Elle ouve ao simples, quando o simples chora,

Assim a Luz do Ceo hade acodir-me.  
 Bem que seja dos ricos despresado,  
 Como a lampada o justo é sempre firme,  
 Para o tempo vindouro aparelhado.  
 Se abunda o impio, se ladrões dominão ;  
 Se o nome do Senhor é provocado,  
 Quando á favor do réo as mãos s'enclinão ;  
 Ouve as aves do Ceo, que estão cantando,  
 Pergunta aos animaes elles te ensinão  
 A terra o fruto, as flores espalhando,  
 Não t'instrue, inda mesmo o peixe mudo ?  
 Tu não ouves, que o mar t'está bradando ?  
 Ignoras, que foi Deos o Author de tudo ?  
 Que abre ou fecha dos entes a cadeia,  
 Espirito da Luz, da carne escudo ?  
 Talvez quem ouve o som, quem saboreia  
 O manjar, não decide ? A Sapiencia  
 De cãas ornada aos moços patenteia ;  
 Que o velho cinge o loiro da prudencia ;  
 Que na voz do conselho um Deos s'explica,  
 Que é recto, e sabio, e forte por essencia.  
 Se o mundo Elle destroe, quem o edifica ?  
 Se elle obstasse ao homem, quando pecca,  
 Tolhida a acção, quem é que a reivendica ?  
 Sem orvalho, nem chuva o prado secco ;  
 Tudo se alaga, quando a terra esfria ;  
 Semente, ou fructa sem calor é pêca.  
 Tem fortaleza, tem sabedoria,  
 Conhece a quem não mente, e por que é recto,  
 Pune a fraude d'aquelle, que mentia.  
 Torna o conselho estúpido, indiscreto :  
 Desata o boldrié dos reis, que enganão,  
 E uma corda enxovalha o regio aspectu.

Illude, abate, as mãos, que as Leis profanão :  
 Sem gloria os Sacerdotes, sem verdade  
 Os Grandes, nem valor, nem paz demanão.  
 Muda os sons de quem foge a falsidade ;  
 Ora afasta dos velhos a doutrina,  
 Ora illustra o vigor da mocidade.  
 Derrama o odio sobre quem domina ;  
 Exalta o pobre, os Principes despreza ;  
 E a quem geme opprimido Elle s'inclina,  
 Releva-o, da-lhe a mão. Sente a fraqueza  
 De quem não vio a Luz ; e o réo, que a opprime,  
 Rasgando, enche de horror a natureza.  
 Multiplica as Nações, destroe, reprime,  
 Depois as leva ao seo primeiro estado.  
 Muda o semblante de quem ama o crime ;  
 Mas ao Chefe de um povo, que é enganado,  
 Muda-lhe o coração, desvia-o dando,  
 Ao travez da razão, co' passo errado,  
 Ou como a embriaguez desatinando.  
 Principe inerte, fraco, irresoluto,  
 Ou treme, ou tomba, em trevas tropeçando.



### CAPITULO XIII.

Meos olhos vão de accordo c'os ouvidos,  
 E os objectos, que exponho, applico, ou lanço,  
 Forão por mim assás comprehendidos.  
 Quanto vós alcançares, eu tudo alcanço :  
 Sem consultar ao Todo Poderoso,

Bem que sou vosso igual, eu não descanso.  
 Quãlquer de vós comtudo é um mentiroso,  
 Isto quero eu dizer-lhe, e se o negasseis,  
 Ficaria o conceito duvidoso ?  
 Oxalá que vós outros vos calasses !  
 Talvez c'a lingua, e musculos, e artelhos  
 Esses dogmas perversos comprovasseis.  
 Quanto fora melhor passar por velhos,  
 E sabios, sem fallar ! Meo juizo é este :  
 Ouvi pois de meos labios os conselhos.  
 O Senhor necessita, ou se reveste  
 Da expressão maculosa da mentira ?  
 Quer, que em sua defeza o dolo atteste ?  
 Encarais o semblante, onde respira  
 Verdade, e amor, e o fraco esforço humano  
 Sentencea a favor de um Deos em ira ?  
 Pois Deos, que tudo vê, não vê o engano ?  
 Assim julgueis da Mão, que o mar seréna ?  
 Isto appraz, a quem obra ingenuo, e lhano ?  
 Pois sabeí que elle mesmo vos condemna,  
 Porque vós o encarais dessimulados :  
 Em seo rosto achareis terror, e pena :  
 Só de o vêr que se move, perturbados  
 Por terra cahireis. Talvez de todo  
 De vosso juizo ficareis privados.  
 Ou ao menos vereis de certo modo,  
 Reduzida a memoria á cinza inerte,  
 Vossas cabeças reduzir-se a lodo.  
 Calai-vos por um pouco, antes què aperte,  
 Ou inste a Luz, direi com voz sentida  
 Tudo quanto o meo animo desperte.  
 Porque razão, a côr já denegrída,  
 Minhas carnes cõ' dentes dilacero ?

Porque nas minhas mãos eu ponho a vida ?  
 Ainda que me rale, eu n'Elle espero ;  
 Tudo aquillo, que em mim principio teve,  
 Diante d'Elle accusando-me, pondero....  
 Eis o meo Senhor.... Ninguem se atreve,  
 Nem o hypocrita, ver-lhe o rosto, ou lado :  
 Ouvi-me pois meos enigmas, eu sou breve.  
 Sei que justo hei de ser por elle achado,  
 Quando em juizo appareça, Se ha quem venha  
 Comigo á Juizo, venha ser julgado :  
 O meo silencio em Juizo me despenha.  
 Duas cousas ao menos eu queria,  
 O teo braço de mim longe as detenha ;  
 Do meo nada o terror, e a mão desvia,  
 Não me consternes ; eu jamais m'escondo  
 Da face tua, nem da Luz do dia.  
 Chama por mim, Senhor, eu te respondo,  
 Tu responde, eu te fallo. Em fim descobre  
 Da minha iniquidade o peso, e estrondo ;  
 Mostra-me o jugo, que os tormentos dobre  
 Da minha alma, rasgando como amigo  
 Este véo, que a maldade occulta, e cobre.  
 Porque me julgas tu teo inimigo,  
 E te escondes de mim ? Se me afugentas,  
 Aonde poderei achar abrigo ?  
 Contra uma folha o teo poder ostentas ?  
 E não basta, Senhor, que o vento leve  
 E palha secca ? Persegui-la intentas ?  
 Tua mão contra mim sem magoa escreva  
 Amarguras, e horror, lembrando o estado  
 Da minha adolescencia torpe, e breve.  
 Consumido me tens, e encadeado  
 Como em cepo, os vestigios observando

De meos pés, tudo tens considerado.  
 Eu sei a podridão em mim lavrando,  
 Como a traça na roupa—ao nada—Grita.  
 Dos desertos do nada eu vou marchando.



## CAPITULO XIV.

Um ser que é fraco, da mulher nascido,  
 De um lago de miserias surge, e desce  
 Ao tumulto, onde é logo consumido.  
 É como a flôr, que ephemera apparece,  
 Ou qual a sombra vã. Desde menino  
 Jamais no mesmo estado permanece.  
 E sendo o homem tal, que o julgas digno  
 De abrir sobre elle os olhos, e julga-lo ?  
 Quem é que torna puro, e crystallino,  
 O qu' impuro nasceo ? Ou qu' intervallo  
 Pode haver entre o germen, e a semente ?  
 Quem, se não Tu, Senhor, pode expial-o ?  
 Sem mancha, puro, ó Deus, és Tu sómente.  
 De seos dias a marcha é curta, e breve,  
 O espaço que elle vive, te é presente.  
 Tu lhe marcas co' a mão, que o circumscreve,  
 Os limites do termo derradeiro,  
 Do qual nem elle avança, nem se atreve.  
 Dá-lhe agora descanso verdadeiro,  
 Até que chegue o dia desejado ;  
 Retira um pouco a mão do jornaleiro.  
 O tronco espera, e vive, se é cortado,

Outra vez, quando brota, reverdece,  
 Cada ramo é de folhas renovado.  
 Se no chão a raiz, ou se envelhece,  
 Ou vê que o tronco secco se desfolha,  
 Só co' a esperança d'agua a copa cresce,  
 Apenas leve humor as plântas molha.  
 Mas o homem quando em pó se vai tornando,  
 Onde existe? Quem ha, qu' inda o recolha?  
 Como as agoas do mar, que s'esgotando,  
 Ou do rio a torrente seccaria;  
 Assim tambem é o homem, forcejando  
 Por erguer-se do somno, em que jazia,  
 Não se erguera jamais, nem despertara  
 Menos que o Céu tombando acabe o dia.  
 Quem me dera, Senhor, que m'encerrara  
 No sepulchro o teu braço, e m' escondesse!  
 Até que o teu furor além passara  
 Do tempo, em que no olvido inda eu jazesse  
 Não sabes Tu, que o homem resuscita?  
 Quantos dias em guerra, se eu vivesse,  
 Como vivo inda agora, quem milita,  
 De longe encara a immutação, qu' espera,  
 Não falha a gloria que n'um ponto é fita.  
 Se me chamaras; eu te respondera:  
 Estende as mãos a obra, que acabaste,  
 Só porque é tua, assim t'o merecera.  
 Os meos passos, ou crimes Tu contaste;  
 Perdoa-me, Senhor; tua voz ouvindo,  
 Cura-se o mal, e a dor, que Tu sellaste.  
 Monte elevado se destroe, cabindo;  
 A rocha se transpõe; e as agoas cavão  
 As pedras, pouco a pouco consumindo.  
 No horror de alluviões, que a terra lavão,

Tudo em fim se consome. Deste modo  
 Ou as leis do Universo se acabavão,  
 Ou aquelle, que é forte, mas é todo,  
 Acaba e para sempre. Assim mudadas  
 A côr, e o gesto, se lhe muda o todo.  
 Quando veja seos filhos exaltados,  
 Ou abatidos, elle os desconhece.  
 Com tudo a carne, e os membros animados  
 Vão resistindo á dor, que elle padece ;  
 No fundo d'alma geme sem conforto.  
 Chora sobre si mesmo, e desfallece.



## CAPITULO XV.

Eliphar lhe pergunta : O Sabio attento,  
 Quando responde, aquillo, que mereces,  
 Enche o peito de ardor, fallando ao vento ?  
 Argues aquelle, que tu não conheces,  
 Com palavras o insultas, e não tremes ?  
 Não sabes que a ti mesmo ousado empeces ?  
 Não recorres a Deos, porque o não temes.  
 Tua iniqua illusão quiz doutrinar-te,  
 Pondo em teos labios fel, com que blasfemes ;  
 Pois os teos labios hão de condemnar-te.  
 Se não ; responde : A caso tu naceste  
 Mais velho do que Adão ? Coube-te em parte  
 O conselho de Deos, ou tu te ergueste  
 Inda antes dos Outeiros ? O Architecto  
 Da Luz existe ? Ou tu lhe precedeste ?

Porque razão te julgas mais discreto  
 Do que nós ? Tens acaso outros conselhos ?  
 Ou tu sómente sabes, o que é recto ?  
 Respeita a tradição, dobra os joelhos,  
 Nós temos anciões, também antigos,  
 Talvez que vossos Pais inda mais velhos.  
 O Senhor não consola os seus amigos ?  
 Depravado na língua, não mereces,  
 Que o seu poder te afaste dos perigos,  
 Porque em teu coração t'ensoberbeces ?  
 Como de objectos grandes decidindo,  
 Fitas os olhos, pasmas, esmoreces.  
 Contra Deus o teu animo fingindo,  
 Como o provocas, de ti mesmo inchado,  
 Tão estranhos discursos proferindo ?  
 Quem és tu, para ser immaculado ?  
 Ou justo ao menos ? Pois merece tanto,  
 No seio da mulher quem foi gerado ?  
 Immutavel no Ceo não houve um Santo,  
 Na presença de Deus ninguém é puro :  
 Quanto quem nasceo d'inutil pranto !  
 Quem n'um lago execrando, horrendo, escuro  
 Bebeo em largo sorvo a iniquidade !  
 Se tu queres ouvir-me, eu te asseguro,  
 Que eu exponho, o que sei, porque é verdade ;  
 Quanto aos Sabios publicação, te revelo ;  
 De seus pais o aprenderão. Por herdade  
 A terra lhes passou com tal desvelo,  
 Que delles excluiu qualquer estranho ;  
 Guarda o impio na mão do orgulho o sello,  
 De seus dias na terra eis todo o amanho ;  
 De sua tyrannia o tempo é incerto,  
 Elle faz da illusão partilha, e ganho.

Do estampido de horror anda bem perto ;  
 Devendo ainda em paz quer occultar-se,  
 Teme, que o lancem de traições no aperto.  
 Crê que não pode para a luz voltar-se  
 Das trevas, vendo a espada em movimento,  
 Que o cerca, e busca, teme traspassar-se,  
 Quando cuida encontrar no pão sustento,  
 Vê que o dia de trevas rodeado  
 Nas próprias mãos lhe aviva o seo tormento.  
 No seio do terror attribulado  
 Vacilla, e treme... ao passo duvidoso  
 De um grande, para a guerra aparelhado.  
 Voltou-se contra Deos, emfim vaidoso  
 Pertendeo, sendo fraco, e presumido,  
 Ser forte contra o Todopoderoso.  
 Correo buscando-o, c' o pescoço erguido ;  
 D' inflexivel soberba o rosto armando,  
 Co' véo da crassidão geme escondido.  
 Das ilhargas a enxundia pendurando,  
 Em cidades desertas habitando.  
 Onde os bens, e o thesouro, que elle encerra ?  
 Pode o ramo, se o tronco é derribado,  
 Ir lançando raizes pela terra ?  
 Geme o impio nas trevas sepultado,  
 Cresta-lhe o tronco a chama, e derepente  
 A um assopro de Deos é arrebatado.  
 Illudido não crê, que facilmente  
 Possa ainda, por preço algum, remir-se,  
 De ver os dias seos, como a torrente  
 Prematura seccar, ou ver cobrir-se  
 De árida pelle as mãos, que por ousadas  
 Não procurão ao dolo subtrair-se.  
 Como a vinha inda em flor serão cortadas,

Ou como as oliveiras, que esmorecem,  
 Vendo as flores que tem no chão pisadas.  
 Os thesoiros do hypocrita esvaeceem;  
 Quem aceita, e não dá, nutre a vaidade;  
 Mas vê, nos lares seus que as chammas crescem  
 Insensível co'gêlo da impiedade,  
 O coração não dobras da fraqueza  
 Concebe a dôr, e pára a iniquidade.



## CAPITULO XVI.

Mas Job responde. Em vez de consolar-me,  
 Repetis, o que eu sei, talvez eu deva  
 Não ouvir, a quem busca importunar-me.  
 Dizer palavras vãs ninguém se atreva,  
 Como vós, eu tambem fallar podia,  
 É inutil expressões, que o vento leva.  
 Se eu tivesse a vossa alma, eu sentiria  
 De vós, como discorro ; e quando erguera  
 Os olhos, vosso mal consolaria.  
 Em vez d'importunar, fortalecera,  
 E movendo os meos labios, como amigo  
 Perdoara, tudo em vós compadecera.  
 Mas que farei ? Fallando eu não metigo  
 A dôr, que me atormenta ; não fallando,  
 Exalta-se, embravece a dôr comigo.  
 Eis agora me aperta... arrebatando  
 Os meus ossos ao nada. Quero erguer-me...  
 Mas a face rugosa, confirmando

O mesmo contra mim... sinto abater-me.  
 A calúnia veloz, que tudo alcança,  
 Na própria face vem contradizer-me.  
 Estendes contra mim furor, matança,  
 Rangendo os dentes, sobre mim calirão  
 Ameaças, terror, odio, vingança ;  
 Abrindo a boca, e fauces me cobrirão  
 De opprobrio, e penas ; e por mor vaidade  
 Sem pejo sobre a face me firirão.  
 Eu gemo sob a mão da iniquidade.  
 Deos alli me fechou. Como é violento  
 Suportar o verdugo da impiedade !  
 Algum dia eu fui Job, fui opulento,  
 Hoje em pó, pelas fauces atracado,  
 Sou alvo á tiros, espantallo ao vento.  
 Pelos rins fui de lanças traspassado,  
 Sobre mim um gigante as mãos lançando,  
 Nem se quer nas entranhas fui perdoado.  
 As feridas se vão multiplicando ;  
 Trago um cilicio sobre a carne posto ;  
 Cobre-me a cinza, em pó me vou tornando.  
 Á força de chorar inchou meo rosto,  
 As palpebras, oh dor ! se escurecerão.  
 As angustias, que soffre o meo composto,  
 Minhas mãos nem de leve concorrerão ;  
 Puras preces a Deos eu offerecia,  
 Quando estes males sobre mim vierão.  
 Não cubras o meo sangue, ó terra fria,  
 Em teo seio não achem penas, dores  
 Lugar de se esconder. O' Luz, envia  
 Ás alturas do Ceo quantos clamores  
 Do abismo do meo nada ao Ceo levanto.  
 Amigos não são mais que falladores,

Quem me conhece ; é Deos. Affeito ao pranto,  
 Com lagrimas talvez o enternecera ;  
 Oxalá que entre Deos que é puro, e Santo,  
 E o homem torpe, e immnndo se fizera  
 O Juizo, que entre os filhos dos humanos  
 O collega em questão desenvolvera !  
 Tão breves, como os dias, são meos annos ;  
 Eis o passo... a vereda aos máos aponta  
 Que alli não tem recurso, pena, e damnos.



## CAPITULO XVII.

A minha alma se vai attenuando,  
 Como que um novo ser ella procura,  
 Quando os dias se vão abreviando.  
 Agora só me resta a sepultura.  
 Não pequei : mas eu tenho experimentado,  
 Que os meos olhos não vêem mais que amargura,  
 Põem-me livre, Senhor, junto a teo lado,  
 Contra mim, com tão forte resistencia  
 Seja quem quer que for, que venha armado.  
 A doutrina alongaste, a intelligencia  
 D'impuro coração, mal a fraqueza  
 Pode exaltar-se á custa da innocencia.  
 Socios do crime seo contão co'a preza,  
 Nem os filhos verão. De um modo novo  
 M'encarão como horror da natureza ;  
 Fui reduzido á fabula do povo ;  
 Quasi qu'eu desfalleço ; d'indignados

Os olhos já sem luz debalde movo.  
 Ao ver-me os justos ficarão pasmados...  
 A innocencia, que é simples, vai sem susto  
 Combater os hypocritas malvados.  
 De seos caminhos não se arreda o justo,  
 Fortaleza em mãos puras se accrescenta.  
 Franzindo a pelle do semblante adusto,  
 Se algum de vós talvez presume, ou tenta  
 Ser sabio, vinde pois, vereis por tanto,  
 Que entre vós nenhum sabio se apresenta.  
 Lá vão meos dias entre magoa, e pranto,  
 Meos pensamentos já se dissiparão ;  
 Cobrindo o coração de horror, e espanto,  
 Os meos dias em noite se tornarão,  
 De novo espero a luz ; que doce effeito  
 Produz a mão, que as trevas respeitarão !  
 Se levanta, e me diz : Terás um dia  
 No sepulchro mansão, nas trevas leito !  
 —Tu és meo pai—A podridão me ouvia  
 Entre escuro vapor, que a luz alcança,  
 O' mãe, e irman—Aos vermes eu dizia.  
 Mas agora onde está minha esperança ?  
 Ou a paciencia ? Quem a reconhece ?  
 Quem é que pode crer, que alli descança,  
 Onde o terror em larvas apparece ?  
 A dor, e a podridão, tudo que eu tenho,  
 Ao mais profundo do sepulchro desce.



## CAPITULO XVIII.

Diz Baldad : Até quando soffreremos  
 Palavras loucas ? Homens enganados,  
 Aprendei, e depois nós fallaremos.  
 Porque razão nós somos reputados  
 Como jumentos ? Sordidez impura  
 Nos tem diante de vós enxovalhados.  
 Tu perdes a tua alma ; por ventura,  
 Morrendo Job, se despoeva a terra ?  
 Só porque t' enfureces na amargura,  
 Se transpõe o rochedo, ou se desterra ?  
 Não se extingue da Luz a claridade ;  
 No seo mesmo esplendor a Luz se encerra.  
 Tombe um dia no horror da escuridade  
 O impio, a casa, e a lampada ; que ardia,  
 As trevas tem no centro da impiedade  
 O poder da illusão, até que um dia  
 Por si mesma a impiedade se despenha  
 Nem se quer vendo a morte, se desvia,  
 Não ha força, nem braço, que a sustenha,  
 Precipita-se e cahe no laço, ou rede,  
 Aonde o visgo, ou malha os pés detenha :  
 Soffre occulta prisão, que o passo impede,  
 Contra o impio o terror do chão rebenta,  
 Espalha-se o furor, qu' irrita a sede.  
 Ao longo do caminho a mão sedenta  
 Da desgraça o rodea, amedrontando  
 O espaço, que a seos olhos se apresenta.  
 Vai de abysmo em abysmo tropeçando,  
 Até que um dia a fome lh' entorpece

A robusta cerviz, que vai murchando.  
 Vida, e calor co' a inedia se enfraquece.  
 Da magreza, ou da morte acommetido,  
 Que horror ? Que pallidez ! Ou desfalece,  
 Ou quando arranca o ultimo gemido,  
 A confiança esvaece, a casa treme....  
 Qual écho, do trovão bramido.  
 Contra o impio o poder da morte avança,  
 Como um Rei, porque nada lhe resiste ;  
 Morre enfim sem recurso d'esperança.  
 A sua habitação..... já não existe,  
 Agora é coito, e preza d'impio bando,  
 De sulphureo vapor morada triste.  
 Qual terreno, que o Ceo amaldiçoando  
 Solte o fogo por cima da seára,  
 E por baixo as raizes vão seccando.  
 Vapor, ou fumo, que a explosão dispára,  
 Do impio a memoria assim desaparece,  
 Seo nome é planta, que o vapor crestára.  
 Em torno do impio a luz se entenebrece,  
 Recua o golfão, que transpõem a idade,  
 Entre os homens de todo enfim perece.  
 Não deixa nem se quer posteridades,  
 Nem do berço, ou nação vestigio resta ;  
 Que o lembre um dia, quanto mais saudade !  
 A dor, e a perdição se manifesta,  
 Pasmão os moços, quando os velhos tremem,  
 Gozava o impio !... Mas a sorte é esta.  
 Tombando enfim no horror das trevas, gemem  
 Aquelles que da luz extraviados,  
 Disconhecem a Deos, porque o não temem.

## CAPITULO XIX.

Até quando, diz Job, minha alma afflicta  
 Quereis atormentar ? E assim fallando,  
 Sem pejo, accrescentais minha desdita ?  
 A razão, e a amisade as costas dando,  
 Pretendestes, debalde, confundir-me,  
 Tormentos, maldições multiplicando.  
 Por dez vezes tentastes opprimir-me ;  
 Muito embora eu errasse ; pois meo erro,  
 Por maior que elle fosse, era illudir-me.  
 Sem razão levantais a voz de ferro  
 Contra mim, contra os males, que padeço.  
 No opprobrio, e na afflicção do meo desterro.  
 Sabei agora ao menos, que este excesso  
 De males vem da mão do Omnipotente,  
 Por um Juizo, que adoro e desconheço.  
 Esta força, que eu sinto, ninguem sente,  
 Se eu clamo, quem m'escuta ? Anhelo, ou grito....  
 Não ha, quem julgue de um suspiro ardente.  
 Em curto, estreito espaço circumscripto,  
 Debalde os pés movendo, horrivel brado  
 Nas trevas sóa !... de quem geme afflicto.  
 Um dia eu fui de gloria corôado,  
 Hoje sem gloria, sou mesquinho, e pêco,  
 Qual tronco, que é de succo despojado,  
 Sem verdura, sem flôr, sem vida, secco.  
 Como pelas raizes me arrancavão,  
 Neni se quer da esperança escuto o écho.  
 Ladrões ao mesmo tempo me assaltavão,  
 Ergueu-se contra mim furor, vingança,

Como inimigo seo me declararão.  
 A mão que me despoja da esperança,  
 Em ira accesa, os que mandou, vierão,  
 Fui riscado no livro da lembrança  
 Ludibrio do meo corpo então fizerão,  
 Pizando sobre mim caminho abrirão,  
 Cercando a casa, em sitio me puzerão :  
 Os meos proprios irmãos de mim fugirão,  
 Sou como estranho áquelles, que gozarão  
 Do brilhante esplendor, em que me virão.  
 Os parentes emfim me abandonarão,  
 Esquecerão-se todos, desdobrando  
 Lugubre véo, que sobre mim lançarão.  
 Amigos, e domesticos julgando  
 Ver um estranho, cada qual me via  
 De um modo abjecto, com desprezo olhando.  
 Se eu chamava ninguem me respondia ;  
 Aos meos servos eu mesmo deprecava  
 Minha mulher meo halito fugia,  
 Como cheia de horror ! Eu me humilhava  
 Áquelles, que eu gerei. O fatuo, e louco,  
 Ultrajando-me, assim me despresava.  
 Servi de execração, fui tido em pouco  
 Por quem eu mais amava, convertidas  
 As lições de conselho em canto rouco.  
 Livido o aspecto, as carnes carcomidas,  
 Os meos ossos á pelle se pegarão,  
 Sómente os labios, posto que em feridas,  
 Rangendo os dentes, seccos me ficarão.  
 (Ao menos vós de mim compadecei-vos,  
 Se é que os amigos não me abandonarão)  
 Vinde ouvir minha dor.... ao écho.... erguei-vos,  
 Do Ceo me punge a força, o raio, a ira ;

Ou não me persigais, ou defendei-vos.  
 Se alguém se julga Deos, então delira ;  
 Mas vós porque me estais despedaçando ?  
 Quem é que ao ver-me não se conpuugira,  
 Os olhos de miseria, e dor fartando ?  
 Todas estas razões preponderadas,  
 Quem me dera, Senhor, que epilongando,  
 Ou fossem como em laminas gravadas  
 Com ponteiro de ferro, ou s'imprimissem  
 Sobre uma rocha, por cinzel cortadas !  
 Até que emfim os mortos resurgissem.  
 Venha o meo Redemptor !... Eu bem quizera  
 Ver os corpos, que em carne se vestissem,  
 Como eu hei-de vestir-me ! A carne espera  
 Ver o meo Deos.... Se o Verbo se humanara....  
 Se em meos dias ao mundo elle viera. ...  
 Antes da morte eu mesmo o contemplara.  
 Eis a fé, que nutre, eis a esperança  
 Que a muito no meo seio se firmara.  
 Porém vós contra mim pedis vingança  
 Sob um pretexto vão, como se eu fora  
 Igual ao impio em obra, ou semelhança.  
 Fugi pois dessa espada vingadora,  
 Que hade o impio atterrar. Sabei que ha Juizo ;  
 Como, e quando será ? Talvez agora.



## CAPITULO XX.

Sophar, que a Job responde, assim profere:  
 Meos pensamentos vão se accumulando,  
 Sem que a minha alma delles se apodere.  
 Tu me argues discorrendo, e doutrinando,  
 Mas eu só te respondo, discorrendo;  
 Tudo eu sei do principio, desde quando  
 A terra vio que o barro estremecendo,  
 Deo á especie animal um ente nobre,  
 O homem livre, qual foi, livre nascendo.  
 Como é livre o louvor, que ao impio cobrel  
 Mas o prazer do hypocrita é um momento.  
 Releva que a soberba emfim se dobre.  
 Busca em vão topetar c'o Firmamento,  
 Quando remonta ao Ceo, impia cabeça,  
 Faz castellos no ar, dá rumo ao vento.  
 Na immundice, e no horror emfim pereça.  
 Onde está? Os que o virão, perguntando,  
 Dirão—Se elle existio—foi mais depressa  
 Que a nocturna visão, ou foi sonhando  
 Que um momento existio. Se elle apparece,  
 Os olhos ficão, sem o ver, olhando.  
 O azylo, a patria, o berço o desconhece;  
 A prole arrasta o jugo da indigencia;  
 Contra si mesmo o impio se enfurece.  
 Os vicios que ajuntou na adolescencia,  
 Enchem-lhe um dia os ossos de amargura;  
 Se não servem aos moços de experiencia,  
 Vão c'os velhos dormir na sepultura.  
 Co'a dor, e execração se lisongeia,

Um dia encontra no seo mal doçura.  
 Como que sob a lingua se recrea  
 De o poupar, na garganta elle o demora.  
 Mas o pão da impiedade é como a chêa,  
 Não rega, nem produz, antes devora;  
 Convertendo em fel, amargo, e toma  
 D'aspide a lingua que envenena, e chora.  
 Contra o impio, Senhor, que as furias doma,  
 As medullas do seio esquadrinbando,  
 Faz que vomite do thesouro a somma.  
 A cabeça dos aspides chupando,  
 Ha de sorver a morte de repente,  
 De uma vibora as garras assanhando.  
 (Não verá nem dos rios a torrente,  
 Vendo em fel de amargura convertida ;  
 A que foi de manteiga, e mel torrente).  
 A impiedade em tormentos opprimida,  
 Não se consome, paga o que merece ;  
 Do tormento a oppressão é igual á vida.  
 Despindo o pobre, da nudez se esquece ;  
 Destroe o que não tinham edificado.  
 De roubo, e damno, e fraude s'enternece.  
 Nunca o desejo do impio é saciado,  
 Amontoa, e não gosa, possuindo  
 Tudo quanto elle havia cohiçado.  
 Nunca as sobras da meza repartindo,  
 Deo aos pobres a mais pequena parte ;  
 Por isso o todo se desfez cahindo.  
 E quando n'abundancia elle se farte,  
 Ha de sentir no incendio, que o devora,  
 Dores, ancias crueis por toda a parte.  
 Oxalá que repleto o impio fora !  
 Contra o impio o furor da propria ira

Ha de tornar-se em guerra vingadora ;  
 Chovendo ferro, a chamma elle sentira  
 Das armas, que forjou, se aguda setta  
 De arco de bronze nã se despedira.  
 Qual relampago a espada o fio enceta  
 No fumi-voro seio da amargura,  
 Que o bando horrivel do remorso affecta.  
 Do abysmo a noite pavorosa, escura,  
 Co' as trevas todas nelle hão de occultar-se.  
 De fogo activo a chamma, que não dura,  
 Devorando-lhe o peito, ha de inflamar-se,  
 De afflicções ou de susto o sangue gela ;  
 Nas tendas do impio o forte ha de humilhar-se ;  
 E quando a iniquidade o Ceo revela,  
 O barro contra o impio se levanta,  
 No mesmo pó, que pisa, se atropella.  
 Descamparo, pobresa, injuria tanta  
 Perseguc o nome, que os vindouros passa,  
 Involvido no horror, que a terra espanta.  
 Eis a sorte que aos impios ameaça ;  
 De quem falla, e não teme, a herança é ira  
 Do Senhor, que t'escuta, ó impia raça.



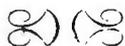
## CAPITULO XXI.

São estas as razões, ouvi, vos peço,  
 Talvez (responde Job) que a penitencia  
 Vos induza o punir tão louco excesso.  
 Minhas razões ouvi com paciencia,

Depois zombai de mim, se vos parece ;  
 Mas vêde, que por mim falla a experiencia.  
 É o calor da disputa que me aquece ?  
 Fallo a um homem ? Talvez de angustiar-me  
 Sem motivo, no peito a angustia cresce.  
 Pasmai só de me ouvir, tremei de olhar-me,  
 E ponde sobre a vossa boca o dedo :  
 Eu mesmo, quando chego a recordar-me....  
 Estremeço de horror, de assombro, e medo.  
 Porque forão os impios exaltados ?  
 Se elles crescem, não tombão tarde ou cedo ?  
 Se os filhos diante delles conservados,  
 Parentes, netos !... Quem da morte zomba,  
 Julga ter os dias prolongados.  
 Nem a vara de Deos sobre elles tomba,  
 Não ha bens que aos do impio se comparem ;  
 Vive o corvo seguro, em paz a pomba.  
 As vaccas, que elle tem, sem risco parem,  
 Logrão as crianças. Moços, e meninos,  
 Sem que jámais de um ponto se separem,  
 Formão como um rebanho ; os pequeninos  
 Saltão ao som da cithara, e pandeiros,  
 Brincando sobre a urna dos destinos.  
 Seos dias são instantes lisongeiros,  
 Mas n'um ponto vão ter á sepultura.  
 —Retira-te de nós.—Eis os primeiros  
 Que disserão a Deos. Ninguem procura  
 Entre nós conhecer-te ; assim vejamos,  
 Quem é Deos ? Ou qual é a immensa altura  
 Do Todo-Poderoso, a quem sirvamos ?  
 De que nos serve ; que nos aproveita  
 Invocal-o, ou que preces lhe façamos ?  
 Ah ! Senhor.... Se é da vossa mão direita

Que as riquezas, e a vida penduradas  
 Tremem !... Longe de mim, ó impia seita ?  
 Quantas vezes, as tochas apagadas,  
 Sobrevem maldição, dores, tormentos,  
 E as costas de vergões ficão pizadas !  
 O impio é como a palha solta ao vento,  
 Conio a cinzas que um vortice espalhara ;  
 O castigo na prole é mais violento ;  
 Eis as penas, que Deos lhe reservara.  
 Assim no proprio mal escarmentado,  
 Conhece a mão, que emfim descarregara  
 A furia, com que ao impio amedrontado,  
 Dá-lhe á beber horror, estrago, e morte ;  
 Apoz elle o castigo vai passando.  
 E sente o impio, o que não vê ? Que sorte  
 Mais, do que a sua, a seos vindoiros cabe,  
 Que seja ao impio estranha, e dura, e forte ?  
 Quem é que ensina a Deos, o que elle sabe ?  
 Abattido o elevado, o rico, o pobre,  
 O robusto, o feliz, ha quem se gabe  
 Da mão, que o pune, e que a cerviz não dobre ?  
 Faminto aquelle morre na amargura,  
 A abundancia dest'outro os rius lhe cobre ;  
 Mas ambos vão dormir na sepultura,  
 Pasto de bichos, e de pó cobertos.  
 Essa nova linguagem, que me apura,  
 Pensamentos tão futeis, e indiscretos  
 Perguntão : Onde a casa dos tyrannos ?  
 Onde as tendas do impio ? Ou nos desertos,  
 Ou nos caminhos : respondi-lhe, humanos,  
 Vós o sabeis : o iniquo é reservado  
 A um dia de furor, de estrago, e damnos.  
 Mas porque deve ser elle accusado ?

De quem recebe o impio a recompensa?  
 Ao sepulchro elle mesmo arrebatado,  
 Um dia perde a luz, não perde a crença;  
 Quem não vive nos braços da esperança,  
 Sobre os mortos vigia, e sem detença  
 Como objecto de horror, e de vingança,  
 Baixa o impio ás areas do Cocyto,  
 Tão doce apoz de si, como a lembrança  
 Dos homens, que attrahio, sendo infinito  
 O numero, a extensão, e a vaidade  
 De quem procede, ou ama o seo delicto.  
 Como é possível, que a illusão me agrade!  
 Quando a força de vossos argumentos  
 Se oppõe ás Leis do Eterno, ou da Verdade.



## CAPITULO XXII.

Pode o homem a Deos ser comparado?  
 Eliphar de Theman prosegue, sendo  
 Muito embora em sciencia consummado?  
 Que aproveite ao Senhor, que t'está vendo,  
 Que sejas puro? O Todo Poderoso,  
 Do teo braço o auxilio carecendo,  
 Talvez ha-de arguir-te, cauteloso?  
 Ou em furia julgar-te, porque seja  
 Quando em juizo, fraco, e temeroso?  
 Responde, não serás porque é sobeja  
 A malicia, que tens? Porque alongaste  
 Sem limite as paixões, sem termo a inveja?

Sem causa a teos irmãos tu despojaste  
 De seos vertidos, e penhor lucrando,  
 Á nudez, e ao ludibrio os entregaste.  
 Com teo poder a terra devastando,  
 A fome, e á sêde... Oh barbaro ! illudiste,  
 Escondendo-lhe o pão, agua negando.  
 Sem soccorro as viuvvas despediste,  
 O orphão mesmo por ti foi despresado,  
 As forças, e o vigor lhe diminuiste.  
 Agora de perigos rodeado,  
 Repentino tremor, que não previas,  
 Te assalta, quando gemes conturbado.  
 E julgando, que as trevas não verias,  
 Nem dos males ao impeto cederas  
 Escapar a oppressão tu pretendias.  
 Acaso tu não vês, tu não ponderas,  
 Que as estrellas, e o Sol, e o firmamento  
 Estão sob os pés de um Deos, no qual não crerão ?  
 E perguntas ?... Que louco atrevimento !  
 —Que sabe Deos ? Do mundo retirado,  
 Como em trevas julgando, põem o assento  
 Entre as nuvens, que o tem como guardado,  
 No Ceo de pólo a pólo passeando,  
 Dos negocios dos homens descuidado.  
 E pretendes, os seculos guardando,  
 Seguir da iniquidade a senda impia ?  
 Não sabes de um Diluvis, que alagando  
 A terra inteira, arrebatara um dia  
 Essa dos impios rapida corrente,  
 Que arrastando os mortaes a Deos dizia :  
 Retira-te de nós : o Omnipotente  
 O que pode ? Foi elle que ás mãos cheias  
 Sobre os impios lançou prospera enchente.

Arredai-me, Senhor, impias idéas  
 Longe, longe de mim. Ha de alegrar-se  
 Um dia o Justo, que das proprias veias  
 Com sangue a Fé sellou ; Ha de exaltar-se  
 O innocente, que os impios insultando,  
 A soberba a seos pés ha de humilhar-se.  
 As reliquias da terra devorando,  
 Cahio fogo do Ceo. Se o mundo errava,  
 Volta-se a Deos, ao mundo as costa dando.  
 A Lei, que o Céu t'envia, aceita, e grava  
 Sobre o teo coração, que arrependido,  
 Quando se volte a um Deos que abandonava,  
 Á posse de teos bens restituído,  
 Verás, tornando a paz, que foge o medo  
 Das tendas tuas, o destroço, o ruido.  
 Serás inda mais firme que um rochedo,  
 O Senhor te ha de dar torrentes d'oiro  
 A mão do Omnipotente, basta um dedo,  
 Que aponte, ruina, e damno, e morte, e agoiro  
 Deixão teos inimigos destroçados ;  
 De prata aos montes tu farás thesouro.  
 Os olhos em delicias elevados  
 Só a Deos, como fitos, contemplando,  
 Absortos ficarão, no Ceo pasmados ;  
 Porque Deos tuas preces escutando,  
 E tu cumprindo os votos, felizmente  
 Verás tudo, o que fores projectando.  
 Nos teos caminhos te será patente  
 A luz, e a força, que te cinge o lado,  
 A teos conselhos ha de ser presente.  
 Quem se humilha será glorificado.  
 A innocencia baixando os olhos cresce,  
 Como virgem no amor, que é premiado.

Inda quando se humilha, ella não desce,  
 Não murchão palmas, nem os loiros murchão,  
 A pureza das mãos tudo merece.



### CAPITULO XXIII.

Meos gemidos se forjão n'amargura,  
 Com que fallo, diz Job, do Eterno o sello,  
 As dores minhas aggravando, apura.  
 Quem me dera encontral-o, conhecel-o!  
 Prostrar-me diante do seo throno, ouvil-o  
 Expor-lhe a causa minha, e convencel-o!  
 Em pobre, e rude, mas queixoso estylo  
 Desatando expressões, eu só quizera  
 Um Deos comprehender, sentil-o.  
 Tão forte, como é Deos, não combatera  
 Contra o pó do meo ser, á immensidade  
 De um Deos, que não me opprime, eu proposerá :  
 Qu'expondo contra mim juizo, equidade,  
 Quando a mão inculpada o juizo sente,  
 A favor do infeliz pende a Verdade  
 Busco a Deos, e o não acho no Oriente ;  
 D'aqui, d'alli me volto, e não o alcanço,  
 Nem ser o percebo no Occidente.  
 Se a direita, ou a esquerda eu me abalanço...  
 Do espaço inteiro os pontos esquadrinho,  
 Nem o vejo, nem posso achar descanço.  
 Mas elle bem conhece o meo caminho,  
 No fogo de meos males quiz provar-me,

Como se prova o ouro no cadinho.  
 Seos passos procurei, sem desviar-me,  
 Guardei, quanto lhe ouvi, de um só preceito  
 Nem me escondi, nem pude separar-me.  
 De seos labios a voz gravei no peito ;  
 Como Eterno, e immutavel o consulto,  
 É Grande, e Sabio, e Só, porque é perfeito.  
 Quem é que pode um pensamento occulto  
 Penetrar invertendo? Se a vontade  
 De um Deos, quando Elle quer, não soffre insulto.  
 Seo braço pode em plena liberdade  
 O meo corpo affligir com mais excesso ;  
 Eu adoro o poder da Divindade,  
 Diante d'ella a mim mesmo desconheço ;  
 Se a contemplo, de trevas rodeada  
 E encontro espinhos, em temor tropeço.  
 Manda que eu gema afflicto, e consternado, <sup>1</sup>  
 Mas quando o peito solta algum gemido,  
 Se eu padeço, é com as dores conformado.  
 Se o não fora, eu houvera perecido ;  
 Nem a um Deos, que m'escuta, levantára  
 O meo rosto, nas trevas escondido.



## CAPITULO XXIV.

Que é o tempo em face ao Todo-Poderoso?  
 É um ponto ; quanto os olhos descortinão,  
 Aos humanos é incerto, e duvidoso.  
 Uns transpõem o terreno, em que dominão,

E o gado, que era alheio apascentando,  
 A' fraude, e roubo as mãos sem pejo inclinão.  
 Os pobres opprimindo, ou saqueando,  
 Um só jumento aos orphãos arrebatão,  
 Em penhor á viuva um boi tomando.  
 Pobreza e mansidão se desbaratão  
 Arrastando prisões em tanto aperto,  
 Que jámais de seos pulsos se desatão.  
 Outros como famintos no deserto  
 Bem qual asno montez põem-se a caminho,  
 Madrugando co'a preza, á rumo incerto.  
 Dão á prole o suor de seo visinho,  
 Roubando ao fraco, e pobre, qu'esmagarão,  
 Na vindima, e na ceifa o pão, e o vinho.  
 Tirão áquelles, a quem nós deixarão,  
 A propria cobertura; expondo ao frio  
 Quem as chuvas do monte repassarão;  
 Correm do rosto as lagrimas em fio  
 Aos pobres, que se abração c'uni rochedo,  
 Ou procurão calor junto de um rio.  
 Despresando o pupillo em dor, em medo,  
 Ao vulgo da miseria o pão tirando,  
 O reduz a existir como em degredo.  
 A indigencia, ou a fome despojando  
 Das espigas, que apanha ao meio dia,  
 A' sombra da desgraça descansando,  
 Negão o vinho, a quem ha pouco o havia  
 Pizado no lagar. Ruidoso estrondo  
 Atterra o camponez, que em sede ardia;  
 Lá geme o ccho!... em circulo redondo  
 Atroando no espaço da cidade...  
 A miseria, o clamor, o estrago oppondo  
 Vingança pedem contra a iniquidade

Os feridos, e os mortos.... Aparece  
 O Anjo Defensor da humanidade.  
 Quem foi rebelde á luz, ou desconhece  
 As veredas, que trilha, ou não se afasta  
 Do perigo, em que jaz, porque esmorece.  
 Madruga o malfeitor, que á morte arrasta  
 Os mendigos sem dor. A noite estende  
 Um véo á mão, que rouba, ou que devasta.  
 O adúltero fugindo á luz, que offende,  
 Diz —Ninguém me verá : — cobrindo o rosto,  
 Apalpando a illusão, das trevas peude ;  
 Executa, o que havia assim disposto,  
 Arromba as casas, aborrece o dia.  
 E quando a aurora no da luz encosto,  
 Raiando no horizonte, a luz trazia,  
 Derepente o malvado, qu' estremece,  
 Crê que a sombra da morte o perseguia.  
 O malvado não vê, quando amanhece ;  
 Mais cego que a illusão, mais inconstante  
 Que a superficie d'agua, ou s'entristece,  
 Ou variando se muda a cada instante.  
 Do impio a possessão maldita seja !  
 Das vinhas, e olivães sempre distante,  
 Seo crime, enchendo a amago da inveja,  
 Desce ao Barathro emfim ; desfeito em neve,  
 Ora em nimio calor elle se veja,  
 Não sinta compaixão, quem nunca teve ;  
 Bichos na boca entornem-lhe a doçura,  
 Que elle aspira, e no espaço o circunscreve :  
 Tombe a memoria em lagos de amargura,  
 O seo nome em horror despedaçando,  
 Como tronco infeliz, ou planta impura ;  
 Porque a esteril, um dia cultivando,

Tive como em ludibrio a Natureza,  
 Os orphãos, e a viuva desprezando.  
 Se existio em vigor, e fortaleza,  
 Ao fraco, destroçou ; foi a existencia  
 Como instavel, e impropria da grandeza.  
 Nem se quer por temor fez penitencia ;  
 A soberba é feroz, o abuso é triste,  
 Mas véla sobretudo a Providencia.  
 Elevando-se um pouco, ou não subsiste,  
 Ou tonibe de repente, arreatado  
 Como é tudo o que foi, já não existe,  
 Qual tenro grão na espiga destroçado ;  
 Mas quando assim não fosse quem pudera,  
 A presença de Deos sendo eu levado,  
 Convencer-me do mal, que eu não fizera ?  
 Virtude, e amor é o timbre da verdade,  
 A mentira só tem por cunho a cêra.



## CAPITULO XXV.

Diz Baldad : A attracção, ou a energia  
 Do poder, e terror é só d'aquelle,  
 Que regula dos astros a harmonia.  
 Quem é que enchendo o espaço a luz repelle ?  
 Tudo espreita, e se humilha á voz do Eterno ?  
 Ninguem se justifica diante d'Elle.  
 E pode á vista do esplendor supremo  
 Ser puro um ente, de mulher nascido ?  
 O Sol, perdendo a luz, perde o governo

Dos planetas, da lua, que escondido  
 O rosto diante delle se escurece.  
 Tão pura no esplendor qu' Estrella ha sido?  
 Quanto mais o homiem fraco, qu' estremece l...  
 O bicho, o pó da terra, o filho do homem,  
 Uma essencia, que morre, e que apodrece.



## CAPITULO XXVI.

A quem soccorres tu? Job lhe responde,  
 E prosegue: o teo braço por ventura  
 Descobre a força, que a fraqueza esconde?  
 Talvez mandaste a luz á estancia escura;  
 Onde geme a ignorancia afferrolhada?  
 Alardeas, que a luz em ti se apura?  
 Tão sublime a prudencia revelada,  
 Que ostentas, ensinando a quem t'ensina,  
 Não te diz, que por Ella foi creada  
 A existencia, o calor? Que a Mão Divina  
 Sepultando as gigantes sob as agoas  
 Fez gemer esta raça peregrina?  
 Á seos olhos, estão do inferno as fragoas  
 Como abertas; não ha nem rio, nem manto,  
 Que occulte a perdição, nem dor, nem magoas.  
 Deo aos Pólos firmeza, ao vacuo espanto;  
 Tirou do cahos, suspendendo a terra  
 No equilibrio do ar; o impulso é tanto,  
 Que as agoas entre as nuvens elle encerra,  
 Sem que tombem. Seo Throno annuviado

Se occulta aos olhos, e a illusão desterra :  
 O oceano creou como encerrado  
 N'um ponto, a terra, o mar circuscrevendo,  
 Até que expire a luz, e o véo dobrado  
 Da noite se evapore, estremecendo  
 As columnas do Ceo, quando a grandeza  
 Do Universo tombar, sem luz tremendo  
 Sobre os mares se estende a fortaleza  
 De quem domina o mar. A cada instante  
 Os fantasmas do orgulho elle despreza.  
 Seo espirito adorna o Ceo brilhante,  
 Sabio, e só por essencia Poderoso  
 Fere a soberba, opprime o dominante,  
 Tira a luz ao dragão, que é tortuoso  
 Eis aqui bem pequena, e leve parte  
 Do seo Poder. No espaço tenebroso.  
 Da terra uma scentelha se reparte  
 Do trovão que annuncia!.. Oh Deos! que humano,  
 Sem saber o que vê, sabe adorar-te?



## CAPITULO XXVII.

Job, que o ouve, prosegue accrescentando  
 A parabola, e diz: O Omnipotente  
 A causa de meos males desviando,  
 Bem sabe, porque a tudo está presente,  
 Quem me arrasta a um excesso de amargura;  
 Oh Deos!.. a quem minha alma adora, e sente!  
 Emquanto a vida, e o calor se apura;

De meos labios fugindo a iniquidade,  
 Porque é dobre, a mentira detestando,  
 Porei na lingua o cunho da verdade.  
 Minha innocencia, nem se quer julgando  
 Que vós sois justos, pode acompanhar-me,  
 Sempre longe de vós, jamais deixando  
 Nem o projecto de justificar-me,  
 Nem da luz, o clarão que me assegura  
 Isento de remorso conservar-me.  
 Se o impio é lodo de uma vida impura  
 Dos meos adversarios a lembrança  
 É como o iniquo, que a illusão procura.  
 Qual é pois a do hypocrita esperanza?  
 De que lhe serve o roubo, se a avareza  
 Livrar não pode o rico da vingança?  
 Deos escuta os clamores da pobreza;  
 Mas quando a angustia chega a apoderar-se  
 Do rico, o seo clamor Elle despreza.  
 Pode acaso o avarento debitar-se,  
 Quando invoca o poder do Omnipotente?  
 Com auxilio do Ceo pode annunciar-se,  
 Quanto em si mesmo um Deos encerra, e sente;  
 Não se esconde o thesouro da esperanza;  
 Logo porque fallais inutilmente?  
 Um Deos, que tudo vê, que tudo alcança  
 Desde que o impio a furia concebera,  
 Declarou, que do inipio é esta a herança:  
 D'espada vingadora o fio espera  
 A prole, que se vai multiplicando:  
 Os netos, porque a fome precedera  
 Á ruina, e dor, suspiros arrancando,  
 Derepente hão-de ser arrebatados,  
 Orphãos, viuvos, timidos chorando.

Thesoiros, como a terra amontoados,  
 Ajunta o impio, mas não goza; um dia  
 Para as tendas do justo transportados,  
 A innocencia, que é simples, avalia  
 Os bens, como elles são, reparte, e goza.  
 O impio é como a traça que não cria,  
 A casa, que elle fez, tombou ruidosa,  
 Qual tomba ao camponez, no leve encosto  
 Da vindima, a choupana esperançosa.  
 Se o rico dorme, levantando o rosto  
 Não vê mais que afflicção, e iniquidade,  
 Comsigo arrasta, e leva só desgosto.  
 Miseria, dissabor, calamidade,  
 É como a innundação, que derepente,  
 Desenvolve co'a noite a tempestade.  
 O vento abrasador da plaga ardente,  
 Como um vortice, o impio arrebatando  
 De rojo lançará, como a torrente,  
 Que males sobre males derramando,  
 Tudo envolve, e por fim desaparece.  
 Terror, desgraça para o sitio olhando,  
 Contra o impio irritado se enfurece.  
 Bate as mãos, assobia... injuria, opprobrio  
 Illude os máos, dos impios escarnece.

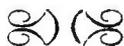


## CAPITULO XXVIII.

Da mina as veias são como elemento  
 Da prata, e ouro ; mas a -forma encerra  
 Os signaes na extensão do tegumento.  
 O mais util metal suppõe, que a terra  
 Tudo elabora ; a pedra derretida  
 Se torna as vezes no metal da guerra.  
 Medindo a escuridão põe termo a vida  
 A mão, que a pedra escura avaliando,  
 Ergueo da morte a sombra denegrída  
 A torrente, do povo desviando  
 Aquella, que a pobreza desprezada  
 Sem rumo o deixa para o Céu olhando.  
 Ondea o fogo em chamma na seara,  
 Acode o camponez ; mas tu não viras  
 Nem se quer o que o fogo roteara,  
 Neste sitio não ha se não saphiras,  
 Aquella só produz folhetas d'ouro  
 Tu mesma, ó ave, que no espaço giras,  
 Não vês o abutre de sinistro agoiro,  
 Nem t'empolgão as garras do inimigo ;  
 Em vão procura o laço o teu desdoiro,  
 Tudo em torno de ti te offerece abrigo ;  
 Vai passando a leôa, sem que o medo  
 Ou te arroje, ou descubra algum perigo.  
 A industria cala ao centro d'um rochedo,  
 Transpondo a serra, desatando a fragoa,  
 Como pela raiz salta o penedo.  
 Faz correr d'uma rocha arrosios d'agoa,

Descobre tudo, que ha de precioso ;  
 Se é thesoiro a illusão, seo preço é magoa.  
 Desce ao fundo d'um rio caudaloso,  
 Investiga a materia, que elle esconde ;  
 E o metal, que descobre, é cavilloso.  
 Se existe um sabio só, dizei-me, aonde ?  
 Sabedoria !... Oh luz da intelligencia !  
 Aonde, aonde estaes ? Ninguem responde ;  
 Porque ninguem conhece a sua essencia ;  
 Ella foge ao prazer, foge as delicias.  
 Diz o abismo : Eu não guardo a Sapiencia.  
 Publica o mar : Um fundo de divicias,  
 A perola, o coral eu crio, e tenho ;  
 Mas não tenho se quer nem as primicias  
 Da luz, que emana d'immortal desenho.  
 É mais pura que o ouro inda mais puro ;  
 Nem o peso das agoas, que sustenho,  
 Nem da prata o valor é tão seguro.  
 Comparada co'as pedras do Oriente,  
 A safira, o diamante é baço, escuro.  
 Mais limpa que o cristal, mais reluzente  
 Que um vaso d'ouro, excede em qualidade  
 A tudo, inda n'um gráo mais eminente.  
 De grandeza, louvor, sublimidade,  
 Nomes vãos, nem a forma se avalia,  
 Diante d'ella, nem sombra d'igualdade ;  
 A purpura, o topazio perderia  
 A côr. É da extensão no occulto seio  
 Que se infere, ou deduz sabedoria.  
 De que ponto, ou lugar a luz nos veio ?  
 D'onde nasce este dom d'intelligencia,  
 Distinção dos mortaes, dos brutos freio ?  
 Como escondida aos olhos a existencia.

Nem aves do Céu lhe precederam,  
 Coeterna só co'a luz da Providencia.  
 A morte e a perdição porque a temeram ?  
 Até nossos ouvidos chega a fama  
 De seos feitos : —Em alta voz disseram —  
 O sabio por essencia é quem reclama  
 As veredas da luz, quem só conhece,  
 O que abaixo do Céu o adora, e ama.  
 D'um pólo a outro pólo elle apparece.  
 O mundo um é ponto diante d'elle : ao vento  
 Dando equilibrio, ao ar, quando escurece,  
 As agoas calculou do Firmamento.  
 Prescreveo certas leis a chuva, dando  
 Ao mar limite, á tempestade assento.  
 Em pompa, e ruido a furia preparando  
 Do raio, é desde então que o annuncia  
 Trovão, que rompe os ares, atroando.  
 Disse ao homem depois : —Sabedoria —  
 Evita, e foge o mal, porque o temia.



## CAPITULO XXIX.

Da Parobola o fio anivelando  
 Prosegue Job : Se eu vivo, quem me dera  
 Tornar ao que já fui ! assim lembrando  
 Nem por sombra o que sou, mas o que era,  
 Quando Deos n'outro tempo me guiava  
 Co' a luz, que sobre mim resplandecera.  
 Então no horror das trevas me guardava,

De meus dias o espaço regulando,  
 Comigo occultamente elle habitava;  
 Sobre mim, que era moço, derramando  
 A virtude do Todo Poderoso.  
 Em ternura os meos filhos abraçando  
 Derramava de azeite saboroso  
 A abundancia, das pedras escorria  
 De manteiga um arroio copioso.  
 Quando fóra dos muros eu sabia,  
 Ou ao menos as portas da cidade;  
 Quando nas praças publicas se erguia  
 Em signal de respeito, dignidade,  
 O assento, em que eu fallava; o moço, o velho,  
 Um se escondia, d'outra a gravidade  
 Se punha logo em pe. Valor, conselho  
 Dos Principes cessava. Amor, Virtude  
 É qual raio do Sol, quando no espelho  
 O reflexo produz. Ao fraco, e rude  
 Maduresa, que attrahe, silencio impondo  
 Reparte co'a expressão, vigor, saude.  
 Os maiores do povo, ouvindo o estrondo  
 De applauso, e de louvor, se cohibião  
 Da voz, ao dedo sobre os labios pondo,  
 Na garganta as palavras se escondião.  
 C'os olhos dando testemunho honrado  
 A meu favor, aquelles, que me ouvião,  
 Clamavão logo : Oh bemaventurado !  
 Quem soccorre á pobresa, ao desvalido,  
 Aos orphãos, a viuva, ao desgraçado !  
 Quantas vezes de gloria revestido  
 Eu escutara benções, e louvores  
 De quem arranca o ultimo gemido !  
 Da equidade, e justiça os resplendores

Me servião de ornato, ou de diadema ;  
 Dando á magoa esperança, alivio ás dores,  
 Eu dei ao cego luz, eu fui o emblema  
 Do coxo, pondo os pés em movimento,  
 Eu punha os olhos na miseria extrema.  
 Como pai eu tomei conhecimento  
 Das causas da pobreza ; eu me instrua  
 Como seu defensor. Fui o instrumento  
 Da força, que o malvado reprimia ;  
 Pois quebrando-lhe os queixos, lhe tirava  
 A presa d'entre os dentes, e dizia :  
 No meu canto (o que ha muito eu deseja)  
 Em paz eu morrerei, multiplicando  
 Como a palmeira os dias, que eu passava,  
 Junto das agoas a raiz lançando  
 Descoberta, e viçosa. A natureza  
 Sobre a minha seara derramando  
 A frescura do orvalho ; a gloria, a empreza  
 Do meu arco nas mãos se fortifica ;  
 Renova-se o valor, nasce a firmesa.  
 Do silencio a attracção como qu' explica  
 A voz interna, que as sentenças dava ;  
 Do conselho, que é recto, a frase é rica ;  
 Minhas razões o povo abençoava  
 Como o aljofar d'aurora, que esparzido  
 Sobre seo coração se derramava.  
 Do horisonte o clarão, da chuva o ruido,  
 Como as aguas serodias, esperando,  
 Behendo os ares, applicando o ouvido.  
 Um gesto, um ar de riso aproveitando.  
 Para o deixar confuso, e duvidoso,  
 Bastava um gesto só, risonho, e brando.  
 Eu me assentava em throno magestoso,

Como um rei, para ouvil-o rodeado,  
 De pompa, e de cortejo numeroso ;  
 Mas quando eu via o povo amargurado,  
 A afflicção, e á miseria soccorrendo,  
 Em vez de aborrecido, eu era amado.



### CAPITULO XXX.

Agora os filhos cheios de alvoroço,  
 Cujos pais nem se quer eu igualava  
 Aos cães do meo rebanho agora, o moço  
 Fraco, indiscreto, aquelles, qu'eu julgava  
 Indignos de viver, de mim zombando  
 (Se é que os olhos em mim alguém fitava)  
 Agora m'escarnecem, deslembado  
 Que estereis pela fome elles roião  
 No deserto, a penuria mastigando  
 Ervas, raizes, cascas, qu'extrahião  
 Do junipero, esqualida a postura,  
 A miseria nos olhos descobrião.  
 Encontrando nos valles a amargura  
 Do sustento, em clamor o arrebatavão ;  
 A expressão da miseria é tosca e dura.  
 No concavo dos rios habitavão,  
 Nas cavernas, ou grutas d'um rochedo  
 Um asylo encontrando se alegravão.  
 Os espinhos, a dor, a angustia, o medo  
 São as delicias de quem geme afflicto :  
 Gente insensata vive n'um degredo,

Como quem busca, ou ama o seo delicto.  
 Mas estes nem se quer vão na torrente  
 Do povo, que é rebelde, ou foi proscripto.  
 Agora eu sou a fabula da gente,  
 A cantiga do povo, qu'entoando  
 Opprobrios contra mim, ou me desmente,  
 Ou foge de me ouvir. Abominando  
 O que sou, me cuspirão sem receio  
 Sobre a face, o meo rosto despresando.  
 Contra mim despejou d'aljava o seio  
 A mão, que abate o rico, o poderoso,  
 Que affligindo-o lhe põe na boca um freio.  
 De Oriente risonho, e luminoso  
 Á direita o clamor, á esquerda a morte  
 M'involverão n'um cahos tenebroso.  
 Tudo quanto ha no mundo de mais forte,  
 Transtornando meos passos, opprimindo  
 No peito as sensações, tive por sorte  
 Lutar co'as ondas do terror ; bramindo  
 Sem luz, nem tino eu fui desbaratado,  
 Ternura, compaixão ao Ceo pedindo  
 Sem soccorro, nem força rechaçado,  
 As traições contra mim prevalecerão ;  
 Em vão meos olhos para o Ceo s'erguerão,  
 Meos desejos então se dissiparão  
 Como o vento, ao meo nada reduzido,  
 Como o vapor das nuvens, que passarão ;  
 A saude e o vigor assim perdido  
 Dentro em mim mesmo o animo esmorece.  
 De dia o peito de afflicção pungido  
 Como que estala ; á noite me apparece  
 Um compendio de dores, em que leio,  
 Porque a minha afflicção nunca adormece.

Quem me traspassa, e me devora o seio,  
 Não descança, o vestido m'estrafega,  
 Concentrado d'um circulo no meio,  
 Me aperta a cabeça, porque não chega ;  
 Minha tunica é cinza e pó. Reclamo  
 A Ti, Senhor..... e a voz como a refrega  
 Do vento, e mar se torna ; se derramo  
 Diante de ti meos ais, cruel comigo  
 Nem olhas para mim. Eu sei que te amo  
 E tu, Senhor, te mostras inimigo  
 De quem te adora, e ama ? Que dureza !  
 Elevaste-me ao ar, eu fui contigo  
 Sobre as azas do vento ; a natureza  
 Se horrorisa de ver, que me arrojaste  
 D'um ponto estranho, como infausta preza.  
 Eu sei que a morte emfim Tu me entregaste,  
 Manção terrivel de qualquer vivente :  
 Sobre mim a oppressão descarregaste.  
 Mas a tua palavra é permanente ;  
 Não consumes de todo o afflicto, e pobre,  
 Tu sustens a quem tomba derepente.  
 Eu sentia a expressão d'uma alma nobre,  
 Quando sobre os afflictos eu chorava ;  
 O véo de compaixão minha alma encobre.  
 Co' a miseria que soffro, eu não cantava ;  
 Sobreveio-me horror !... Se um passo avanço,  
 Tomba em trevas a luz que eu desejava  
 As entranhas fervendo sem descanço  
 Os dias de afflicção me surprenderão.  
 Inquieto, e triste, mas sem furia manso  
 Os dragões, e avestruzes me tiverão  
 Como socio, ou irmão ; quasi sem vida  
 Meus clamores ao echo enternecerão.

Enfiado o rosto, a cutis denegrída,  
 Seccos os ossos, que terror ! que espanto !  
 Meus orgãos enche d'uma voz sentida !  
 Em magoa, e luto se tornou meo canto ;  
 A voz da minha cithara suave  
 Converteo-se em vapor, tornou-se em pranto.



### CAPITULO XXXI.

Meos olhos, por um pacto, que fizemos,  
 Vendo uma virgem, logo despresavão  
 Esses, que são de rosa, e neves extremas.  
 Os anjos lá do Empireo perguntavão,  
 Que parte em mim teria um Deos? Que herança?  
 Quando meos olhos para a terra olhavão.  
 Pode haver salvação, pode á esperança  
 Abranger a injustiça? Por ventura  
 Quem despreza o combate, a c'roa alcança?  
 Não pode o Creador, a creatura  
 Chamando á juizo, oh! dor pedir-lhe conta?  
 Se os máos caminhos de vaidade pura,  
 E dolo eu semeiei, por minha affronta  
 Peze tudo, o que as mãos, e pés obravão.  
 O justo, então verá que ao Ceo remonta  
 Singeleza, e valor. Se desvairarão  
 Meos pés da lei, que abraço, enternecido  
 O coração, que os olhos arrastarão;  
 Se as minhas mãos ferrete denegrído,  
 Ou leve mancha se pegou; roubado

O pão que semei, seja opprimido  
 Como pelas raizes arrancado.  
 O arrebento, que vem de tronco antigo.  
 Se de alheia mulher como encantado  
 Tratei o amigo meu, como inimigo,  
 Armando-lhe traições ; deshonestada  
 Minha propria mulher seja comigo,  
 Tambem de alheio amor, arrebatada ;  
 Prostitua-se emfim ; pois o adulterio  
 Desarreiga a affeição mais delicada  
 Da virtude e do amor. Perdido o imperio  
 Da razão, a maldade, e o crime avulta :  
 Esse amor, que extermina, é vituperio.  
 Do fogo ardente das paixões resulta,  
 Que eu mesmo aos servos meos negando o juizo,  
 Supponha sempre que a questão m'insulta  
 Quando á face d'um Deus me for preciso  
 Responder... ai de mim ! Que horror me assalta !  
 O susto ao longe, a pallidez diviso !  
 Por ventura no ventre a dor se esmalta  
 De obscuro, ou de sublime ? As mãos não geram  
 D'um só modo ? A razão sobeja ; ou falta ?  
 Se eu neguei, o que os pobres pertenderam ;  
 Se como sem lhe dar um só bocado ;  
 Se os olhos da viuva se offenderam  
 De observar, o que eu fiz ; se despresado  
 O orphão, ao triste deneguei sustento ;  
 (Pois desde a infancia minha amargurado,  
 Cresceo comigo a compaixão, tormento,  
 Verdugo d'alma, que nasceo comigo.)  
 Se a nudez, quando já perdido o alento,  
 Vem o frio da morte, occulto abrigo  
 Não achou no meo seio, abençoando

Das ovelhas o vélllo, a mão do amigo ;  
 Se a vara contra os orphãos empunhando  
 Da justiça, e do abuso, as leis manchara ;  
 Meus hombros, minhas mãos desconjuntando,  
 Sinto meus ossos da justiça a vara.  
 Da vingança do Céu, do horror da morte,  
 Sempre em ondas, o pezo me aterrara.  
 Se eu disse ao ouro : És tu meu braço forte,  
 Minha confiança és tu ; se o meu thesoiro  
 Pode encher á minha alma, de tal sorte,  
 Que eu servisse á fortuna, amasse o oiro ;  
 Ou que ao menos de o vêr eu me alegrasse ;  
 Se eu olhei para o sol, que é sempre loiro,  
 Se eu vi a argentea côr da lua em face,  
 E de occulto prazer fui seduzido,  
 Como quem de algum modo idolatrasse,  
 Beijando a propria mão ; ao cimo erguido  
 Da maior impiedade, renunciando  
 O Nome do Senhor ; se corrompido  
 Por odio, eu vi sem dôr aos pés tombando  
 Meus inimigos ; ou com a ruina alheia  
 Exultei, na garganta suffocando  
 A voz da imprecação, do crime a ideia ;  
 Se eu não previsse, que a maldade outr'ora  
 Dos meus só de vingar-me se recrea ;  
 Se o peregrino não ficou de fóra ;  
 Se eu tive a porta aberta ao viandante ;  
 Se jamais encobre, nem mesmo agora,  
 A minha iniquidade, se inconstante  
 Inquieto o coração, ou se aterrara,  
 Na força do tumulto vacillante,  
 Ou covarde, talvez não desprezara  
 Dos parentes a injuria ; se eu fizera

Do silencio, em que a dôr me concentrara,  
 Vaidosa ostentação ; oh ! quem me dera  
 Que alguem me ouvisse ! Ao Todo Poderoso,  
 Que sabe, o que desejo, eu propozera :  
 Que esse mesmo, que em juizo ponderoso  
 Para os males, que eu soffro, relevara  
 Que o meu livro tornasse volumoso.  
 Em meus hombros eu mesmo o carregara,  
 As fontes da cabeça coroando  
 Com elle, a cada instante o publicara,  
 Como a um Principe, o livro apresentando.  
 Se eu recusei pagar ao jornaleiro ;  
 Se a terra contra mim ao Ceo bradando,  
 Eu comi de seus fructos, sem dinheiro ;  
 Se ella chora, ou me tem por inimigo  
 Na dôr, ou n'afflicção do dia inteiro ;  
 Abrolhos me produza em vez de trigo,  
 Em lugar de cevada espinhos brotem :  
 —Acabou—Diz a voz do Texto antigo.



## CAPITULO XXXII.

Os amigos de Job, que o accusavão  
 De blasfemo, ou de nescio, os tres sómente  
 De responder a Job por fim cessarão.  
 Eliú, que era de Ram o descendente,  
 Filho de Baraque de Buz, ouvia  
 A questão sem fallar ; mas derepente  
 Inflammado de colera tremia....

Contra Job, contra todos irritado ;  
 Porque Job se julgava, ou se dizia  
 Justo diante de Deos ; e condemnado  
 Seus amigos o havião, sem provar-lhe,  
 Que a dor, e a pena é o timbre do peccado.  
 Em quanto fallou Job, não quiz fallar-lhe,  
 Esperando occasião melhor, ou dando  
 Respeito ao velho ; vai porém mostrar-lhe,  
 Por justa indignação, que os tres fallando  
 Sem provar, responderão ; que elle espera  
 A Job, e a todo responder, provando.  
 Mais moço do que vós, eu não devera  
 Entrar nesta questão sem luz, portanto  
 Os olhos abaixando, eu só quizera  
 Aprender dos mais velhos : Com que espanto !  
 Eliú prosegue, e diz : Agora eu vejo,  
 Qué o recto, o sabio, e só tres vezes Santo  
 Accende a inspiração, nutre o desejo  
 Da virtude nos homens ; que a verdade  
 Tem no espirito a luz, na voz ensejo.  
 Sabedoria e luz não vem da idade,  
 Por tanto fallarei, porque a justiça  
 Não é simples clarão da antiguidade.  
 Ouvi-me, eu vou mostrar-vos, que a cubiça  
 De louvor na disputa é inconsequente.  
 Que o fallar com excesso é mais preguiça,  
 Que força da razão ; Fallais sómente,  
 E nada conclus. Se o condemnamos  
 Sem vence-lo, a questão fica pendente.  
 Job propõe, e conclue ; nós o escutamos,  
 Cumpre que ao menos seja refutado.  
 Não digais por ventura : Nós achamos  
 Sabedoria ; e Deos de si lançado

O arrojou com desprezo ; argumentamos  
 Contra um homem, dos homens desprezado ?  
 Nem as suas razões me convencerão,  
 Nem eu vou pelo vosso arrazoado.  
 Eis se intimidão todos !... Jamais derão  
 Palavra, nem resposta, immudecendo.  
 Faço eu agora, o que elles não fizerão.  
 E só da minha parte discorrendo,  
 Vou mostrar o que sei. Tenho um thesoiro  
 De razões, que em minha alma não cabendo,  
 Como em vasilha sem respiradoiro,  
 Inda nova, qual mosto fermentando,  
 Promette um dia arrebentar de estoiro.  
 Eu quero um pouco respirar, fallando,  
 Vou meus labios abrir ; cumpre que eu falle  
 Com os homens, aos homens igualando,  
 Sem que jamais nem'um a Deos iguale.  
 Em quanto eu subsistir, subsiste o medo  
 D'involver-me nas trevas deste valle,  
 Sem saber, até quando ? Ou tarde, ou cedo  
 (Talvez o Senhor me chame agora)  
 Um dia ha de acabar o meu degredo.



### CAPITULO XXXIII.

Ouve, ó Job, as palavras, que eu profiro,  
 Escuta, e peza bem minhas idéas,  
 Sentirás o valor, que eu d'ellas tiro.  
 Como que eu sinto a voz nas fauces cheias

Desatando expressões ; deu a Verdade  
 Na lingua profuzão, calor nas veias  
 Os meus discursos tem simplicidade,  
 Falla o meo coração, n'elle se apura  
 De minhas expressões a ingenuidade.  
 Do Espirito de Deos sou creatura,  
 Este assopro da vida me foi dado  
 Tão puro, como a luz brilhante, e pura.  
 Não te queiras oppor, eu fui creado,  
 Como tu ; quem nos fez, do mesmão modo  
 Fez a todos ; responde ; se és formado  
 De materia, qual foi, senão de lodo ?  
 Logo não ha razão, porque t'espantes  
 De me ouvir, quer em parte, quer no todo.  
 A frase, ou cunho d'expressões brilhantes  
 Não muda a essencia do que tu disseste.  
 Tuas palavras forão dissonantes ;  
 A voz inda retumba... o écho é este :  
 Eu sou limpo de culpa, immaculado,  
 Tão puro, izento de contagio, ou peste,  
 Que o Senhor tendo assim deliberado,  
 Só por queixas, não mais, me considera  
 Como seo inimigo. Eu fui lançado  
 De injuria ao cepo ; a mão, que me prendera,  
 Igualmente os caminhos observara  
 Do que eu fiz, ou suppõe, que então fizera  
 Aqui tens, o que injusto te declara.  
 Disputas contra Deos, que te despreza ;  
 Em vão vês a distancia, que o separa  
 Da tua pequenez ? Quando a grandeza  
 De Deos se explica, e falla, os homens tremem,  
 Segunda vez não falla ; a natureza  
 Tem a voz do trovão. Suspirão, gemem.

Por sonhos aquelles, que esquecidos dormem,  
 Sem prever o perigo, que não temem.  
 Visão nocturna faz, que se reformem :  
 Da soberba o delirio castigando,  
 Impõe, que co'a virtude se conformem.  
 Deos, que o homem castiga ; o salva, quando  
 Da geral corrupção, do ferro a ampara,  
 Dá-lhe dores crueis, vão-se mirrando  
 No leito os ossos nús. Por fim dispara.  
 A incdia o tiro ; o pão, que apetecia  
 N'outro tempo, a comida agora encara  
 Com repudio, e desprezo ; até que um dia  
 Descobertos, sem carne os ossos desção  
 Ao sepulchro ; e á sua alma em agonia,  
 Como em bando, os remorsos appareção ;  
 Já sente a corrupção, desamparado,  
 Sem calor, as funcções da vida cessão.  
 Se houver um anjo, que entre mil guiado  
 Á seu favor, aos homens annuncie  
 Do seu dever a rectidão, o estado ;  
 Se houver soccorro, ou braço, que o desvie  
 Da morte, e corrupção, que o ameaça ;  
 Se houver um anjo que no Ceo vigie,  
 Dizendo, que o achou digno de graça ;  
 Talvez remoce a carne consumida  
 Em castigos, talvez menos escassa  
 A mão, que pede a Deos a paz, e a vida,  
 O perdão pedirá, justificando  
 No jubilo d'uma alma arrependida  
 A presença d'um Deos suave, e brando.  
 De novo aos homens voltará dizendo :  
 Pequei, deveras delinquei fallando.  
 Castigo inda mais forte merecendo,

Eu confesso, o que sou. Se um Deos me afasta  
 Do caminho da morte, a luz, vivendo  
 Me conduz ao porvir. Se um Deos arrasta,  
 E opprime os homens, muitas vezes cresce  
 Co'a oppressão a virtude, é um Deos, e basta,  
 Que co'a luz dos viventes m'esclarece.  
 Se tens que oppor-me, oh Job, responde,  
 O justo, porque é livre, comparece.  
 Se não tens que dizer, ouve-me, e cala.  
 Quando a luz no meo seio as trevas rompe,  
 Sabedoria para o teo resvale.



#### CAPITULO XXXIV.

Eliú prosegue, e marca o seu discurso  
 Exclamando : Eruditos, escutai-me,  
 Ouvi-me, ó sabios, eu achei recurso  
 Nas palavras de Job ; se não mostrai-me,  
 Que o ouvido não julga, do que sente,  
 Ou se o gosto fallece, então provai-me.  
 Mas o senso commum jámais desmente  
 A causa, nem o effeito ; logo havemos  
 Decidir entre nós humanamente,  
 O que é justo, e melhor, assim tratemos.  
 Disse Job : Eu sou justo, e mal julgada  
 Foi a minha sentença ; Em dois extremos  
 Pecca o juizo ; a sentença transtornada  
 Foi por Deos ; a mentira é dissonante,  
 Mas a setta veio lenta, e não manchada.

Que homem ha seo igual, ou semelhante?  
 Bebendo o escarneo Job, co'a iniquidade  
 Caminha, e falla, e obra a cada instante  
 Sem fugir das veredas da impiedade.  
 Diz que o homem é um poço de delictos;  
 Que busca, ou corre a Deos contra a vontade  
 Do mesmo Deos ; mas vós sois eruditos,  
 E cordatos ; portanto ouvi-me agora ;  
 Ha dois pontos que são como infinitos  
 Em distancia, a impiedade insultadora  
 Co'a injustiça, d'um Deos se afasta, e foge :  
 É recto, e justo ; a mão que é vingadora,  
 Hontem recta em punir, suave é hoje,  
 Tecendo palmas, que a virtude espera.  
 Deos castiga e premeia, sem que arroje  
 Do seio da justiça a mão ; pondera,  
 E decide. Qual outro Elle sustenta  
 Sobre o mundo, que fez? só Elle impera.  
 Se Deos se armasse d'intenção violenta  
 Contra os homens, o espirito voltara  
 De todo as mãos d'um ser, que o aviventa.  
 A carne ao mesmo tempo definhara ;  
 E um ser mais livre do que palha, e vento  
 Tornando á terra, em cinza se tornara ;  
 Porém tu qu'inda tens entendimento,  
 Escuta humilde o écho da verdade.  
 Não desprezeis a força do argumento.  
 Com que orgulho, com que temeridade  
 Tu condemnas o justo! Se te opprime,  
 Elle cura a fraqueza, enfermidade  
 De quem ama a justiça. Elle reprime .  
 O rei, e o chama apostata ; a grandeza,  
 Quando é impia, elle faz gemer no crime.

A pessoa dos principes despresa ;  
 Se o tyranno disputa contra um pobre,  
 O senhor nem o vê. Na redondeza  
 Do universo envolvido Elle descobre.  
 Signaes do seo amor, entes creados,  
 Da luz, que os aviventa, imagem nobre.  
 Morrerão d'improviso arrebatados  
 Os tyrannos do mundo. Horror, tumulto,  
 A meia noite os povos sublevados  
 Punirão a violencia. O brado occulto  
 Da justiça escondendo a mão no seio,  
 Põe aos olhos dos homens neste insulto  
 O horror do crime, da maldade o freio.  
 Deos vigia, resolve, e considera  
 As acções de quem obra sem receio.  
 Nem co'as trevas da morte s'escondera  
 O fantasma cruel da tyrania.  
 Morre o impio sem luz ; jámais pondera,  
 Que não deve escapar da morte um dia,  
 E que ha de ser então por Deos julgado.  
 Quem combate, ou destróe a rebeldia,  
 E a multidão sem numero quebranta,  
 Outros em seo lugar eleva, e cria.  
 Estes, porque são bons, Elle as levanta,  
 Mas aquelles, por máos são reduzidos  
 As trevas, e ao terror, ora os espanta,  
 Ora a vista de todos são feridos  
 Como taes, impios são, que se apartaram  
 De proposito, como seduzidos,  
 Por não vêr o Senhor, que despresaram,  
 Do qual fugindo, em tudo se csqueceram,  
 Que o clamor do indigente suffocaram,  
 Que aos pobres por maldade s'esconderam.

Quem ha que negue a paz, se Elle a concede ?  
 Que nações do Universo o conheceram ?  
 Se Elle esconde o seu rosto, a luz impede,  
 Ninguem mais o contempla ; a iniquidade  
 D'um povo castigando, Elle não cede,  
 Faz do hypocrita sello da impiedade,  
 Põe-lhe o sceptro nas mãos. Eis o meu juizo,  
 A respeito de Deus. Se por maldade,  
 Ou ignorancia errei ; não perde o siso,  
 Quem ama a corrupção. Nada accrescenta,  
 Sei calar-me tambem, quando é preciso.  
 Se eu fui comtigo a meu pezar violento,  
 Por ventura o Senhor te pede conta ?  
 Tu primeiro fallaste, agora attento  
 Se tens, que produzir de melhor monta,  
 Eu t'escuto. Sê probo, intelligente ;  
 É recto o juizo, se a vontade é prompta.  
 Job fallou tão soberba, e nesciamente,  
 Que expressão foi o écho da doutrina,  
 Meu pai (conclue) d'um cego, e renitente  
 Não retires a mão, que o examina,  
 Prova-o, Senhor, até que emfim pereça.  
 Blasfemando no horror da propria ruina ;  
 Confusão, e remorso ao impio cresça ;  
 Oiça a voz do trovão, depois appelle  
 Para o Juizo de Deus, e compareça.



CAPITULO XXXV.

Eliú prosegue, e diz desta maneira :  
 —Mais justo eu sou que Deus —Assim disseste :  
 É tens esta asserção por verdadeira ?  
 Não te agrada o que é justo, o juizo é este :  
 Se eu sou reo, que proveito te resulta ?  
 Refutando os discursos, que fizeste,  
 Agora eu te respondo : Embora insulta  
 A mão, que te creou. Se a Divindade  
 Fosse as leis do Universo estranha, occulta,  
 Comtigo aos teus amigos em verdade  
 Fallando eu conjurara. Ao Céu levanta  
 Os olhos, e contempla a claridade  
 Dessa abobada azul, que enarra, e conta  
 A gloria do Senhor no Firmamento ;  
 Responde ; a immensidade não t'espanta ?  
 És mais alto que o Céu ? No agastamento  
 Da tua iniquidade os teus delictos  
 Que podem contra Deus ? Não é violento  
 Transpor os marcos, que nos são prescriptos ?  
 Demais que podes dar-lhe ? As mãos do justo  
 Accrescentão thesoiros infinitos.  
 Tu podes empecer ao pranto, e susto  
 Do infeliz, teu igual, tua impiedade,  
 Ou justiça é uma herança, que sem custo  
 T'investe, e te conduz á eternidade.  
 De calumnia opprimidos. lamentando  
 A força dos tyranos, que anciedade !  
 Que terror ! os mortaes vão degradando !  
 Ninguem recorre a Deus, a creatura

Do proprio Creador fugio, clamando,  
 Sem se lembrar de Deus ; ninguem procura  
 Entoar as canções, "que a noite inspira.  
 A mão, que fez o dia, a noite escura  
 Tambem cobrio de horror ; Ella nos tira  
 Da inercia, sobre tudo que é vivente,  
 Sobre as aves do Céu; furor, nem ira  
 Illustra, pode mais que a chamma ardente  
 Do instincto, e da razão. Se despertarem  
 Um dia, hão de invocar Omnipotente ;  
 Quanto mais a soberba se entregarem,  
 Tanto menos serão de Deus ouvidos ;  
 Mas aquelles emfim, que o invocarem  
 Dizendo : Elle não vê, de teus sentidos  
 Julga tu mesmo diante d'Elle, espera—  
 Nem por isso hão de ser logo punidos.  
 Deus a causa de todos considera ;  
 Desata o seu furor, quando é preciso.  
 Por tanto abrindo a bocca, Job pondera  
 Razões que foram só dignas de riso.  
 Desacordo em fallar é só loucura,  
 E prudencia o saber fallar com juizo.



### CAPITULO XXXVI.

Eu m'explico melhor. soffre-me um pouco ;  
 As razões que te expuz, accrescentando,  
 (Continúa Eliú cançado e rouco)  
 Eu pertendo provar, de Deos fallando,  
 Que o meu Pai, e Senhor é justo, e recto :

O discurso outra vez recomeçando  
 Em verdade, sem mancha d'indiscreto  
 Farei vêr, que a sciencia é consumada,  
 Quando é solido o juizo e são o objecto.  
 Por ti mesmo esta ideia comprovada  
 Deixa vêr, que a illusão do poderoso  
 Sustem no throno os reis, exalta o nobre ;  
 Esse os vê maneatados, arrastando  
 Os grilhões da pobreza, lhes descobre  
 A oppressão, que fizeram ; recordando  
 O que devem fazer, os reprehende,  
 Envolvida no horror a luz mostrando.  
 Se obdecem á risca. Elle os defende,  
 E descenção em paz, de glorias cheios ;  
 Mas quando nenhum d'elles se arrepende,  
 Elle os deixa passar a espada, os meios  
 Correspondem aos fins, Elle os entrega  
 A loucura, ao remorso, a mil receios,  
 Que a maldade conduzem triste, e cega.  
 Traidores dobres, vãos, dissimulados,  
 Dos reis do coração jámais socega ;  
 Contra si provocando desvairados,  
 A vingança de Deos, gemendo afflictos  
 Em ferros em silencio, amargurados  
 Nas procellas, e horror de seos delictos  
 Acabão de repente. O bando informe  
 Da injustiça, ou de males infinitos,  
 A privação, esse monstro, vicio enorme  
 De reis afeminados, vão seguindo  
 A poz os reis. Por mais que se conforme  
 O vicio com a illusão, a angustia abrindo  
 O clarão da verdade, o pobre exclama !...  
 E Deos, a voz do angustiado ouvindo,

Da angustia o salva, porque Deos não ama,  
 Nem permite, o que é injusto, e temerario :  
 A abundancia co'a paz elle derrama.  
 Sempre justo, e fiel, nunca arbitrario,  
 Como um impio te julga, e tu ganharas  
 O juizo como réo, não sendo vario.  
 Opprimindo a virtude, perpetraras  
 Um crime inda maior, fora baixeza,  
 Se a receber sem dar tu t'inclinaras.  
 Reprime pois o orgulho da grandeza,  
 A força abate, os fortes atropella,  
 Reprimindo o valor, mas sem tristeza.  
 Não delates a noite, pois quem véla  
 Sobre as ondas, previne a tempestade ;  
 Quem receia, de longe se acautela.  
 Vê não tombes no horror da iniquidade.  
 Se a miseria te abriga, a um Deos constante,  
 Sublime em fortaleza, e magestade,  
 A um Deos, que é sem igual, nem semelhante,  
 Recorre ; Elle é fiel, só Elle forte,  
 Firme, e sabio nas leis ; a cada instante  
 Seos arcanos se occultão de tal sorte,  
 Que ninguem te dirá : Tu commetteste  
 Injustiça, retendo, ou dando a morte.  
 Ora dize-me, tu comprehendeste  
 Os mysterios, que os homens decantarão ?  
 Quando tu vês a abobada celeste,  
 Vês do artifice as mãos, que o fabricarão ?  
 Todos nós o Architecto conhecemos,  
 Mas quem o vê de perto ? As mãos declararão ?  
 Pelas obras, que é grande ; e poderemos  
 Contar os annos seos, quando Elle excede  
 As grandes maravilhas, que nós vêmos ?

Sobre as aguas domina, a chuva impede,  
 Solta, quando lhe apraz, grossa torrente,  
 Que das nuvens tombando, como a rede,  
 Que tudo cobre, as frutas, e a semente  
 Allaga, Elle bem pode, sacudindo  
 Scentelhas dardejar co'a mão rubente ;  
 Co'a propria luz relampagos abrindo,  
 Erguer um pavilhão de nuvens ; pode  
 Os pontos cardeaes do Ceo cobrindo,  
 O oceano toldar. Quando Elle acode  
 Co'o sustento aos mortaes, quando Elle esconde  
 Nas suas mãos a luz ; quando sacode  
 O facho da contenda ; aos máos responde,  
 E manda a luz de novo que appareça.  
 Descobre o justo, porque o ama, aonde  
 Pode achar, o que é seo faz que o conheça ;  
 Que das trevas fugindo, a luz o ampare,  
 Que entre em posse da herança, e que floreça.



## CAPITULO XXXVII.

Inquieto o coração no peito bate!..  
 De seo poder a ideia me horrorisa!  
 Escuta o som terrivel do combate!..  
 Eis a voz do trovão, que se deslisa,  
 Sahe da boca de Deos. Grandes da terra,  
 Ouvi, tremei... Se o echo atemorisa  
 Que horror não vem do raio, que elle encerra!  
 Tudo abaixo do Ceo, Elle examina,

Do relampago a luz desfaz, desterra  
 As sombras do universo. Elle domina  
 Sobre a voz da grandeza ; trovejando  
 Apoz Elle o terror, e o écho ensina  
 O ruido da voz. De quando em quando  
 Ella soa e ninguem a comprehende.  
 O rebombo das serras atroando,  
 Maravilhas de Deos o écho aprende,  
 Que Elle é grande, insondavel reconhece.  
 Manda a neve, que tombe, ella se estende  
 Sobre os campos ; a chuva lhe obedece ;  
 Desprende alluviões, põe sello a tudo ;  
 E o malvado a si mesmo se envilece ;  
 Tudo a voz da tormenta é quedo, e mudo.  
 Sopra o vento do Arcturo enregelado ;  
 Busca ao frio calor, ao medo escudo  
 A fera no covil. É gelo o prado,  
 A um assopro de Deos a fonte é gelo,  
 Que de frio em torrentes derramado  
 Se derrete, e desfaz. Na espiga o grelo  
 Da seara co'as nuvens alegrando  
 Reparte ao camponoz co'a luz disvelo  
 As nuvens tudo em torno alumando  
 A vontade lh'espreitão, e obedecem,  
 Um leve aceno seo aproveitando,  
 Sobre a terra, que é sua, as nuvens descem.  
 Seja tribu estrangeira, em qualquer parte  
 De seo gosto, e vontade se esclarecem.  
 Ouve, ó Job, maravilhas, que reparte  
 A mão do Omnipotente, considera  
 Comtigo mesmo... E podes tu dest'arte  
 Saber, o que em si mesmo Elle pondera ?  
 Quando á chuva mandou que descobrisse

De seos raios a luz, que apparecera?  
 Por ventura houve mão que dirigisse  
 Das nuvens a vereda? Ou regulando  
 A sua intelligencia ao menos visse  
 O gráo de perfeição? Calor mais brando,  
 Ou mais forte o vestido não te aquece,  
 Do meio dia os ventos assoprando?  
 Ou tu formaste o Ceo? Não te parece  
 Que é de bronze essa abobada azulada?  
 A quem deves a luz quando amanhece?  
 Ora dize: a razão se é demonstrada,  
 Involvidos em trevas nos achamos,  
 Nem se quer para nós foi destinada.  
 Que devemos dizer-lhe? Se fallamos,  
 Haverá quem lh'o diga? Morreremos  
 Opprimidos do ar que respiramos.  
 Agora não ha luz, e o que nós vemos  
 É que as nuvens a esphera condensando,  
 De repente ella passa a dois extremos;  
 Porque o vento a borrasca dissipando;  
 Descobre e traz a luz. A claridade  
 Vem do norte, as estrellas scintillando  
 Do norte o oiro vem, do Ceo verdade.  
 Louvemos com temor, constancia, e zelo  
 O grande, o forte, o justo; em magestade  
 Quem pode ouvir-lhe a voz, ao menos vel-o?  
 Comprehendes, quem é, sendo ineffavel?  
 Os homens só de ouvir devem temel-o  
 É um Deos terrivel, prompto, e inexoravel;  
 Nem os sabios do mundo ao menos podem  
 Contemplar, quem é Deos sendo Elle amavel.



## CAPITULO XXXVIII.

Sahe d'um vortice a luz que a voz esconde ;  
 Geme o ar no estampido retumbando ;  
 Deste modo o Senhor responde :  
 Quem é este, que falla, misturando  
 Responde agora tu, primeiro dando  
 A fraqueza o que é seo. Quando eu lançava  
 Da terra os fundamentos, quem me ouvia ?  
 Aonde estavas tu, quando eu fallava ?  
 Viste a mão do Architecto, que a media ?  
 Sabes tu, como, ou quando se formarão  
 As bases em que ponto se firmarão ?  
 Quem á pedra angular deo firme assento ?  
 Quando os astros louvores m'entoarão,  
 Ao romper da manhã no firmamento,  
 Quando em jubilo os aujos me renderão  
 Culto, gloria, louvor, acatamento,  
 Quem poz diques ao mar ? Que forças derão  
 Equilibrio, attracção ao mar furioso,  
 Quando as agoas a um centro reverterão ?  
 Em fachas infantis eu envolvia,  
 Puz-lhe como um ferrolho sonoro,  
 Que das ondas o termo prescrevia ;  
 Encerrei-o, e lhe disse : — Chêga, e pára,  
 Daqui nem mais um ponto.—O amar bramia,  
 Quando as tumidas ondas encerrava  
 Nos limites da terra. Prescreveste  
 Um ponto a Aurora, quando a luz prepara  
 Os rubins no horisonte ? Ou tu nasceste,  
 E depois regulando a luz d'Aurora,

A estrella da manhã circunscreveste ?  
 Lançaste a mão robusta e vingadora  
 Sobre as orlas da terra, que abalada  
 Os impios arrojou do seio fora ?  
 Como em barro a figura foi gravada,  
 Não se pode abolir ; é permanente  
 Como um vestido. A força quebrantada  
 Nem a luz da razão é transcendente.  
 Dos impios o poder n'um ponto expira,  
 Aos impios tudo acaba de repente.  
 Quem é que pode quebrantado a ira  
 Das ondas, passear no abysmo escuro ?  
 Do horror do inferno a entrada a quem se abraira ?  
 A quem o lago tenebroso, impuro  
 Se abriu ? Responde, tu consideraste  
 A terra desde o Arcturo até o Arcturo ?  
 Ensina-me, se podes, tu sondaste  
 Os arcanos da luz ? Um ponto ás trevas,  
 Como centro da noite, assignalaste ?  
 E tudo ao seu lugar conduzes, levas ?  
 Entre os famulos teus de tudo sabes ?  
 Sentes ainda as sensações primevas,  
 Ou tens por vêr a luz, de que te gabes ?  
 Precedeste ao teu proprio nascimento ?  
 Mediste o curto espaço, em que tu cabes ?  
 Podes dar a razão do ar, do vento ?  
 Os thesoiros da neve descobriste,  
 Ou da saraiva tens conhecimento ?  
 Tudo eu tenho nas mãos, tudo me assiste  
 Para o dia guerra, ou da vingança.  
 Como a luz se diffunde ; como é triste  
 A terra sem calor ; como a lembrança  
 Os objectos produz, e a terra sente

O calor, que se espalha, o juizo alcança ?  
 Que derramou das chuvas a torrente,  
 Dando espirito, e força a tempestade ?  
 Quem deu rumo ao trovão, e ao raio ardente ?  
 Quem fez cahir a chuva em quantidade  
 Nos desertos, aonde é um vacuo a vida ?  
 Não remoça o calor, a actividade,  
 Depois da inundação ? Ou destruida  
 A terra, não produz, não reverdece ?  
 A abundancia em que seio foi nascida ?  
 Quem as sombras formou, quando escurece ?  
 D'onde nos vem o orvalho, a chuva, o gelo ?  
 Buscando a solidez, não se endurece  
 O ar em gottas d'agua ? O caramelo  
 Não cobre a superficie, que apertando  
 Da terra os poros, põe no abysmo o sello ?  
 Tu revolves o Ceo, como ajuntando  
 Das Pleiades, a luz, que o Toiro adorna ?  
 Ou do Arcturo as estrellas regulando  
 Lhe prescreves o gyro ? A luz que entorna  
 A estrella da manhã, de ti procede ?  
 Ou é teo o esplendor, quando ella torna  
 C'o sereno da noite ? A mão qu'impede  
 No zodiaco o espaço rutilante,  
 Sem que a zona dos tropicòs se arrede,  
 Tu podes regular ? No teo quadrante  
 Dás a razão do Ceo ? Ou tu desatas  
 Do relampago o raio crepitante,  
 E das nuvens abrindo as cataractas  
 Ordenas, e o diluvio te obedece ?  
 Talvez por bocas relatando ingratas,  
 A propria natureza reconhece,  
 Que do mundo sensivel no intervalo,

Quando a luz no horisonte resplandece,  
 Dando aos homens sciencia, instincto ao galo,  
 Tu foste autor de tudo? Esta harmonia  
 Do Ceo tu podes descrever? Prival-o  
 Da luz tu podes? Quando se fundia  
 O pó na terra, que em torrões se amassa,  
 Era o tempo, a estação ou quente, ou fria?  
 Occulta no covil, de presa escassa,  
 Nas cavernas a leôa, quem sustenta  
 De seos cachorros a faminta raça?  
 Quem do corvo os filhinhos alimenta?  
 Da fome o impulso vagueando grasnãõ,  
 Reconhecem a mão, que os aviventa.



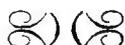
## CAPITULO XXXIX.

Tu sabes, quando sobre a rocha dura  
 Pare a cabra montez? Ou tu já viste,  
 Quando parem os corvos? Por ventura  
 Contaste os mezes, em que o parto assiste  
 Ao fructo da prenhez? Rugidos dando,  
 No aperto, e confusão d'estado triste,  
 O da especie calor multiplicando,  
 As mãis se curvão, quando as crias nascem,  
 Que ao mesmo tempo as mãis abandonando,  
 Assim que vem a luz, na relva pascem.  
 Quem ao asno montez livrou do aperto,  
 E fez que os seus grilhões se espedaçassem?  
 Quem lhe deu receptaculo no deserto,

E sustento no chão, que era infecundo?  
 Não quer paz co'as cidades, nem concerto,  
 Despreza a multidão, que aloja o mundo,  
 Os gritos do Exactor despreza, olhando  
 Em roda os montes, desce ao mais profundo  
 Dos vales, a verdura procurando  
 A pastagem, que é sua. Experimenta,  
 Vê, se as feras nos montes apanhando,  
 (Eis um rhinoceronte se apresenta)  
 Tu podes entre os bois ao jugo atal-o;  
 Ou se preso á charrua te accrescenta,  
 Ou alimpa o suor; nesse intervallo  
 Vê se á força do bruto se estorrea  
 O vale apoz de ti; podes deixal-o,  
 Suppondo mesmo, que a confiança é boa,  
 Incumbido do amanho, ou da semente;  
 Mal fundada esperanza murcha, e vôa.  
 Nada tem o avestruz, que se accrescente  
 Co'as pennas do falcão, nem da cegonha.  
 Quem ha, que os ovos seos cobrindo aquente,  
 Ou gradue o calor? Não se envergonha  
 De expol-os á irrisão, porque não teme  
 A força nem dos pés, nem da peçonha.  
 Desconhece, o que é seo cruel não geme  
 Co'a desgraça dos filhos, trabalhando  
 Debalde, ensina a revestir, não teme;  
 Porque Deos esta raça procreando,  
 Além do instincto nada mais lhe dera.  
 Quando é tempo, nas azas remontando  
 O vôo ás nuvens, zomba, e se apodera  
 Do espaço, onde não chega o cavalleiro.  
 Quem deo brio ao cavallo? Ou quem podera  
 Seo colo ornar de rinxo lisongeiro?

Quem o impulso lhe deo, que airoso imita  
 No salto ao gafanhoto, que é rasteiro?  
 O seo fogo respirar excita  
 Gloria, e terror; seo casco a terra escava,  
 Brioso corre ás mãos de quem o irrita;  
 Salta, avança, accomette, e quando escava  
 Do medo, a força empunha o ferro, a lança,  
 Bravetea espumando; o escudo, a aljava  
 Ruidosos tremem; quando rincha, avança  
 O ferro mastigando, o pó sorvendo  
 No espaço, onde o clarim desprende a transa.  
 Acode ao som, furioso rebatendo  
 O susto... como que esta voz resoa...  
 —Vah!— que a guerra de longe o ar enchendo  
 De alarido, e de horror furiosa atroa...  
 Exportando dos chefes a firmeza,  
 Já do exercito a furia o chão povoa.  
 O falcão tem nas azas a defeza,  
 Renovão-se ao calor do meio dia,  
 Porque elle abrindo as azas, não despreza  
 O vento austral. És tu, quem concilia  
 Das aves o calor? És tu, que ordenas,  
 Ou elevas a mão, que as aguias cria?  
 Seos ninhos formão, quando vão serenas  
 Ao mais alto da rocha alcantilada;  
 Nas pedras morão, vem do cimo as pennas;  
 Cobrindo a encosta d'ingrime, e escarpada  
 Grimpa, que vai ao Ceo. Dalli soltando  
 Avista ao longe, a preza desgarrada  
 De repente nas garras apanhando,  
 Ensanguenta os cadaveres que, arrosta,  
 Dos filhinhos o bico ensanguentando.  
 Accrescenta o Senhor, como em resposta:

Quem disputa com Deos, tão facilmente  
 Acquiesce, e não falla? Ou te desgosta,  
 O que acabas de ouvir? Tu foste arguente,  
 Deves agora defender-te, falla.  
 Job responde ao Senhor: Um delinquente  
 Que tem de produzir? Fazendo gala  
 D'expressões insisti, fallei, agora,  
 Tapado a boca, a minha voz se cala.  
 Se eu fora mudo, mais humilde eu fora.  
 Nada mais accrescento; a leviandade  
 Irrita os males seos, nunca os melhora



## CAPITULO XL.

Sem que o vortice um ponto descobrisse  
 Do centro, a luz desfez de todo o engano;  
 Respondendo o Senhor a Job, lhe disse:  
 Precinde os lombos teos, ó fraco humano  
 Responde, eu te pergunto: Foi baldado  
 O meo juizo talvez, ou por tyranno  
 Serei por ti, que és justo, condemnado?  
 Se tens o braço meo, se trovejando,  
 Como eu trovejo, a luz te cinge o lado;  
 De gloria; formosura ataviando  
 A face, te reveste; e te atavia  
 De pompa, e de esplendor; dos Ceos olhando  
 Sobre a terra, confunde a rebeldia  
 Dos soberbos do mundo. Um ar sómente  
 De teo furor quebrante, atterre um dia

A arrogancia dos impios. A torrente  
 S'esconda, ou se devolva ao pé da terra.  
 Debalde o impio no sepulchro intente  
 Perguntar, quem é Deos? Se tanto encerra  
 A dextra tua, então ha de salvar-te.  
 Pascendo como boi, não teme a guerra  
 Behemoth; o monstro assim pode igualar-te,  
 Das minhas mãos tambem foi creatura;  
 Reflecte bem, não queiras enganar-te:  
 Dos rins a fortaleza lhe assegura  
 O vigor, que no embigo representa;  
 Da cauda a solidez é firme, e dura  
 Como o cedro; os testiculos augmenta  
 Enlaçada porção de nervos grossos,  
 Por onde força ao fluido se accrescenta.  
 Rijas cauas de bronze tem por ossos,  
 Por cartilagem laminas de ferro;  
 É o principio da luz. Velhos e moços  
 Tremem da espada, que cástiga o erro.  
 Retouça junto delle a massa informe  
 Dos outros animaes; não mostra aferro  
 Da pastagem na especie. A sombra dorme  
 De verde canavial, como escondido  
 De pantanos erguendo o vulto enorme,  
 Rodeado de sombras, defendido  
 Topeta co'os salgueiros da torrente.  
 Absorve um rio inteiro, e promettido  
 (Sem excesso) elle tem, que um dia a enchente  
 Do Jordão absorvida pela boca  
 Behemoth ha de esgotar. Como a serpente  
 Que aos olhos salteando a luz suffoca;  
 Assim o anzol um dia ha de apanhal-o;  
 E a cartilagem do nariz, que é oca;

Um páo furando, pode soffocal-o.  
 E por ventura a Leviathan prendendo  
 A lingua, poderás talvez ligal-o?  
 Pondo-lhe argola no nariz, sustento  
 Na queixada um anel, conseguirias  
 Talvez prendel-o? Por ventura erguendo  
 A ti clamor, e queixas, lhe ouvirias  
 De meigas preces incessante apuro?  
 Ou talvez como escravo o obrigarias  
 A um concerto feroz, violento, e duro?  
 As escravas farão divertimento,  
 Brincando á mão c'o passaro seguro?  
 E delle zombarás? Por mór tormento  
 Os teos amigos, negociando a pelle  
 Em trossos partirão? ou tegumento  
 Com ella ás redes dando, forão d'elle  
 Irrisão, co'a cabeça enchendo a massa?  
 Se tu não temes que o teo sangue gele,  
 Põe-lhe a mão, não duvides; se á desgraça  
 Da guerra, sem fallar, aos olhos lanças,  
 Em silencio verás, que a luz escassa  
 Do abysmo ha de sorver tristes lembranças;  
 Que todos o verão precipitado  
 No golfão de baldadas esperanças.



## CAPITULO XLI.

Seguro, e livre eu posso dispartal-o ;  
 Ao meo semblante quem resistiria ?  
 Deo-me alguém o poder? Houve intervallo  
 Entre a voz, e o clarão, que a luz abria ?  
 Tudo abaixo do Ceo me está sugeito,  
 De mini depende a luz, a noite, o dia ;  
 A quem na terra guardarei respeito ?  
 Compostas expressões baldadas forão,  
 Nem da supplica o tom me fora aceito.  
 No seo vestido occultas se demorão,  
 D'intrinseca rizez a qualidade,  
 Rugas ou máncas, que jámais descorão.  
 Quem abre, ou rompe a densa escuridade,  
 Qu'involve o rosto seo? Nos dentes gyra  
 Fortaleza, terror, raiva profunda.  
 O seo corpo é um compacto, que respira  
 Escamosa fusão de apinhoados  
 Escudos, que a materia comprimira ;  
 Tão fortes, uns aos outros tão ligados,  
 Que nem se quer o ar entre elles passa,  
 Nem podem ser do todo separados.  
 O seo espirro é fogo, que ameaça,  
 Scintilla, como as palpebras d'aurora  
 A luz dos olhos seos. Desembaraça,  
 Soltando em fio pela boca fora,  
 De achas de fogo alampadas ardentes.  
 Pelos narizes fervido evapora  
 Fluido incendiado ; tumidas, ferventes  
 Chammas da boca o halito assoprando,

Incendia o carvão ; como pendentes  
 Fortaleza, e vigor seo colo ornando  
 Vão sempre diante delle a fome, o ruido.  
 Os membros do seo corpo entrelaçando  
 O todo é tão conjuncto, e guarnecido  
 De força, e rigidez, qu'impentravel  
 Ao raio nem se move. Endurecido  
 Como a pedra, no seio invulneravel  
 Resiste o coração, como a bigorna  
 Ao malho do ferreiro inalteravel.  
 Quando o monstro se eleva, ou quando entorna  
 Das fauces o terror, os Anjos tremem  
 Buscando o espaço, que a pureza adorna.  
 Não resiste a coiraça, escudos gemem,  
 Lanças, espadas, tudo retrocede,  
 Julgaras mesmo, que os metaes o temem.  
 Tão leve, como a palha, as forças mede  
 Do ferro, elle reputa corruptivel  
 A materia do bronze. O ar impede,  
 Quando a setta o procura ; e se é possível,  
 Torna as pedras em palha, quando a funda  
 Carrega o ar de força irresistivel.  
 O malho é como a aresta, qu'infecunda  
 Elle atira no chão. Vibrar a lança  
 É materia de riso. O espaço abunda  
 De luz por baixo delle. Essa abastança  
 D'ouiro a terra produz, elle o despreza,  
 Pizando como em lodo, ao nada o lança.  
 Agita, e põe do mar a redondeza  
 Em tal effervescencia, que arrojando  
 A materia do fundo em globo acesa  
 Imita o oleo, que s'inflamma. Olhando  
 Apoz elle, as pegadas resplandecem ;

E co'as forças do abysmo relutando  
 As vagas espumosas encanecem.  
 Não ha na terra monstro semelhante,  
 À vista delle os outros estremecem.  
 As alturas descobre, e vigilante  
 Este chefe dos filhos da soberba  
 É tão falso, e cruel, como arrogante.



## CAPITULO XLII.

Responde Job : Senhor, eu Te confesso  
 Tudo é teo, nem sequer um pensamento  
 Te é occulto, Senhor, eu bem conheço.  
 Quem é este, que sem discernimento  
 Inverte, e occulta, o que o conselho exprime.  
 Ah! perdoa meo nescio atrevimento;  
 É virtude o temor, o excesso é crime.  
 Não te negues agora a responder-me ;  
 Eu te ouvi simplesmente, é mais sublime ;  
 E clara sensação reconhecer-me  
 Humilhado a teos pés, e arrependido  
 Confessar, o que fui reprehender-me  
 Confundiste o meo nada ; reduzido  
 À cinza e pó, que sou, mereço a morte ;  
 Fui nescio em me queixar, fui atrevido.  
 Eis o Senhor, fallando desta sorte  
 A Eliphaz de Theman : Vós proferistes,  
 O que era injusto ; sentireis mais forte  
 O poder do meo braço ; resististes

A impressão da virtude ; despresaste  
 O meo servo fiel ; porque mentiste ;  
 Tu, aos amigos teos assim fallaste.  
 Tomai agora pois sete carneiros,  
 E toiros sete, já que maltrataste  
 A Job, meo servo ; sem demora, inteiros  
 Nas chammas do holocausto offerecidos,  
 Expiai vossos crimes. Os primeiros  
 Votos do servo meo serão ouvidos,  
 Elle ha de orar por vós. Eu inclinando  
 A minha face a Job, como esquecidos  
 Vossos crimes serão ; de mim fallando  
 Job profere a verdade. — Conhecerão  
 O seo erro os amigos ; e aplacando  
 A ira do Senhor, assim fizerão,  
 Como ha pouco o Senhor lhes ordenara.  
 As supplicas de Joh o enternecerão  
 A pró dos réos. Enfim suspensa a vara  
 Da justiça, o Senhor a Joh premeia,  
 Dando-lhe em dobro, quanto lhe tirara.  
 Respira o justo, aperta-se a cadea  
 Do sangue, e da amizade ; concorrendo  
 Os irmãos, e os amigos, como a cheia,  
 Qu'innunda os valles, quando vai crescendo :  
 Co'a desgraça os amigos se perderão,  
 Mas apoz a fortuna renascendo  
 Comem de novo o pão, que já comerão.  
 Os males já passados consolando,  
 Os seos amigos outra vez vierão ;  
 E ante Job as caheças inclinando,  
 Um lhe offerece uma ovelha, outro lhe offerece  
 Uma arrecada d'oiro. Abençoando  
 D'este modo o Senhor a Job, parece

Mais feliz do que foi. Só de camellos  
 Seis mil depois contava. E quando accresce,  
 Ou assoma a tosquia, os brancos velos  
 Quatorze mil ovelhas fornecião :  
 De mil juntas de bois, na forma bellos,  
 Robustos abegões se abastecião :  
 Mil jumentos contava. E procreando  
 A prole sua, quando á luz sahião;  
 Entre todos dez filhos educando,  
 Sete varões, tres filhas, que elle amava :  
 —Cornustibio— a terceira nomeando,  
 —Cassia— a segunda, e —Dia— se chamava  
 A primeira. Jámais houve lembrança  
 De mór belleza, nem se reputava  
 No mundo haver igual. Deo-lhes herança,  
 Conforme aos filhos cabe. Entre os humanos,  
 Depois disto, por calculo se alcança,  
 Que Job vivera cento e quarenta annos ;  
 Que vio a quarta geração já velho,  
 E por fim descansou livre de damnos.

 FIM. 













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).